



CRIME DE PERSEGUIÇÃO

Vítimas lidam com ansiedade, depressão e medo da violência

Comportamento obsessivo é considerado um fator de risco para feminicídios e deve ser denunciado. **Página 7**

Foto: Itaragil Venâncio Marinho/Arquivo pessoal



Extração de minérios favorece indústria, mas gera impactos ao meio ambiente

Atividade pode comprometer a qualidade do solo, contaminar rios e lençóis freáticos, além de ampliar a emissão de dióxido de carbono na atmosfera. **Página 20**

Maior São João do Mundo atrai grandes marcas e investimentos

Patrocinadores da festa realizam ações estratégicas para se aproximarem dos clientes nordestinos.

Página 17

Foto: João Pedrosa



Novas ideias que superaram os desafios de editar A União

Entusiasta do jornalismo impresso, Beth Torres acompanhou de perto as adversidades impostas pela chegada das mídias digitais. Acumulou as funções de editora-geral e diretora técnica, e propôs mudanças no projeto editorial.

Páginas 14 e 15

Brasil-holandês foi período de batalhas e negociações entre países

Cenário de disputa no século 17, o Nordeste brasileiro ficou dividido. De um lado, os que apostavam na colonização holandesa, liderados por Pedro Poti; do outro, os que defendiam Portugal, apoiados por Filipe Camarão.

Página 25



Ilustrações: Tônio

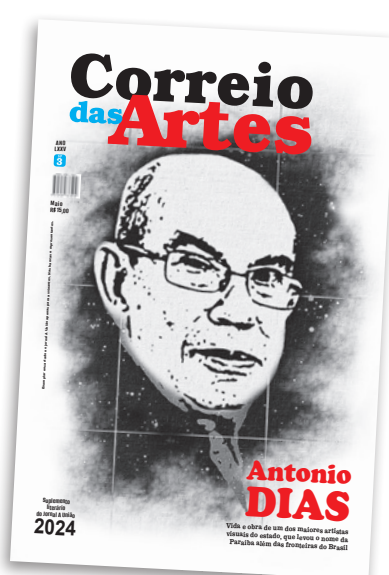
Sousa enfrenta o Atlético-CE e busca 2ª vitória na Série D

Jogo válido pela 6ª rodada do Campeonato Brasileiro acontece, hoje, no Estádio Marizão, às 16h.

Página 24

Correio das Artes

Nesta edição do suplemento literário, uma reportagem especial sobre a vida e a obra de Antonio Dias, um dos maiores artistas visuais do estado. Com uma trajetória reverenciada pela comunidade artística, viajou pelo mundo reinventando seu trabalho, conquistando reconhecimento internacional e deixando um legado que inspira gerações.



■ “O recanto escolhido para homenagear o presidente que fez a diferença da cidade de linhas coloniais para a moderna não podia ser mais apropriado e justo. Foi ali onde a aristocracia do açúcar e do algodão assentou sua morada”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “De estilo inconfundível, dado ao cultivo do vocábulo raro e precioso, da frase eloquente e de exuberância intertextual, Osias Gomes é desses nomes que se devem guardar no seletor aconchego da memória cultural”.

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11

Editorial

Forró é patrimônio

Surgido na primeira metade do século passado, o forró se popularizou na voz e na verve do cantor e compositor Luiz Gonzaga (1912-1989), eterno Rei do Baião. De lá para cá, o gênero passou por várias mudanças, mas se mantém como um símbolo da cultura nordestina. Não sem motivo, no meio do ano, período em que são celebrados os três santos festeiros (Santo Antônio, São João e São Pedro), o forró é o som que mais se ouve nessa região do país.

Tal riqueza cultural, a partir de agora, passou a traçar oficialmente o caminho do seu reconhecimento como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. Representantes dos governos da Paraíba e de Pernambuco, da Associação Cultural Balaio Nordeste e do Fórum Nacional de Forró de Raiz, entre outras instâncias políticas e culturais brasileiras e internacionais, formalizaram esse processo no decorrer dessa semana, em dois países europeus.

A primeira parada foi na França, onde a comitiva visitou a Embaixada do Brasil e se encontrou com diplomatas, produtores culturais e artistas brasileiros e franceses. Depois, rumou até a sede da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), com o objetivo de reforçar a solicitação. Da França, dirigiu-se a Portugal, para a realização do Fórum Internacional do Forró de Raiz, neste fim de semana, na cidade do Porto. Além de palestras, debates e mesas-redondas, o evento conta com apresentações de vários artistas brasileiros de forró.

Em 2021, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) transformou o forró em patrimônio imaterial nacional, a partir de proposta da Paraíba, oficializada em 2012. Espera-se que a mobilização ora em curso seja menos extensa, mas é sabido que ainda será uma ação de longo prazo, pois depende de uma série de análises técnicas, culturais e antropológicas. O objetivo, ao legitimar a importância do forró em nível internacional, é fortalecê-lo, nacionalmente, como política pública e como patrimônio cultural e identitário.

Ao fim desse processo, caso a Unesco faça o reconhecimento solicitado — e as perspectivas são bastante positivas, nesse sentido —, o forró será o sétimo bem brasileiro a integrar a lista internacional, juntamente com o samba de roda, a arte kusiwa (pintura corporal e arte gráfica), o frevo, o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, a roda de capoeira e o bumba meu boi.

O Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, de acordo com a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial — adotada pela Unesco em 2003 e ratificada pelo Brasil em 2006 —, é composto pelas práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas que as comunidades reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural, ao recebê-las dos seus ancestrais e repassá-las aos seus descendentes.

Artigo

Rui Leitão
ruileitao@hotmail.com

A prisão de Abelardo Jurema

No dia 1º de abril de 1964, o paraibano Abelardo Jurema, então ministro da Justiça do governo João Goulart, concedia uma entrevista na Rádio Mayrink Veiga, que três anos atrás liderara a rede radiofônica conhecida como a Cadeia da Legalidade, organizada por Leonel Brizola, igualmente defendendo a manutenção da democracia e colocando-se na linha de frente de uma resistência em prol da Constituição Federal em vigor, quando, repentinamente, a rádio foi tirada do ar pelos militares.

Naquele momento, ele tomava conhecimento de que o Golpe civil-militar estava em curso. Foi informado, também, que o presidente João Goulart já teria abandonado Brasília e se descolado para a fronteira com o Uruguai, em busca de asilo. Resolveu ir ao aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro, com o intuito de viajar para Brasília, pretendendo reassumir seu cargo de deputado federal. Militares do 2º Exército o aguardavam com a ordem de prisão. De lá foi transportado para o Forte de Copacabana, sendo submetido a interrogatório até a madrugada do dia 2, e depois liberado pelo general Jurandir Bizarria Mamede, diretor da Escola de Estado-Maior do Exército, o que teria motivado uma reclamação do presidente Castelo Branco.

Eis como nosso conterrâneo narra o episódio de sua prisão, quando se encontrava no aeroporto Santos Dumont: “o Cel. Alvarez, muito emocionado, me procurava discretamente, distante dos demais Ministros de Estado para me informar que uma patrulha de oficiais da Escola de Estado-Maior do Exército se achava em uma das salas do comando, com ordem de me conduzir preso. O Cel. Alvarez e o seu ajudante de ordens, Tenente Farias, sugeriram-me fugir por uma das portas do comando que dava acesso ao interior do quartel, onde se achavam viaturas que me conduziram para qualquer lugar que desejasse. Respondi ao Cel. Alvarez e ao Tenente Farias que estava muito reconhecido pela sugestão e pelo interesse que tomavam pela minha pessoa, mas que nada tinha a temer e nem iria comprometê-los numa fuga até ingloria”. Mostrou-se digno até quando se via numa situação que, para muitos, seria de desespero.

Por três dias permaneceu escondido em casas de amigos. Cassado, se exilou na Embaixada do Peru. Tinha informações de que a Polícia do então governador Carlos Lacerda havia invadido a sua residência na Cesário Alvim, disparando tiros de metralhadora para o alto, com o objetivo de prendê-lo. Ao perceber que um dos policiais vasculhava debaixo da cama do quarto, um jovem paraibano seu assessor, o interpelou: “O senhor já viu paraibano se esconder debaixo da cama?” O jornalista Abelardo Jurema Filho conta em um dos seus livros que: “Foi um período muito traumático. Nossa casa sempre foi ponto de convergência para os amigos, e de repente éramos tidos como comunistas, como pessoas proscritas. No colégio, eu era tratado como o ‘filho do ministro’ pelo diretor do colégio. E, de repente, passei a ser maltratado pelos colegas e pelo mesmo diretor”.

Esteve exilado na cidade de Lima, no Peru, por quatro anos, sobrevivendo, inicialmente, com a ajuda de amigos, até que conseguiu atuar como comerciante, vendendo charutos. Sua família ficou desamparada, pois não percebia qualquer rendimento para sustentação, pois lhe foi negado direito à pensão. Teve que recorrer aos parentes e amigos mais próximos para conseguir recursos financeiros para manutenção.

Retornando ao Brasil em 1974, continuou sofrendo restrições políticas. Só em agosto de 1979, quando o presidente João Figueiredo assinou o decreto que concedia anistia aos brasileiros punidos pela Ditadura, recuperou seus direitos políticos. Porém, não disputou mais nenhum cargo eletivo. Foi um paraibano que honrou nossa tradição de bravura.

“

Por três dias permaneceu escondido em casas de amigos

Rui Leitão

Foto Legenda

Ortilo Antônio



Comércio de alimentos invade as ruas

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Essa vida de estátua...

O busto do presidente Camilo de Holanda, no final das Trincheiras, foi arrancado do pedestal. Não soube pelo rádio, não li no jornal e menos ainda nas redes sociais. Faz isso uns cinco anos. Notei de relance ao passar pelos restos mortais de um dos postais que anunciavam a quem viesse do sul “a cidade mais vegetal do que urbana” assim estampada pelo paisagista mais fiel das nossas letras. Desrespeitei a norma e estacionei na calçada oposta para verificar de perto, à luz dos meus olhos e ao roçar dos meus dedos, a impotência das instituições do patrimônio cultural e histórico para defender-se e defendê-lo do desajuste extremado entre o quinhão que tem por que zelar e a massa bruta (porque nunca foi tratada) que não sabe o que vai comer no dia seguinte.

Historicamente, todos temos culpa. Desde quando, na prática, no efetivo, motivamos “as classes baixas” (esta tem sido a nossa linguagem) a respeitar os dignos de estátua? Até um certo tempo (lembro-me do aperreio do prefeito Damásio Franca), mantinha-se uma guarda-noturna nas praças, exceto na Praça João Pessoa, vigiada pela guarda dos dois palácios. Nesse mesmo tempo, a praça Pedro Américo não era apenas vigiada, tornara-se a morada dos sem-casas, sem-barracos, a corda das redes trançada no pescoço do pintor maior da Independência. Vem de longe, como se vê, essa insegurança duplamente histórica, isto é, no tempo e na distância sociocultural.

Ao ver o desmonte e achando-me sozinho e tão desamparado quanto as sobras do pedestal e as ruínas dos antigos palacetes, acudiu-me telefonar para Martinho Moreira Franco, que não era prefeito, tampouco secretário ou agente cultural, mas o parceiro seguro, sensível e pronto nesse gênero de cuidados.

- Camilo arrancou-se do pedestal - falei. Perguntou com quem eu estava, se sozinho. E tão logo soube: “Corra daí, você pode ser assaltado”.

Já falei nisto umas 10 vezes. O recanto escolhido para homenagear o presidente que fez a diferença da cidade de linhas coloniais

“

Foi quando viram casas bonitas como as que ainda restam em Tambiá e nas ruínas de Trincheiras

Gonzaga Rodrigues

para a moderna não podia ser mais apropriado e justo. Foi ali onde a aristocracia do açúcar e do algodão, com os ganhos da Primeira Grande Guerra, assentou sua morada mais representativa, mais invejada, todos de mirante para o grande vale que daria mais que “um campo de futebol de arquibancadas feitas pela natureza”, na visão deslumbrada de José Américo.

No tempo em que se erguiam estátuas, algumas até de sobra, a de Camilo coroa o acervo de obras suas, de 1916 a 1920, quando a cidade passou a trocar o casario colonial, quase todo de biqueiras para a rua, pela sucessão de obras e adornos de Trincheiras, Tambiá, Centro e com espaços marcantes como a Praça Venâncio Neiva, o conjunto Pedro Américo/Aristides Lobo, a Escola Normal (hoje Palácio da Justiça), o clássico edifício de A União, demolido por um intelectual no poder em 1973. Foi quando viram casas bonitas como as que ainda restam em Tambiá e nas ruínas de Trincheiras.

A homenagem do busto somente veio ocorrer na gestão do prefeito Oswaldo Pessoa, com a presença solidária do governador Oswaldo Trigueiro, apesar de adversários, 30 anos depois do governo de Camilo.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

Foto: João Pedrosa



Programação inclui temas importantes para trabalho de ouvidores, como as leis de acesso à informação e de proteção de dados

PAINÉIS E OFICINAS

Capital sedia 1º Seminário Nacional de Ouvidoria

Debate acontece nesta semana, no auditório do Centro Cultural Ariano Suassuna

Samantha Pimentel
 samanthauniao@gmail.com

Reunindo mais de 400 ouvidores de todo o país, com o objetivo de promover a difusão de conhecimento e troca de experiências, a 1ª edição do Seminário Nacional de Ouvidoria de 2024 acontece em João Pessoa, na próxima terça (4) e quarta-feira (5). O evento é promovido pela Controladoria-Geral da União (CGU) e pela Ouvidoria-Geral do Estado da Paraíba, além de outras instituições apoiadoras. O seminário ocorre no auditório do Centro Cultural Ariano Suassuna, ligado ao Tribunal de Contas do Estado (TCE-PB), no bairro de Jaguaribe, na capital paraibana, contando ainda com transmissão ao vivo pelo canal da CGU no YouTube.

A programação do evento vai contar com rodas de con-

versas, painéis temáticos e oficinas, que vão abordar temas como: a importância da análise de dados para orientar as ações da ouvidoria; a construção de carta de serviços; as interseções entre a Lei de Acesso à Informação (LAI) e a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD); as formas de tratamento de denúncias de assédio; e a humanização no trabalho da ouvidoria.

Segundo o ouvidor-geral da Paraíba, André Motta, o principal objetivo do evento é fortalecer a rede de ouvidorias do país, o que é essencial para garantir a democracia e a boa execução dos serviços públicos.

“Quando você pode reunir experiências de governos e de setores privados de como melhorar o atendimento ao público, por meio de reclamações, sugestões e pedidos de informação, você fortale-

ce o processo democrático, a construção de uma efetiva participação popular no governo”, destaca.

Ele ainda comenta que o seminário é uma forma de fortalecer as ouvidorias e garantir que o cidadão possa contar com mecanismos cada vez mais eficazes para promover sua participação na gestão pública. “É o cidadão que sabe dos problemas que acontecem. E os gestores precisam desse instrumento, dessa informação. A ouvidoria faz esse processo de escuta e, a partir desse momento de escuta, pode fazer uma gestão mais eficaz, e eficiente para todos”, afirma.

Quanto à expectativa de público para o evento, o ouvidor-geral fala que as inscrições foram encerradas e houve o preenchimento de todas as vagas, havendo ainda uma lista de espera para participa-

ção no seminário. “Essas inscrições foram realizadas em abril pela Controladoria-Geral da União. A capacidade do evento é de cerca de 450 pessoas. Nós teremos ouvidores do país inteiro, e há uma lista de espera de mais de 40 pessoas. Então, será capacidade máxima”, diz.

O fato de a Paraíba sediar esse grande evento representa um ganho para ouvidores do Estado e, segundo afirma André Motta, reflete o cuidado que o Governo do Estado vem tendo com a escuta e a participação popular. “Teremos aqui na Paraíba o maior seminário nacional de todos os tempos, capitaneado pela Ouvidoria-Geral do Estado. É importante ressaltar a atenção que o governador João Azevêdo tem dado a esse instrumento, garantindo que nós possamos ouvir a população cada vez mais”, elogia.

Evento é chance de crescimento profissional

Para o coordenador-geral do Fórum Paraibano das Ouvidorias Públicas e Privadas (Fopo), Emerson Caldas, que é também um dos parceiros na realização do evento, o seminário será um momento de crescimento profissional para os ouvidores do Estado.

“A gente tem uma expectativa muito grande, por ser em João Pessoa o evento, e que vem gente de todo o Brasil e palestrantes de fora. Temas muito importantes vão ser debatidos, e é uma grande oportunidade para os ouvidores aqui dos órgãos federais, estaduais, municipais e de entidades privadas, para participarem sem ter aquela necessidade de se deslocar”, analisa.

Ele pontua, ainda, que o evento vem sendo muito bem construído e planejado e que traz o debate sobre temas que estão em evidência para o setor, como transparência pública e combate ao assédio, garantindo uma ampla participação e promovendo a troca de experiências. “O evento está sendo muito bem plane-



A ouvidoria é um lugar de acolhimento. Todas as denúncias são tratadas com muita responsabilidade

Marta Fernandes

jado, por várias entidades, o Fórum Paraibano é um dos parceiros, e teremos pessoas das mais variadas entidades, de vários setores”, comenta.



Temas muito importantes vão ser debatidos. É uma grande oportunidade para servidores e entidades privadas

Emerson Caldas

Para a ouvidora da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), Marta Fernandes, que será uma das participantes do evento, o seminário é

um momento de atualização profissional, que pode trazer novas possibilidades e apontar caminhos novos para o desenvolvimento de seu trabalho. “Tanto você recebe experiência de pessoas que estão ali participando, em nível nacional, como você oferece também. E essa troca de experiências ajuda a gente a crescer, então, para mim, vai ser algo muito bom”, reforça.

Marta avalia que o seminário vai valorizar e aperfeiçoar o trabalho realizado pelas ouvidorias, que é essencial para que sejam construídas boas relações e um ambiente de trabalho saudável, mediando conflitos que podem surgir entre os cidadãos e a instituição.

“A ouvidoria é um lugar de acolhimento, é um lugar que acolhe e que trata com muita seriedade todo cidadão, toda denúncia, toda a reclamação que vem para a ouvidoria é tratada com muita responsabilidade, e esse momento de troca também pode ajudar a melhorar isso”, conclui.

UN Informe

Da Redação

ADVOGADAS PARAIBANAS FAZEM CAMPANHA POR PARIDADE EM LISTA SÊXTUPLA PARA O TJPB

Mulheres que integram os quadros da OAB-PB estão se movimentando para fazer valer a paridade de gênero para a composição das chapas nas eleições do Conselho Federal, das seccionais, subseções e Caixas de Assistência, decisão aprovada pelo Conselho Pleno da OAB Nacional em dezembro de 2020. A campanha pela paridade surge no momento da elaboração da lista sêxtupla da OAB-PB para a vaga de desembargador ou desembargadora do Tribunal de Justiça da Paraíba pelo quinto constitucional. “A paridade de gênero é uma necessária e indispensável política de reparação e de inclusão, além de ser representação da democracia a se perseguir e efetivar para alcançar o pluralismo da presença feminina nos espaços decisórios”, diz o manifesto. Acrescenta que a sessão histórica que definirá a questão ocorrerá dia 4 de junho, às 14h. “A lista sêxtupla que queremos será composta das três advogadas e dos três advogados mais bem votados pela classe advocatória. Lutamos pela paridade entre advogados e advogadas, de modo que tenhamos uma representação igualitária. A implantação de políticas afirmativas contra a discriminação de mulheres na OAB Paraíba passa por uma decisão desta magnitude”, conclui o manifesto da campanha. Uma das candidatas a compor a lista é a advogada e ativista política Francisca Lopes, também diretora-geral da Rede Sororidade e Ouvidora-geral da OAB-PB.



Foto: Divulgação

TRAVESSIAS URBANAS EM BAYEUX

O deputado Estadual Felipe Leitão comemorou o início do asfaltamento de ruas de Bayeux em mais uma nova etapa do programa Travessias Urbanas do Governo do Estado no município. Mais de 10 ruas do município serão asfaltadas ou recapeadas. “Essas obras vão garantir uma melhor mobilidade urbana e mais segurança para os moradores das ruas que serão atendidas com o programa”, disse.

CONCENTRAÇÃO NAS ELEIÇÕES

Felipe Leitão tem aproveitado o período de licença da Assembleia Legislativa da Paraíba para alavancar a candidatura de seus aliados políticos nos municípios. Porém, naturalmente, a atenção é maior em Bayeux, município em que sua esposa é pré-candidata à prefeita pelo PSB, o município também o único, na grande João Pessoa, em que o PSB terá uma candidatura própria à majoritária.

MANDATO NAS MÃOS DO STF (1)

O recurso do secretário de Estado de Articulação Política, Márcio Roberto, no Supremo Tribunal Federal (STF), para tomar posse como Deputado Estadual na Assembleia Legislativa da Paraíba, começou a ser julgado na sexta-feira. O relator, ministro André Mendonça, negou provimento ao recurso. O ministro Nunes Marques abriu divergência votando pela liberação da posse de Márcio Roberto na ALPB.

MANDATO NAS MÃOS DO STF (2)

O julgamento virtual continua até o dia 10 de junho, faltando ainda os votos dos ministros Dias Toffoli, Gilmar Mendes e Edson Fachin. Márcio Roberto recebeu 40.909 votos nas Eleições de 2022, porém foi impedido de assumir a vaga por decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) que entendeu que o candidato estava ineligível devido a irregularidades nas contas enquanto era prefeito do município de São Bento, no Sertão paraibano.

VEREADORES APROVAM AUMENTO DE SALÁRIO EM ALHANDRA

O prefeito de Alhandra, Marcelo Rodrigues, sancionou as leis aprovadas pela Câmara Municipal que aumentam o valor do subsídio dos vereadores, secretários e do prefeito e vice-prefeito que forem eleitos neste ano. Os novos vereadores de Alhandra vão receber R\$ 10,2 mil e o presidente da Câmara, R\$ 15,3 mil. A remuneração do prefeito será de R\$ 25 mil, enquanto a do vice-prefeito, R\$ 12,5 mil. Já os secretários municipais, o procurador-geral e o controlador municipal vão receber a quantia mensal de R\$ 10 mil.

Francisco das Chagas

Gerente-executivo de Controle de Terras da Empaer

“Nós já assentamos cerca de 5.200 famílias na Paraíba”



Foto: Leonardo Ariel

Gestor explica que programa de crédito fundiário movimentou R\$ 129 milhões e 120 mil hectares de terra no estado

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Garantir o acesso à terra a pequenos produtores rurais é o objetivo do Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCf). Subsidiada pelo Governo Federal, essa modalidade de financiamento facilita não só a compra de imóveis rurais, como também possibilita o investimento em infraestrutura. Dentro do território paraibano, é Francisco das Chagas Pereira, gerente-executivo de Planejamento e Controle de Terras (Gepla), um dos nomes responsáveis por garantir a eficiência do programa, que neste ano alcançou a importante marca de inadimplência zero. Engenheiro agrônomo de formação, ele está na Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer) desde 1980 e há 14 anos na posição de gerente de Planejamento e Controle de Terras. Nesta entrevista ao *Jornal A União*, Francisco mostra de forma descomplicada como é possível ter acesso ao crédito, destacando a importância do programa para o produtor rural da Paraíba.

Entrevista

■ Qual é a importância do programa de crédito fundiário para o produtor rural?

A importância maior é possibilitar que ele adquira terra e seja um pequeno proprietário. Hoje, tem muita gente que é posseira, meeira ou até arrendatária trabalhando na terra dos outros. Já com o Programa de Crédito Fundiário (PNCf), que é subsidiado pelo Governo Federal, ele poderá ter a sua própria terra. Esse programa tem feito a diferença em todo o Brasil, principalmente na Paraíba, onde muitos produtores têm adquirido terras para plantar e empreender. Esse é o objetivo.

■ O financiamento é apenas para acesso à terra ou pode ser obtido para investimentos estruturais nas propriedades?

Esse crédito, além da aquisição da terra, vem integrado com dinheiro para fazer investimentos na infraestrutura da propriedade. Se o produtor quiser, pode adquirir mais coisas para sua propriedade, tudo para que ele gere ainda mais renda para sua família e possa crescer como proprietário de terra. Quando falamos em infraestrutura, incluímos até a construção da casa, já que, em muitos casos, a compra da propriedade envolve somente o solo. E tem o pasto, o mato em volta, etc. Esse dinheiro extra, que chamamos de subprojeto de investimento básico, normalmente é usado para fazer cerca, plantar pasto, comprar gado, construir a casa, entre outras coisas que são fundamentais para estruturar toda a propriedade e permitir sua exploração de forma digna. A única limitação é o teto desse programa, que funciona assim: cada família pode financiar até R\$ 280 mil. Depois disso, ela pode buscar outra fonte de recursos, como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), que oferece mais R\$ 41 mil. E, quando já estiver trabalhando, o produtor pode acessar outras políticas públicas voltadas à agricultura familiar, como o Garantia Safra e o programa de construção de poços artesianos, por exemplo. O desafio é se assentar, mas, assim que ele entra no PNCf, passa a ter acesso a políticas públicas às quais não tinha direito enquanto era arrendatário. São políticas dos governos Federal, Estadual e Municipal.

■ Quantas famílias paraibanas foram beneficiadas pelo programa até hoje?

Esse programa existe desde 1998. Começou com o Banco da Terra e depois, durante o governo Lula, em 2003, virou uma política pública de crédito. De lá para cá, nós já assentamos aqui na Paraíba em torno de 5.200 famílias. Foram 870 operações, ou seja, 870 propriedades compradas por meio de crédito fundiário. Com o assentamento dessas mais de cinco mil famílias, tivemos um valor contratado de R\$ 129 milhões até hoje, totalizando 120 mil hectares de terra adquiridos em, pelo menos, 130 municípios paraibanos. No ano passado, como o sistema que utilizamos passou um tempo parado porque estava em manutenção, nós tivemos, aproximadamente, de 55 a 60 famílias assentadas, o equivalente a R\$ 8 milhões adquiridos. Agora, com o sistema funcionando, a nossa meta é assentar 300 famílias em 2024, em torno de R\$ 80 milhões em crédito. Até hoje, a região com mais projetos é o Curimataú. Já o Agreste tem contratado mais agora.

■ Qual é o passo a passo para se inscrever no programa?

O primeiro passo é procurar uma propriedade de seu interesse, cujo dono também tenha interesse em vendê-la. É possível adquiri-la para uma única pessoa ou para 10, 20, 30 famílias de uma vez só. E, nesse caso, fazemos o loteamento necessário, o parcelamento da área. Então, com a propriedade escolhida, ele nos procura para que possamos dar andamento ao processo. O passo seguinte é a avaliação do imóvel. Estando tudo certo, negociamos e damos início à tramitação, que envolve a apresentação de vários documentos – do imóvel, do proprietário e do beneficiário, caso a pessoa seja casada. Após verificarmos toda a documentação, entramos na fase de elaboração do projeto que será o objeto do crédito. E assim que estiver pronto, ele é analisado tanto pela Unidade Técnica Estadual quanto pelo Governo Federal. O sistema funciona integrado com Brasília. Superada essa etapa, o agente financeiro faz a contratação. Normalmente, esse processo demora quatro meses,

mas estamos fazendo um esforço para diminuir essa tramitação.

■ Quem pode obter o crédito fundiário e quais documentos são necessários?

Existe um *checklist* do proprietário. A documentação inclui certidão do imóvel, georreferenciamento, memorial descritivo, dados pessoais, até título eleitoral – se está em dia. São muitos documentos, por isso eu digo que o nosso gargalo hoje é a análise documental. Como se trata de um dinheiro subsidiado pelo Governo Federal, precisamos estar dentro das normativas do programa. Em si, o principal documento que exigimos é a declaração de elegibilidade. O interessado no crédito precisa comprovar que é agricultor, com cinco anos de experiência. Isso é dado pela Empaer, pelo sindicato ou pelo Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural. O requisito mínimo é ter elegibilidade, já que o programa é voltado, principalmente, para o agricultor familiar, de baixa renda, que esteja trabalhando numa terra que não seja dele. Não pode ser funcionário público, por exemplo. E outra coisa, as terras que compramos não podem estar sobrepostas a áreas indígenas, de quilombolas ou de preservação. Não compramos essas terras. Muitas vezes, na fase de contratação, quando puxamos o nome do proprietário na Receita Federal ou nos cartórios, aparece uma certidão positiva, ou negativa, que acaba atrasando o processo. Durante o cadastro, é comum surgir alguma restrição, como uma dívida ou uma eleição pendente, sem justificar. Aí o processo para. Enquanto ele não regulariza a situação, não fazemos a contratação.

■ Quais tipos de financiamentos são oferecidos?

Temos quatro tipos de financiamento. O PNCf Social, que é o mais trabalhado por aqui, que envolve áreas da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene); e o Terra da Juventude, para jovens de 18 a 30 anos, são os mais comuns. No caso do Social, o interessado deve ter uma renda bruta anual de até R\$ 27.775,99 e um patrimônio de, no máximo, R\$ 70 mil para se enquadrar nessa faixa. Ele pode financiar até R\$ 280 mil para pagar em 25 anos, com três anos de carência. A vantagem é que os juros são de 0,5% ao ano. Mas, se ultrapassar essa renda, ele se enquadra no PNCf Mais, com juros de 2,5%. Tanto o PNCf Jovem quanto o PNCf Mais são oferecidos para produtores com renda de até R\$ 55.551,98 e patrimônio de até R\$ 140 mil, mas a taxa de juros do Jovem é menor, de 0,5%. E tem um financiamento maior que é o Empreendedor para quem recebe acima disso, mas quase não fazemos aqui. O crédito chega a R\$ 500 mil, o que envolve muito risco. Na Paraíba, fazemos mais o PNCf Social, o carro-chefe do Nordeste, que representa 98% das contratações. É o pequeno produtor, aquele que mais precisa de apoio. Além disso, se ele paga em dia, tem uma bonificação de 40%, no caso do PNCf Social e Jovem. Dessa forma, pagando den-

tro do vencimento, uma parcela de R\$ 1.000 cai para R\$ 600.

■ A tramitação envolve a entrega de documentos físicos ou grande parte dela acontece digitalmente?

Temos uma plataforma digital que pode ser acessada por todos, inclusive pelo quadro de beneficiários. Se tiver alguma informação nova, ele poderá acompanhar. Quando o técnico faz o projeto dele lá no município onde o produtor está, ele o inclui nesse sistema. Nós temos uma equipe que analisa toda a documentação por meio dessa plataforma. Se houver qualquer pendência, o projeto volta para o técnico e depois que estiver enxuto já é encaminhado para análise federal. Em si, a logística toda é feita por esse técnico, que pode ser da Empaer ou de uma empresa privada. O projeto reúne tudo o que será feito na propriedade. Se o produtor quer gado, quer plantar feijão, etc. Ou seja, o que ele irá produzir e se tem capacidade de pagamento. A palavra-chave é viabilidade. Mas, caso exista alguma pendência, ajudamos a resolvê-la e, no final, aprovamos o projeto; isso realmente não é tão problemático. A nossa pedra no sapato é ainda a documentação.

■ Quais problemas são mais comuns durante a análise documental?

A documentação do imóvel é a mais complicada. Às vezes, ele não tem a certificação necessária; em outros casos, o georreferenciamento não bate com a escritura. Antigamente, a escritura era feita na corda, medindo. Mas agora, com o GPS, isso mudou. Daí temos propriedades antigas de 10 hectares que, após o georreferenciamento, aparecem com seis. Isso é muito comum. Por causa dessas pendências, o período de quatro meses acaba se estendendo, mas o processo não para. Enquanto o proprietário está resolvendo essa pendência, estamos fazendo outros exames.

■ A Empaer dá todo o suporte para o produtor nessa hora?

O produtor não fica desamparado quando surge algum problema. Nós o orientamos. O próprio técnico que faz a avaliação do imóvel já vai dizendo ao proprietário quais as documentações são necessárias, se é preciso refazer a medição, etc. Tem proprietários que são mais esclarecidos e apresentam tudo pronto. E isso é ótimo para nós, porque acelera o processo. Mas caso tenha algum problema, ele é imediatamente avisado. É só correr atrás e resolver. Quando somos o titular do projeto, estabelecemos um contrato com o produtor, por cinco anos, no valor de R\$ 15 mil. São R\$ 2.500 na elaboração do projeto e R\$ 2.500 anuais pela assistência. Se você pega uma propriedade com 30 famílias, o valor fica bem pequeno. Pegamos um agora, em Ingá, com 32. Mas aqui na Paraíba a terra é muito pulverizada em termos de tamanho. Então, há muitas propostas de projetos individuais.

■ Após a conclusão do processo, há algum tipo de acompanhamento?

Após a contratação, acompanha-

mos o trabalho para verificar se está dando certo. Afinal, temos que fazer tudo isso para dar certo, não é? Você só vai comprar uma propriedade quando passar por uma avaliação rígida para verificar se é produtiva, se vai gerar renda etc. O que nós queremos é que o pequeno produtor cresça e seja um proprietário de sucesso. Aliás, o sucesso do programa depende muito da gente também. Por exemplo, tem propriedade que não aconselhamos a compra. Ela pode ser toda estruturada, mas se não tem água, não adianta. Analisamos sempre três elementos básicos: solo, água e acesso. Além disso, se a propriedade é para lazer, ela também foge do objetivo. O nosso programa é para comprar terra para quem não tem. Compramos terra para que ela se torne produtiva, para que possa ser explorada e forneça renda ao proprietário. Assim, ele terá dinheiro para subsidiar outras coisas e manter a sua família com dignidade. É uma questão de responsabilidade. Temos um contrato de cinco anos de assistência técnica, mas, depois disso, nós temos a responsabilidade, como funcionários do Estado, de prestar essa assistência ao produtor rural. Se ele quiser mais crédito, precisamos fazer com que ele tenha esse acesso.

■ Fiscalizar é imprescindível?

O nosso grande desafio é termos um monitoramento pós-contratação rígido. É prestar uma assistência técnica sistemática. O nosso sucesso depende disso. Se o produtor aplicar o dinheiro de forma errada, quem responde por isso somos nós. Mas, graças a Deus, posso dizer que a nossa assistência técnica está dando resultados. Aqui na Paraíba, o índice de inadimplência este ano está em zero. Em todas as minhas visitas, vejo muita gente satisfeita, e isso nos alegra muito porque o programa está dando certo. Não é apenas aconselhar, mas fiscalizar também. Sem acompanhamento, nenhum empreendimento dá certo.

■ No caso de propriedades loteadas, se uma das famílias desiste, qual é o procedimento padrão?

Se o beneficiário abandonou o lote, não seguiu os direitos normativos ou pediu para sair do programa, nós temos que substituí-lo. Abrimos o processo para saber quem será essa nova pessoa. A substituição precisa ser rápida para não travar o andamento do financiamento. Às vezes, isso acontece antes mesmo da contratação. O próprio banco nos avisa que o agricultor está com uma restrição tão grande que impossibilita o processo. E o único jeito é substituí-lo. Mas, em caso de desistência, ele precisa registrar em cartório um termo específico para podermos anexar ao processo. Até para que, lá na frente, ele não possa dizer que é mentira. Vale lembrar que o produtor se torna proprietário definitivo da terra apenas quando quitar o financiamento. E, mesmo se antecipar as parcelas, ele não poderá fazer outra coisa a não ser trabalhar nela pelos próximos 10 anos. Mas depois disso, já é possível vendê-la.

Foto: Arquivo Pessoal



Com quase 20 anos de carreira, Leila Teixeira fez intercâmbio na França, viajou por mais de 25 países e hoje é diretora de uma empresa no México: “Não queria ter filhos e deixá-los na escola, em tempo integral”

ESCOLHA PESSOAL

Maternidade deixa de ser prioridade

Elas gostam de crianças, mas optaram por se dedicar à carreira e aproveitar alguns deleites da vida, como viajar

Lilian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

Na infância, as brincadeiras de casinha e “mãe e filhos” eram parte da rotina da engenheira de produção, Leila Teixeira. Naturalmente, foi crescendo com a ideia de que a maternidade era o caminho natural de toda mulher. Nunca havia lhe passado pela cabeça que poderia escolher seu destino, até o dia em que acompanhou, de perto, o nascimento e a criação dos sobrinhos, e o quanto era preciso abdicar para se dedicar a eles. “Abrir mão da car-

reira profissional nunca foi opção para mim. E também tinha planos de viajar, aproveitar o tempo livre da forma que eu quisesse. Vi que essa vida não era compatível com filhos”, relata.

Com quase 20 anos de carreira e 42 anos de idade, Leila já fez intercâmbio na França, viajou por mais de 25 países e trabalhou em grandes empresas no Brasil. Hoje, é diretora de Consultoria Especialista em Risco de Crédito para Latino América e Caribe, na Mastercard, no México. Para ela, todo esse crescimento seria direta-

te impactado se ela tivesse optado por ter filhos. “Não acho que os filhos sejam impedimento de nada, mas a maternidade e toda a sobrecarga que ela traz, sim. Eu não queria ter filhos e deixá-los na escola em tempo integral. Para mim, ou os filhos são prioridade ou é melhor não tê-los”, complementa.

Assim como Leila, está cada vez mais comum mulheres optarem por não terem filhos. Segundo as estatísticas da última pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, 14% das mulheres

brasileiras não têm planos de engravidar. Na pesquisa anterior, a porcentagem era de 10%. Uma outra pesquisa realizada pela farmacêutica Bayer em 2017, revelou um número ainda maior: 37%.

Existe até um termo sendo popularizado para se referir a essa geração de mulheres que não deseja ser mãe: NoMo, sigla em inglês de “No Mothers”, que, na tradução literal, significa “Não Mães”.

“Adoro crianças e amo meus sobrinhos e afilhados. Sou muito presente na vida de cada um deles e acompa-

nho, de perto, a vida de todos. Como tia e madrinha, eu consigo aliar minha carreira à minha vida pessoal, e isso me completa mais do que a maternidade em si. Ser mãe não é sinônimo de felicidade e isso precisa ser respeitado”, reforça Leila, com um currículo extenso de seis afilhados, cinco sobrinhos oficiais e mais uma infinidade de sobrinhos de “coração”.

Maternidade, definitivamente, não faz parte dos planos de Leila, que ainda pretende incluir diversos outros países na lista de passeios. O próximo, inclusive, será visi-

tado ainda este ano para realizar um dos grandes sonhos da vida dela, que é ver, de perto, a caça às auroras boreais, na Islândia. Serão oito dias, dentro de um motorhome, conhecendo o país e anotando na memória mais um grande feito com as amigas. Claro que poderia levar os filhos – caso os tivesse –, mas prefere seguir a rotina sem ter que se preocupar em arrumar mala dos pequenos ou limitar seu passeio à rotina do cuidado. “Seremos só eu e as minhas amigas, felizes da vida e completas”, enfatiza.

Especialista diz que ser mãe não é sinônimo de felicidade

Há quem ache que escolher por não ter filhos é uma decisão egoísta da mulher. Mas, quando o homem afirma a mesma coisa, a ele lhe é ofertado o título de “homem focado”. Segundo a socióloga Evelyne Tamara, a diferença de pensamento é reflexo da cultura patriarcal, que impõe às mulheres o papel exclusivo do cuidado. A socióloga enfatiza, ainda, que maternidade nunca foi sinônimo de felicidade, e sim uma imposição à mulher. As que decidem pelo caminho diferente, são cobradas e julgadas.

“Nós vivemos numa construção de sociedade patriarcal. Quando a gente fala o termo patriarcal, a gente poderia até pensar nos homens tomando conta de tudo, mas o que acontece é exatamente o contrário. São as mulheres que tomam conta de tudo para que os homens estejam exercendo poder na política, na economia, na cultura. Esse cuidado em tempo integral da família afeta demais a vivência da individualidade da mulher. E ainda existe uma cobrança psicológica, de que se a mulher é livre e exerce tempo para si, ela não ama os filhos”, analisa.

Uma realidade que a professora Márcia Maria da Silva e o cientista social Ila Barroso não desejam. Juntos há 10 anos, sendo três de casados, consideram a maternidade um papel muito complexo que não querem desempenhar. E não tem nada a ver com o fato de Márcia ser cis e Ila ser não-binário (que não se sente pertencente ao gênero masculino e nem ao feminino). “As pessoas nos veem como impossíveis de gerar, nos perguntando como engravidaríamos, se quiséssemos. Mas, essa nunca foi uma vontade nossa. Sempre foi pauta não ter filhos, pois entendemos ser de uma responsabilidade que não dispomos. Ila deseja ser tio e eu, já sou a tia Márcia para meus queridos alunos do Ensino Fundamental”, relata Márcia.

Para Márcia e Ila, a dedicação exclusiva que a maternidade impõe não permitiria que seguissem os caminhos acadêmicos com liberdade. Antes de terminar o mestrado e acompanhar as aulas do doutorado (que termina em breve), por exemplo, eles passaram por vários estados, onde destinos, além do Piauí, onde nasceram. Hoje,

moram em João Pessoa e vivenciam uma rotina puxada de trabalho que impediria de cuidar e acompanhar o desenvolvimento de um filho. “Entendemos que filhos geram muitas responsabilidades, que a dinâmica familiar que escolhemos viver não permite esse encaixe. Pensamos que um filho ou uma filha precisa de cuidados, escuta sensível e atenta, emoções que não estamos dispostos a vivenciar”, complementa Márcia.

Segundo Evelyne Tamara, a consciência das mulheres em relação à sobrecarga e à desigualdade na divisão das tarefas (e no mercado de trabalho) reforça a escolha por não vivenciar a maternidade. E os julgamentos, aponta ela, precisam ser substituídos por respeito. “Existem caminhos possíveis de serem trilhados e nesses caminhos há a grande importância da tomada de consciência do masculino sobre assumir responsabilidades que são para homens e mulheres. A gente precisa que os homens estejam juntos nessa caminhada. É isso que a gente quer, uma sociedade mais solidária”, finaliza a socióloga.



Márcia Maria e Ila estão juntas há 10 anos e consideram o papel de pais muito complexo

Transformação Social

Até março do ano passado, a mulher precisava da autorização do parceiro para realizar a laqueadura, conhecida como ligadura de trompas. A nova legislação (Lei 14.443/2022) também alterou para 21 anos a idade mínima para mulheres sem filhos realizarem o procedimento. Anteriormente, era necessário ter 25 anos ou dois filhos vivos. Uma vitória a ser celebrada na pauta de direitos reprodutivos, sexuais e de gênero.

■ Saiba mais

Há uma tendência cada vez maior de assumir o rótulo “NoMo” e discutir mais abertamente esta decisão em redes sociais. No Brasil, já existem iniciativas do tipo, como os grupos on-line Sem Filhos ou Não Nasci Pra Ser Mãe.

Foto: Arquivo Pessoal

MANUTENÇÃO PREDIAL

Ignorar serviço pode gerar prejuízos

Síndico corre o risco de responder civil e penalmente, caso ocorra um acidente provocado por falta de reparos

Sara Gomes
sragomesreporteruniaio@gmail.com

A cidade de João Pessoa possui 7.374 edifícios com três ou mais pavimentos classificados como residenciais, segundo informações da Unidade de Geotecnologia e Cadastro Municipal vinculada à Secretaria de Planejamento de João Pessoa (Seplan). E quem mora nesses imóveis sabe que a manutenção predial é essencial para garantir que os edifícios permaneçam seguros, funcionais e valorizados ao longo do tempo. Ignorar a manutenção pode levar a problemas graves e gastos excessivos. Caso venha a ocorrer um acidente e este seja comprovado que a causa foi a falta de cuidado, o síndico – representante legal de um condomínio, pode ser responsabilizado civil e penalmente, conforme prevê a legislação.

“Se ocorrer um dano por falta de manutenção ou atrasos em reparos, o síndico pode ser responsabilizado, segundo o art 937 do Código Civil. Se a negligência do síndico contribuir para um acidente grave, como um incêndio ou desabamento, que resulte em ferimentos graves ou morte, ele pode ser responsabilizado criminalmente, conforme o art. 129 do Código Penal”, explicou Érico Feitosa, presidente do Sindi-

cato das Empresas de Compra, Venda, Locação e Administração de Imóveis e dos Condomínios Residenciais e Comerciais do Estado da Paraíba (Secovi-PB)

Infraestrutura

Os principais problemas de infraestrutura estão intimamente ligados a conceitos de projetos obsoletos ou que não adotaram boas práticas da engenharia ou as últimas determinações das normas técnicas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). O engenheiro civil atuante na Engenharia Diagnóstica de condomínios, Stefan Obermark, cita os problemas mais recorrentes: vagas de garagem e corredores com largura de passagem menor que o recomendado dificultando a acessibilidade; deteriorações estruturais causadas por falhas de projeto e execução de sistemas complementares, como o de Impermeabilizações.

Para Obermark, uma das maiores preocupações na inspeção predial é constatar deficiência na durabilidade ou aplicações deficientes feitas pelos construtores quanto ao sistema de impermeabilização. “Muitas vezes, essa perda de vida útil ou eficiência do sistema se dá por falhas de especificação ou execução. Quando não há uma solução

a curto e médio prazo, a tendência é que a estrutura comece a passar por processos graves e cada vez mais acelerados de deterioração, até chegar ao ponto de ruptura”, disse. Ele enfatiza também a importância de manutenção para evitar infiltrações por fachadas.

Suenne Barros, engenheira civil especializada em Engenharia Diagnóstica e sócia-proprietária da Conseg Construções e Serviços de Engenharia Ltda, acrescenta alguns problemas estruturais, geralmente detectados nas inspeções prediais como fissuras, rachaduras, vazamentos, infiltrações, abatimento de pisos, deslocamento de cerâmicas e rebocos.

Segundo ela, a manutenção predial é uma prática que ainda precisa ser difundida em João Pessoa, pois a população não tem uma cultura preventiva. “A manutenção corretiva é sempre mais cara, pois o morador não tem tempo de fazer um planejamento e necessita, geralmente, de interrupção do fornecimento de alguns serviços como o de água e energia. Já na manutenção preventiva, os usuários têm a possibilidade de passar pelo processo sem muitos prejuízos ou incômodo. Além disso, a manutenção preventiva é mais barata”, comentou Barros.



Suenne Barros cita fissuras e rachaduras como alguns dos problemas detectados nos prédios

Foto: Arquivo Pessoal

Melhorias são decididas em assembleia

O Edifício Ponta de Mar, localizado em Manaíra, tem 32 anos de fundação e possui 20 pavimentos. A empresa Tecnocon, responsável pela manutenção, concluiu a recuperação de cinco colunas que estavam com problemas na infraestrutura. Em consequência das alterações, está sendo trocado todo o revestimento (pastilhas) das fachadas da entrada principal. A síndica, Clacira Campos, explica que os serviços de manutenção e mudanças na dinâmica do prédio são decididos em assembleia.

“A gente faz o orçamento, no mínimo, com três empresas, apresentando os valores e detalhes da obra. Se um morador não puder comparecer ou tiver opinião contrária, a decisão da maioria vence”, declarou.

Desde agosto de 2022, os condôminos estão pagando uma taxa extra de R\$ 500 para o orçamento desta obra, estimado, aproximadamente, em R\$ 700 mil. Clacira destaca também a atuação da síndica Rita de Cássia, que no momento está viajando. “A síndica é uma pessoa muito eficiente, que cuida do prédio como se fosse a extensão de sua casa”, frisou.

Números

João Pessoa é considerada a cidade do Nordeste brasileiro com maior percentual de habitantes residindo em apartamentos, segundo dados de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). De acordo com as informações, 37,48% da população que reside na

capital paraibana vive em apartamentos, ou seja, mais de 300 mil pessoas.

A engenheira civil, Suenne Barros, destaca que a capital é a terceira cidade mais antiga do Brasil, além de estar situada em uma área litorânea. “A incidência da maresia degrada, em especial, as fachadas das edificações, podendo alcançar a estrutura (pilar, viga e laje) das edificações. Isso pode comprometer a estabilidade estrutural do imóvel, tornando-o inseguro ou até mesmo inabitável, dependendo do grau de degradação imobiliária”, comentou.

dação imobiliária”, comentou.

Ela destaca o compromisso dos especialistas da área em zelar pela conservação do patrimônio e a segurança dos usuários, com responsabilidade e ética profissional. “Os especialistas em patologia das construções estão prontos para ajudar os proprietários na conservação de seus imóveis, propiciando um trabalho técnico embasado em normas técnicas, descartando o amadorismo ou ‘achismo’. Afinal de contas, as edificações acomodam vidas”, enfocou Suenne.

■ **Incidência de maresia degrada, em especial, as fachadas das edificações, podendo alcançar estruturas como viga e pilar**

Lei em João Pessoa falta ser regulamentada

A Lei nº 1955/2021, promulgada em agosto de 2021, dispõe sobre a obrigatoriedade de inspeção predial, manutenção preventiva e periódica das edificações e equipamentos públicos e privados no âmbito do município de João Pessoa, mas ainda não foi regulamentada.

Conforme a lei, as edificações abrangidas por esta lei deverão possuir Certificação de Inspeção Predial. A certificação será fornecida pela Prefeitura de João Pessoa após a apresentação do Laudo Técnico de Inspeção Predial pelo responsável. A periodicidade de manutenção varia de acordo com a idade do prédio: nas edificações recém-construídas, o laudo de inspeção deve ser feito a partir dos 10 anos; nas edificações com mais de 50 anos o prazo é anual; nas edificações entre 31 e 50 anos é a cada dois anos; e a cada três anos para edificações entre 21 e 30 anos. Já nas edificações de até 20 anos, o laudo é a cada cinco anos.

Segundo o art.1348 do Código Civil, em seu inciso V, compete ao síndico “diligenciar a conservação e a guarda das partes comuns e zelar pela prestação dos serviços que interessem aos possuidores”. O código ainda cita outras competências como: elaborar o orçamento da receita e da despesa relativa a cada ano; prestar contas à assembleia anualmente e, quando houve exigência, cobrar dos condôminos as suas contribuições, bem como impor e cobrar as multas devidas.

O presidente do Sindicato das Empresas Compra, Ven-

da, Locação e Administração de Imóveis Residenciais (Secovi-PB), Érico Feitosa, considera a lei falha, pois não prevê a quem cabe a fiscalização da norma. “Além da responsabilidade do síndico, caberia uma fiscalização das instituições regulamentadoras como o Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (Crea) e o Corpo de Bombeiros, com o apoio do Sindicato da Indústria da Construção Civil (Sinduscon) e do Secovi. O bom funcionamento do condomínio abrange diversos setores: elevadores, mangueiras de incêndio, parte hidráulica e elétrica. Logo, devemos ter esse olhar preventivo”, disse.

Para o engenheiro Stefan Obermark, toda cidade deveria ter uma lei de inspeção predial firme e um setor responsável na prefeitura para essa finalidade, para garantir a segurança dos imóveis que servem como locais de aglomeração dos cidadãos. No entanto, a lei municipal apresenta entraves na aplicação. “A lei, em médio a longo prazo, visa gerar benefícios de segurança e salubridade aos usuários, como também desacelerar a velocidade de depreciação dos imóveis. No entanto, não observo interesse do Poder Público em colocá-la em prática. Por outro lado, é perceptível que os condomínios residenciais, que presto consultoria, estão sendo regulares na busca de se proteger e também cumprir uma obrigação moral com seus condôminos, provendo laudos de inspeção predial independente da exigência ou da morosidade do ente público”, frisou.



Edifício Ponta de Mar, em Manaíra, está trocando revestimento da fachada

Foto: Roberto Guedes

VIOÊNCIA ON-LINE

Perseguições causam adoecimento

Estudo aponta que perturbação da liberdade ou privacidade também é fator de risco para feminicídios

Emerson da Cunha
 emersonsousa@gmail.com

Com o acesso ampliado e facilitado a informações íntimas, pessoais e de localização, seguir alguém na internet passou a ter outras nuances. Possibilidade de anonimato, falsa sensação de segurança e ansiedade gerada por dispositivos eletrônicos reconfiguraram a prática da perseguição, com brechas para ações mais intrusivas, deixando a vítima vulnerável ao desenvolvimento de problemas de saúde, como crises de pânico e depressão.

Desde 2021, a perseguição on-line e/ou presencial – ou de *stalking*, termo em inglês para esse comportamento – se tornou crime no Brasil. Porém, dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023 mostram que esse tipo de conduta tem se tornado mais comum. O relatório aponta que, na Paraíba, as denúncias cresceram 88,72%. Em 2021, foram registrados 133 casos, ao passo que em 2022 o número de ocorrências subiu para 251.

Apesar dos dados alarmantes, a Paraíba foi o estado que apresentou a menor proporção de casos de *stalking* contra mulheres no Brasil em 2022: 12,2 casos por 100 mil mulheres.

A Lei nº 14.132 estabelece que é crime “perseguir alguém, reiteradamente e por qualquer meio, ameaçando-lhe a integridade física ou psicológica, restringindo-lhe a capacidade de locomoção ou, de qualquer forma, invadindo ou perturbando sua esfera de liberdade ou privacidade”, com penas de reclusão de seis meses a dois anos, e multa, com pena aumentada em 50% se o crime a depender da situação. Além disso, se a perseguição for realizada por companheiro, ex-companheiro ou pessoa do círculo doméstico e familiar, o caso pode ser enquadrado dentro da Lei Maria da Penha como violência doméstica.

Risco de feminicídio

No caso de violência contra a mulher, além da violência psicológica e física que o *stalking* pode trazer, há uma grave preocupação. O ato de perseguir pode ser fator relevante e anterior na ocorrência de feminicídios. Segundo pesquisa



Foto: Carlos Rodrigo

Redes sociais são “terreno fértil” para agressores, mas crime de perseguição também pode ocorrer fora dos ambientes virtuais

realizada na Austrália, citada no Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023, foi verificado que 76% das vítimas de feminicídio e 85% das vítimas de tentativas de feminicídio sofreram perseguição do agressor nos 12 meses antes da ocorrência.

“O *cyberstalking* é uma atualização dessa perseguição. Como a gente tem as redes sociais hoje, a internet trouxe esse novo mal, que é a perseguição que ele faz por meio da internet, nas redes sociais dessa mulher. Na verdade, foi só um aprimoramento da violência. Infelizmente, os agressores também aprimoram seus métodos”, explica a gerente-executiva de Equidade de Gênero da Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana (Semdh), Joyce Borges.

Além disso, ela aponta que a mulher ainda suporta muito tempo até se perceber como vítima. “Quando ela começa a se sentir ameaçada e aprisionada, não consegue mais sair de casa, não consegue mais manter as relações de amizades. De fato, os agressores fazem isso para que a mulher fique isolada. Ela suporta muito tempo até perceber que aquilo está ameaçando a vida dela e atrapalhando sua qualidade e seu ritmo de vida. Ela começa a deixar de fazer coisas que poderia fazer habitualmente. Aí, de fato, começa a buscar ajuda”, indica a gerente.

Relação contemporânea

Mas será que o *cyberstalking* e o *stalking* não se relacionam com nossas características de sociabilidade e interações digitais do nosso tempo? O pesquisador Paulo Gregório aponta, por exemplo, a naturalização do uso do celular como uma extensão nossa nesses fatores. “Estou no relacionamento, a pessoa não respondeu, já me chateio. Você está com alguém, já acha que pode ser invasivo mesmo, que é natural. A gente tem que ter cuidado nas nossas relações”, diz.

“A gente é muito solitário nos próprios relacionamentos, é tudo muito superficial. A gente ao mesmo tempo quer ter a necessidade de controlar a vida do outro. Há esse medo de perder informações, alguma coisa da vida da outra pessoa, até nas redes sociais”, defende o pesquisador.

Comportamentos afetam diversos aspectos da rotina da vítima

Joyce Borges lembra que é extremamente importante que a vítima, ao menor sinal de qualquer tipo de violência de gênero, incluindo perseguição, remeta-se aos órgãos competentes.

“O agressor não para. Pelo contrário, ele aumenta a violência. Pode-se chegar ao homicídio ou mesmo ao suicídio da vítima”, aponta a gerente-executiva de Equidade de Gênero da Semdh.

Nesses casos, Joyce aponta dois caminhos: ir à delegacia ou ao Centro de Referência da Mulher mais próximo. No caso da delegacia, pode-se registrar uma denúncia contra o agressor diretamente, ou, caso a mulher opte por

não denunciar por medo, ela pode fazer o pedido de medida preventiva para que o agressor não se aproxime. Em João Pessoa, Campina Grande, Bayeux, Cabedelo, Santa Rita e Sousa, esse pedido também pode ser feito por meio do aplicativo e *site* Maria da Penha Virtual.

Já os Centros de Referência da Mulher acolhem e aconselham de forma jurídica, psicológica e social a vítima de violência de gênero. Se a mulher estiver sofrendo ameaça à vida, ela pode também buscar as casas abrigo, que podem acolhê-la a partir do encaminhamento de um órgão competente.

Qualquer denúncia pode

ser realizada nos Disques 100 (Direitos Humanos), 180 (Violência contra a Mulher), 197 (Polícia Civil) e 190 (Polícia Militar).

Características

Segundo a doutoranda em Psicologia da UFPB e pesquisadora do tema Isabella Santos, o *stalking* é caracterizado pela insistência ou repetição do monitoramento da vítima. “Eu diria que não existem tipos de *stalker*, mas níveis de gravidade desse comportamento. Muitos de nós já nos envolvemos em comportamentos considerados *cyberstalking*, mas que são vistos como ‘menos graves’ ou ‘socialmente aceitos’”, alerta.

Segundo ela, o objetivo do agressor é sempre controlar a vítima. “As vítimas mais comuns são ‘rivalis’ do *stalker* ou interesses românticos. No contexto de relacionamento, seja existente ou apenas desejado, o agressor pode usar a perseguição como uma forma de fortalecer a conexão que ele acredita ter com a vítima”, explica.

Paulo Gregório, doutor em Psicologia Social, estudou *stalking* em relacionamentos íntimos e verificou que pessoas narcisistas eram as que mais perseguiram seus parceiros. “É alguém que tem comportamento intrusivo, vai ficar perseguindo alguém, criando situações para conta-

to físico e íntimo. São tentativas de relacionamento interpessoal, por meio de *e-mails* ou contatos falsos. Isso pode estar relacionado a uma dependência emocional”, aponta.

Ele defende que o *cyberstalking* traz características próprias. “O ambiente virtual dá possibilidade de você se fantasiar mais, fingir que é alguém, se passar por outra pessoa. Não necessariamente há um relacionamento íntimo, pode ser que eu nem conheça uma pessoa e a persiga, o que é muito mais perigoso”, arremata.

Consequências

O *stalking* pode trazer consequências físicas, mas as psi-

quicas são mais latentes. “Às vezes, a mulher tem que trocar de trabalho, número telefônico, casa, toda a rotina em função do medo que sente. Isso causa ansiedade, depressão, insegurança, síndrome do pânico. Tudo isso está muito associado à depressão e ao estresse”, ressalta Paulo Gregório.

“A violência doméstica deixa marcas psicológicas que muitas vezes essa mulher não vai esquecer nunca. Mas o acompanhamento psicológico é importante porque ela vai aprender a lidar com estas lembranças de forma que não atrapalhe mais a vida dela, nem a machuque”, lamenta Joyce Borges.

SOBRADO

História e cultura vivem nas ruas

Aos 30 anos de emancipação, município de rico passado histórico investe em eventos culturais para a população

Sara Gomes
saragomesreporteruniaio@gmail.com

Localizado na Zona da Mata paraibana, a 52 km de João Pessoa, o município de Sobrado completou 30 anos de emancipação política no dia 29 de abril. Ex-distrito de Sapé, a cidade vive um momento de intenso fomento cultural, como demonstram iniciativas recentes envolvendo cinema, poesia e artesanato. Mas o passado local, que sobrevive, inclusive, por meio de casarões antigos, também é fonte importante de conhecimento histórico sobre a região, como evidenciado pela relação entre o município e a atuação das Ligas Camponesas.

Mais de 80% da extensão territorial de Sobrado – 132,94 km², segundo o Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – é pontilhado por propriedades agrícol, que se estendem por 16 localidades rurais. Reflexo disso, a economia da cidade é sustentada, em sua maioria, pela agricultura familiar e pela agropecuária, que abastecem as feiras dos municípios circunvizinhos.

Atrações diversas

A festa de emancipação política é um dos principais eventos culturais de Sobrado. Neste ano, a celebração aconteceu entre os dias 2 de abril e 1º de maio, contando com uma programação diversificada de atrações que já integram o calendário municipal, como Pedala Sobrado, Cineclube Itinerante, Feira de Artesanato e uma



Neste ano, a festa de emancipação política municipal incluiu o Pedala Sobrado, uma exposição histórica na Casa de Cultura e a Feira de Artesanato



Fotos: Divulgação/Secretaria de Cultura e Turismo de Sobrado



Cinema

Lançado em abril, o Cineclube Itinerante busca atender o desejo da população rural e urbana sobradense em conhecer obras cinematográficas

exposição sobre a história da cidade na Casa de Cultura.

O Pedala Sobrado é um evento organizado pela Secretaria de Esportes do município, tendo reunido, em sua 2ª edição, 500 ciclistas de várias cidades do estado, como Guarabira, Mari, Sapé e Riachão do Poço, além da capital. Depois de um café da manhã, os participantes iniciam um trajeto ciclístico que percorre diversos locais da região, como Areia Vermelha, Lagoa do Padre, Campo Grande e o Sítio Caruçú, passando por belezas do cenário rural, como es-

tradas de barro, casas antigas e pequenos rios. “Esse evento é uma oportunidade de curtir o ar puro e vivenciar o espírito aventureiro que o pedalar promove”, destaca a secretária de Cultura e Turismo de Sobrado, Inyédja Dantas Ferreira. Em seu retorno, os ciclistas do Pedala Sobrado são recepcionados com um banho de mangueira para amenizar o calor, como também massagens e aplicação de ventosas para aqueles que sofrem maior desgaste físico durante o percurso.

Por sua vez, o Cineclu-

be Itinerante é uma iniciativa da Secretaria de Cultura e Turismo, por meio da Lei Paulo Gustavo, para saciar o desejo da população urbana e rural sobradense em conhecer obras cinematográficas. Inaugurado no dia 15 de abril, o projeto exibiu, como primeiro filme, “O Sertão Vai Vir ao Mar”, produção paraibana dirigida por Rodrigo César e estrelada por nomes como Tay Lopez, Lucas Veloso, Zezita Matos e Buda Lira. De acordo com a secretária da pasta, a próxima edição do Cineclube vai acontecer em

junho. “Começamos a nos cadastrar em algumas leis federais de fomento à cultura, como as leis Paulo Gustavo e Aldir Blanc, para que a cultura ocupe todos os espaços, tanto a zona rural como a urbana de Sobrado”, complementa Inyédja.

Outros eventos culturais de expressão no município são o Salão de Artesanato, que agrega uma exposição de trabalhos artesanais e gastronomia, e o Sarau das Palavras, em que poetas e amantes da literatura declamam poemas e realizam apresentações musicais.

Casarões e Ligas Camponesas compõem a memória local

O nome da cidade faz referência a uma antiga habitação portuguesa de primeiro andar, que passou a ser conhecida pelos moradores das redondezas como “sobrado”. De acordo com o pesquisador Juraci Marques, o imóvel foi edificado e abriga, atualmente, o escritório local da Companhia de Água e Esgotos da Paraíba (Cagepa), além de caixas d’água do município.

Os casarões antigos, a propósito, são marcos da história de Sobrado desde o século 18. Segundo informações extraídas do site Cultura de Sobrado, o Centro Histórico do município reunia diversas moradias do tipo. Com o tempo, porém, muitas delas chegaram a ruir, e outras foram derrubadas por seus proprietários. Já na saída da cidade, em direção ao Riachão do Poço, edificações pertencentes à família Braz Pereira também foram demolidas por falta de conservação. “Ainda com base no relato de pessoas idosas, outros casarões foram destruídos, há mais de 80 anos”, afirma Juraci.

O casarão da Rua Júlio Guabiraba e o da antiga Câmara Municipal são alguns

dos poucos que permanecem de pé, guardando não apenas a memória de Sobrado, mas dos povoados do interior do estado no século 18. Edno de Luna, professor de Geografia e ativista cultural, ressalta a importância de se preservar a história da cidade por meio dessas edificações, inclusive para enriquecer o turismo e fomentar a educação patrimonial. “A não valorização do patrimônio histórico e dos elementos que constroem a memória de um povo permite que o tempo apague os traços de suas histórias, a cultura e o sentimento de pertencimento desse povo. Precisamos de ações urgentes, como a revitalização desse patrimônio por parte do Poder Público”, enfatiza.

Movimento social

A riqueza histórica de Sobrado, entretanto, vai além dos casarões preservados. Foi em Barra de Antas, território sobradense situado na divisa com Sapé, que viveu João Pedro Teixeira, considerado um dos maiores líderes das Ligas Camponesas no país, durante a década de 1960. Reivindicando direitos para os trabalhadores ru-



Foto: Divulgação/“Cabra Marcado para Morrer”

rais e confrontando a opressão e o monopólio de terras na região, ele atuou à frente das Ligas Camponesas de Sapé, criadas em meados de 1958. “Esse movimento lutou contra as injustiças não só de Sapé, mas de toda a Paraíba. Os camponeses lutavam pelos seus direitos de plantar e colher na terra e denunciavam os abusos cometidos pelos latifundiários”, explica Juliana Teixeira, professora de História e neta de João Pedro

e Elizabeth Teixeira, no site Cultura de Sobrado. A história do casal, aliás, é tema do documentário “Cabra Marcado para Morrer” (1984), de Eduardo Coutinho.

Edno de Luna acrescenta que Sobrado também foi palco desses conflitos, sendo que o próprio assassinato de João Pedro Teixeira ocorreu nas imediações da comunidade de Antas do Sono, na PB-073. “Hoje, existe um memorial exatamente no local onde ele

morreu. Todo ano, grupos de reforma agrária e vinculados a movimentos culturais fazem uma peregrinação desse lugar até Barra de Antas”, relata Edno. A trajetória do militante camponês foi, inclusive, uma das inspirações do professor e ativista em suas incursões na música e na literatura, como se nota na canção “Fogo de Monturo” e no cordel “João Pedro Teixeira e as Ligas Camponesas”.

Ex-diretor de Cultura da

A trajetória de João Pedro e Elizabeth Teixeira à frente das Ligas Camponesas de Sapé é tema do documentário “Cabra Marcado para Morrer” (1984), de Eduardo Coutinho

Prefeitura de Sobrado, Edno mantém uma carreira que já rendeu dois discos e um livro de poesia, além de ter sido finalista do festival Forró Fest. Para ele, explorar essas formas de expressão é uma maneira de honrar a cultura local. “Depois que comecei a me aprofundar na literatura de cordel, passei a utilizá-la em sala de aula, pois o cordel conta a memória do povo, história e cultura através da linguagem popular”, conclui.



Harry Potter faz amizade com um grifo, mas o tom de conto de fadas muda em "Prisioneiro de Azkaban"

ÚNICO DIA

Volta a Hogwarts

Terceiro e melhor filme da saga "Harry Potter" celebra 20 anos com exibição nos cinemas na próxima terça

Renato Félix
renatofelix.correio@gmail.com

Tanto nos livros quanto no cinema, a saga do bruxinho adolescente teve a característica de "crescer" com seus leitores/espectadores. O tom foi ficando mais sombrio a cada romance e depois a cada filme, e isso ficou evidente na tela grande com o terceiro filme da série, *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* (2004), que celebra 20 anos de lançamento. Para comemorar, como aconteceu com os dois primeiros da série, a Warner recoloca o filme nos cinemas por um dia. As sessões acontecem nesta terça e, aqui na Paraíba, o filme poderá ser visto em cinemas de João Pessoa, Campina Grande e Patos. Ingressos estão à venda antecipadamente.

O *Prisioneiro de Azkaban* é considerado o melhor filme da série e isso começa pela mudança de diretor. *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2001) e *Harry Potter e a Câmara Secreta* (2002) foram dirigidos por Chris Columbus, um roteirista acostumado a tramas infantojuvenis (são dele os roteiros de *Grenlins*, de 1984, *Os Goonies* e *O Enigma da Pirâmide*, ambos de 1985). Ele transpôs com competência, mas sem ousadia, os dois primeiros livros de J.K. Rowling (que ultimamente tem perdido popularidade por causa de declarações transfóbicas na internet). O terceiro filme passou para as mãos do mexicano Alfonso Cuarón, que já tinha feito tanto o infantil *A Princesinha* (1995) quanto o provocante *E Sua Mãe Também* (2001) e, depois de sua passagem por *Hogwarts*, ganharia duas vezes o Oscar de melhor direção: por *Gravidade* (2013) e *Roma* (2019).

Cuarón pegou a escola de magia onde Harry e seus

amigos vivem suas aventuras e a tornou mais "suja", mais "fria", menos reluzente e menos conto de fadas. Harry (Daniel Radcliffe), Rony (Rupert Grint) e Hermione (Emma Watson) se vestem de maneira bem mais informal na maior parte do tempo, parecendo mais jovens do dia a dia e deixando claro que o tempo do encantamento com o mundo da magia já passou.

Agora, existe a tensão constante a respeito do fugitivo da prisão de Azkaban: Sirius Black (Gary Oldman). Harry é avisado: Sirius traiu seus pais no passado, colaborou para o assassinato do casal e, livre, pode tentar completar o serviço com Harry.

Carcereiros de Azkaban ficam nas entradas de Hogwarts para o caso de Sirius aparecer – mas são muito mais assustadores. São criaturas chamadas dementadores, que farejam o medo e sugam a essência vital de suas vítimas. Mas não parecem discernir quem é inocente e quem deve ser punido: qualquer um pode ser vítima deles.

O filme tem Emma Thompson, David Thewlis e Timothy Spall como novos nomes no elenco, além de Michael Gambon, no papel do professor Dumbledore. Gambon assumiu o papel após a morte de Richard Harris, que interpretou o personagem nos dois primeiros filmes.

Mas tudo no filme é preparação para a sensacional meia hora final de *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* – certamente, um dos melhores momentos da série inteira. A cena envolve, claro, a volta de Sirius Black, aparições repentinas, traições, indefinições sobre os objetivos de vários personagens, enfrentamento e fuga – tudo isso em poucos minutos.

Há mais depois, envolvendo um lobisomem e uma mexida no tempo que o filme narra de maneira magistral.

São estes momentos que consagram este *Harry Potter* em um patamar acima dos dois anteriores e pavimentam o tom em que os próximos filmes iriam trilhar. É esperar para ver se essas celebrações de 20 anos vão continuar até 2032, quando o último filme, *Harry Potter e as Relíquias da Morte – Parte 2* completará duas décadas.

Imagem: Divulgação/Warner Bros.



HARRY POTTER E O PRISIONEIRO DE AZKABAN

■ (*Harry Potter and the Prisoner of Azkaban*). Reino Unido/ EUA, 2004. Dir.: Alfonso Cuarón. Elenco: Daniel Radcliffe, Emma Watson, Rupert Grint, Gary Oldman, David Thewlis, Alan Rickman, Michael Gambon, Robbie Coltrane, Emma Thompson, Tom Felton, Maggie Smith, Julie Walters, Richard Griffiths, Fiona Shaw, Julie Christie, Timothy Spall.

■ Terça, em diversos horários

■ Nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande e Patos (confira locais e horários na página 11)



Cenas de 'Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban': jovens mais rebeldes lidam com a ameaça da volta de Sirius Black (abaixo)



Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Pecado e punição

As Testemunhas de Jeová são famosas pela rigidez espartana de suas doutrinas. Defendem a endogamia e se dizem contrárias ao divórcio – excetuando situações de adultério. O namoro é permitido somente aos jovens maiores de idade; tem como finalidade o casamento e também segue normas austeras. O desejo sexual fora do matrimônio é considerado pecado, de modo que tentam reprimir os próprios pensamentos com a crença incômoda de que Jeová vigia o mais íntimo deles.

Os líderes da igreja tendem a ser implacáveis contra namoros que fujam às regras e com práticas sexuais extraconjugais ou entre pessoas solteiras. O fato de que em grande parte das congregações o número de mulheres é bastante superior ao de homens, torna elevadíssimo o percentual de garotas “enclachadas”. A solução prática adotada por muitas delas é arriscar a sorte noutra congregação. Algumas mais corajosas desobedecem à orientação oficial, casando-se com não “cristãos” – com a esperança de que um dia o companheiro se converta.

Situações como essa terminam provocando graves censuras e até a desassociação, isto é, a expulsão da igreja. Punição máxima, que implica no banimento do convívio social e a perda de privilégios religiosos. Na maioria dos casos, os indivíduos de-

sassociados são atormentados com o sentimento desconfortável da destruição no Armagedom. Os membros associados ficam impedidos de conversar com eles; o que vale também para parentes próximos. Há registros de situações trágicas como suicídio e tentativas desesperadas de reverter a situação através de ações judiciais. A expulsão, no entanto, é passível de ser reconsiderada: basta que o indivíduo participe mudo, por tempo indefinido, das reuniões congregacionais e demonstre sincero arrependimento.

As Testemunhas de Jeová se orgulham de possuir boa reputação e cumprir corretamente obrigações sociais e civis. Repudiam mentira, jogos de azar, esportes violentos, consumo de drogas, trapaça e roubo. Não toleram leis que se oponham aos ensinamentos bíblicos, exortando nesses casos à desobediência civil. Pacíficas, recusam o serviço militar e empregos na força policial. Em alguns países a resposta governamental é severa, jovens são presos e perdem direitos civis. Também abominam manifestações de patriotismo e reverência a símbolos de Estado, como bandeira e hinos. São desde cedo educados a não cantar o hino de seu país na escola, nem fazer qualquer tipo de juramento.

Nesse mesmo compasso são incentivadas a não concorrer a cargos pú-

blicos, se filiar a partidos e votar em eleições governamentais. Como justificativa usam o argumento singular de que a política seria controlada por Satanás, e que, portanto, não passaria de um engodo acreditar no sucesso dos governantes humanos – marionetes de seres espirituais. A alternativa é aguardar o estabelecimento do governo divino, após o Armagedom, único capaz de promover justiça e felicidade para todos. Essa postura é tradicionalmente chamada por eles de neutralidade política. A decisão sobre votar é tratada como questão de consciência; cada indivíduo deve julgar sua atitude a partir dos ensinamentos bíblicos que recebeu.

Mesmo que doutrinariamente julguem o voto uma “questão de consciência”, na prática as Testemunhas de Jeová não experimentam tamanha liberdade. Pressões internas ecoam para que não participem de pleitos, e, em hipótese alguma, se filiem a partidos políticos. Geralmente os dirigentes apelam para estratégias retóricas, apoiados na autoridade dos textos bíblicos. A técnica consiste em gerar medo, sentimentos de culpa e vergonha, para impedir tais comportamentos indesejáveis. Atitude evidentemente contrária ao princípio de autodeterminação que, se generalizada, representaria uma ameaça real ao sistema democrático.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Resiliência e compaixão

O poeta e estadista alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749–1832) escreveu o poema “Prometeus” (1776), que aborda de forma irônica a relação dos seres humanos com o deus grego Zeus: “Devo honrar-te? Porquê? Alivias o fardo dos oprimidos? Enxugas, por acaso, a lágrima dos tristes?”. Desse modo, Goethe destaca a tendência natural do ser humano à rebeldia. Esse conflito se intensifica na busca pela autonomia e liberdade pessoal. Em sua poesia “Limite da humanidade”, o pensador reconhece a limitação dos humanos em cuidar de si mesmos e admira a divindade: “O que torna os deuses diferentes dos homens? Muitas ondas. Surgem diante das que partem uma corrente eterna: a onda nos ergue, a onda nos engole e naufragamos”. Por meio desses versos, Goethe ressalta a autodeterminação como uma força inerente a cada ser humano.

Na mitologia grega, o humano semideus Prometeu, presente na Teogonia entre os versos 507 e 616, datado do século 8 a.C., foi escrito por Hesíodo, poeta grego que viveu por volta de 776 a.C. a 650 a.C. Prometeu é retratado desafiando a autoridade divina e a sabedoria absoluta do deus supremo Zeus. Durante um banquete que visava promover a paz entre mortais e imortais, Prometeu propôs um desafio a Zeus. Ao final da competição, o semideus conseguiu que os humanos recebessem a carne dos animais sacrificados, enquanto os deuses ficariam apenas com os ossos cobertos de gordura. O resultado enfureceu Zeus, que, em retaliação, privou os seres humanos do “fogo”, simbolizando a sua capacidade racional. Assim sendo, Prometeu, dotado de muita inteligência, subtraiu esse “fogo” do supremo deus e o restituiu à humanidade, desagradando ainda mais a divindade. Como consequência de sua ação, o sábio foi amarrado a uma rocha por ordem de Zeus, tendo o fígado de Prometeu devorado por uma águia durante as noites, com o intuito de causar-lhe sofrimento e regeneração. Após algum tempo, surgiu o herói da mitologia grega Hércules, que abateu a águia

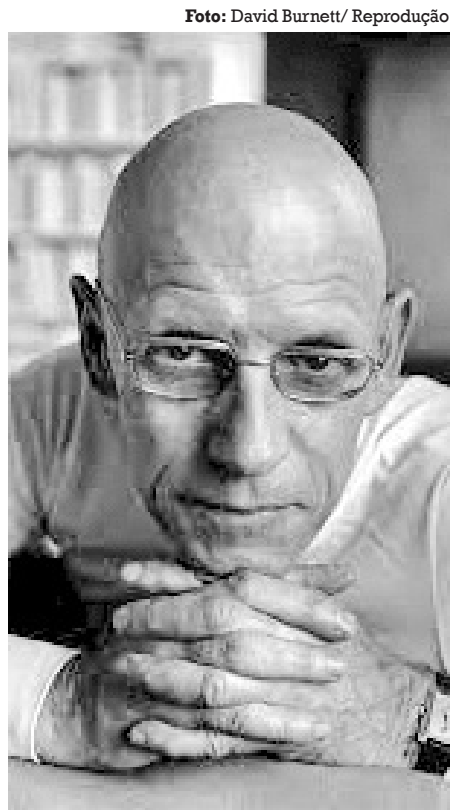


Foto: David Burnett/ Reprodução
Michel Foucault defendia que “devemos nos criar como uma obra de arte”

e libertou Prometeu de suas amarras. A metáfora evidencia um ser humano desafiando um deus, acarretando a ira contra a razão humana. Consequentemente, os mortais precisam manter a resiliência para enfrentar a má sorte do destino e lidar com a dor da existência, confiantes de que a liberdade virá através da compaixão alheia para se libertarem de uma maldição. Prometeu simboliza a vontade humana, e a obtenção do “fogo” representa a busca pelo conhecimento através da ciência. Assim, é possível livrar-se da fúria de um deus cruel através da solidariedade humana.

Compreender a importância de existir com dignidade, é preciso encontrar um novo entendimento de resiliência. Michel Foucault (1926-1984), filósofo, filólogo, crítico literário e professor, focaliza em uma dimensão da vida humana que não se limita à obediência às normas, mas se transforma em uma estética de viver. Ele discorda dos princípios éticos universais e expõe em sua última obra *Sobre a Genealogia da Ética* (1994) que: “Partindo do pressuposto de que o indivíduo não nos é dado, penso que há apenas uma

implicação prática: devemos nos criar como uma obra de arte. [...] Não se deve associar a atividade criativa ao tipo de relação que se tem consigo, e sim relacionar o tipo de relação que temos conosco à criatividade”.

Segundo Foucault, a história não diz o que se é e nem afirma sobre a identidade. Ela diferencia e separa as pessoas entre elas. Por isso, admite-se a necessidade de uma relação do indivíduo consigo mesmo, conduzindo o indivíduo a experimentar a ideia de subjetivação e a relação de poder entre o institucional e o indivíduo. Consequentemente, cria os saberes e é a noção de saber-poder, constituindo o indivíduo das próprias ações com os modos de ser e suas possibilidades de desejos de si para si e o autocuidar-se. Em seu livro *As Palavras e as Coisas* (1966), Foucault afirma que o humano sempre desaparece diante de si, e que a substância ética é volátil e não depende de uma racionalidade. Seu texto “Tecnologia do eu” versa que os indivíduos, a partir deles, devem alcançar a perfeição e a felicidade. E que o sujeito ético é constituído da liberdade de pensar sua vida como uma obra de arte, que toma a forma de um domínio de si, pelo qual se relaciona consigo mesmo na relação estética que tem com os outros.

Foucault, por meio do livro *Alcibíades* do filósofo grego Platão (428/427 a.C. - 348/347 a.C.) fundamenta o conceito do “cuidando de si”. Na tradição estoica, o sujeito a partir de si busca adquirir a verdade que dá acesso à realidade do mundo. E a ascese - que é uma atividade que desenvolve o controle do corpo e do espírito - é elevada a um lugar interno que dá origem a relação estética consigo mesmo, com os outros e com a verdade, vivenciando a liberdade.

Sinta-se convidado à audição do 472º Domingo Sinfônico, deste dia 2, das 22h às 0h. Em João Pessoa (PB), sintoniza na FM 105.5 ou acesse o aplicativo www.radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei peças do Barroco, do Classicismo e do Romantismo Alemão.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Dois meninos

Dois amores. *Close* é um filme de verdade, de 2022, que concorreu ao Oscar de melhor filme estrangeiro, mas não levou. É um filme triste, mas precisa ser visto. Cê já viu *Close*, de Lucas Dhont?

Close é um drama de origem belga, que conta a história da imensa amizade entre os jovens Leo (Eden Dambrine) e Rémi (Gustav De Waele), ambos de 13 anos de idade. Uma história de amor que se desenvolve, após os dois meninos serem julgados pelos amigos de que eles, Leo e Rémi, possuíam uma amizade “íntima demais”. Ora, amizade é superior ao amor.

Nada pior do que os julgamentos milenares seguidos do discurso da religião. Os dois acabam se distanciando, deixando marcas pela vida toda e, certamente, muitas coisas que a gente se esquece de lembrar - o zelo.

Li uma entrevista com o autor Lukas Dhont, abordando assuntos como masculinidade, estereótipos, personagens e também a própria vida do diretor, mas vamos cuidar na vida, né?

Sim, *Close* é um filme intimista, não o bastante, não teria sentido, que aborda a relação de amizade entre dois belos jovens. Tenho a impressão que o filme não chegou a muitos. Uma das coisas que mais me impressionou foi o sutil caminho tomado para abordar momentos privados da vida dos dois personagens.

Não acredito que tenha sido fácil colocar na tela, o tema, diante do sistema, das decisões apontadas pelas sociedades constituídas, até da escrita do roteiro. *Close* precisa ser visto por milhares de pessoas.

O diretor, Lukas D disse que sendo o seu segundo filme, de várias maneiras, ele queria fazê-lo como uma peça complementar para o primeiro filme *Girl*, que entre as coisas, é uma obra sobre feminilidade. “Eu sabia que queria fazer, neste longa, algo sobre a masculinidade. Eu tive essa realização de filmar mais do que homens brigando. De filmar homens dando suporte um ao outro. Existia o desejo de ver intimidade nesse universo masculino”, registra Lucas Dhont.

O filme vem da natureza, a colheita das flores da família de Leo, o trabalho e seus resultados, cujas imagens são mais íntimas do que a própria intimidade entre os meninos, entre seres humanos. A natureza é um gozo. É linda a cena de Leo e Rémi correndo pelas flores. Certamente essas cenas mostram mais de *Close* do que o envolvimento amoroso entre os personagens. Não existe cena de sexo, óbvio, não cabe sexo no filme, sequer quando dormem juntos - Rémi e Leo.

A gente tende a pensar outra coisa, além. Pensamentos de que precisamos ser duros, nunca brutais, mas o filme não necessita de nenhuma interferência, é um filme que fala de amor entre duas pessoas que se misturam na natureza, entre tantas interpretações malditas, interpretações tardias.

Tem a ternura do diretor, que confessa ser “uma ternura e fraqueza. Ao crescer, eu achava que a ternura era algo a ser escondida. Vivemos em um mundo onde a masculinidade e a virilidade são muitas das vezes vistas como a mesma coisa”.

Então, *Close* é a transformação, pé no chão, um sentido, não um, muitos. Uma representação da arte. Ao longo do filme, seus traços se tornam mais amarelos sujos, marrom sujos, sujos. Cores diversas e uma luz impressionante. Podemos ver esse tipo de representação da perda da inocência, em seus figurinos, com o desfecho da morte.

Kapetadas

1 - Sono dormido sozinho é sonho; sono dormido junto é ronco.

2 - É impossível imaginar um mundo sem cachorros. E sem crápulas, canalhas e patifes.

Foto: Divulgação/ A24



‘Close’ concorreu ao Oscar de filme internacional em 2023

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Glauber e o universo euclidiano no cinema

Ninguém melhor resgatou o universo euclidiano com tamanha firmeza e personalidade que o cineasta baiano Glauber Rocha. Digo isso, tomando por base o alegórico *Deus e o Diabo na Terra do Sol*. Filme vigoroso, que, de certa forma, buscou subsídios cênicos e alguns personagens no grande saltério *Os Sertões* de Euclides da Cunha, editado no comecinho do século passado. Obra que o historiador paraibano José Octávio de Arruda Mello classifica como sendo “de força catalítica”, em sua publicação *Terra, Revisionismo e Cultura em Euclides da Cunha*, de 2009, editada pela Unipê. Singular livro esse, que então estaria agora completando 15 anos.

Por ser uma obra ficcional, precursora de dois trabalhos para cinema – os documentários *Euclides da Cunha*, direção de Humberto Mauro, e *Um Sino Dobra em Canudos*, de Carlos Gaspar, realizados entres os anos de 1940/1962 –, o filme de Glauber, beirando tematicamente *Os Sertões*, nos trouxe todo um glamour do Cinema Novo brasileiro da época. Mesmo assim, sob muito temor. Pois, *Deus e o Diabo na Terra do Sol* adveio justamente na época dramática da sociedade brasileira, durante a tomada do poder constituído do Brasil pela Ditadura Militar, cujo foco principal foram cultura e liberdade de expressão.

Lembrando bem, este ano faz sessenta anos do Golpe Militar de 1964. Também dos 15 anos da publicação de *Terra, Revisionismo e Cultura em Eu-*



“Deus e o Diabo na Terra do Sol”, de Glauber Rocha, que bebe na fonte de “Os Sertões”

clides da Cunha, do historiador Zé Octávio. Publicação em que, a pedido de seu autor, registrei em capítulo toda filmografia brasileira voltada ao tema de *Os Sertões*, os embates em Canudos e seus personagens, como exemplo, beato Antonio Conselheiro. Esse, no filme de Glauber, um líder revolucionário tido como “santo”, que conduz peregrinos à luta contra os latifundiários da região baiana, sob a proposta religiosa de “busca do paraíso após a morte”. Conflito sangrento ocorrido no final do século 19, que ficou então conhecido como a Guerra de Canudos.

No livro de Zé Octávio sobre *Os Sertões*, encontraremos detalhes desse sangrento período social religioso da história dos sertões brasileiros. Tudo

isso ligado às performances do cinema nacional, como um todo. Ocasão em que inclui também o cinema paraibano, quando se avalia em um dos capítulos (“Antropologia, cinema e literatura”), algumas obras do próprio autor, duas de Wills Leal, destacando um livro meu: “De todos o mais importante é o de Alex Santos – *Cinema e Televisão: Uma Relação Antropofágica* (2002). Dissertação de mestrado (...), essa monografia reitera o que temos sustentado – a fundamentação antropológica do cinema, principal veio de apreensão da cultura paraibana, nesse caso euclidiana, tal como reconhecido pelo cineasta Linduarte Noronha em *Aruanda*”. – Mais Coisas de Cinema, acesse nosso blog: www.alex-santos.com.br



APC se congratula com a presidência da ABC

Na semana que passou, foi reeleita por mais um mandato de dois anos na presidência da Academia Brasileira de Cinema (ABC), a produtora Renata Almeida Magalhães. Pelos estatutos da entidade, também por sua gestão, ela é reconhecida como a primeira mulher à frente da ABC, desde que a entidade foi criada. Renata Almeida é também a organizadora do Prêmio Grande Otelo do Cinema Brasileiro, que antes era conhecido, apenas, como Grande Prêmio do Cinema Brasileiro. Em nota publicada esta semana, ABC informa que os melhores do cinema serão conhecidos em 28 de agosto próximo, na Cidade das Artes, no Rio de Janeiro.

O presidente João de Lima Gomes da Academia Paraibana de Cinema, em nome de toda sua diretoria, conselho e associados, se congratula com a ABC, pela continuidade de Renata Almeida à frente da entidade.

Em cartaz

Programação de 30 de maio a 5 de junho, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos e Guarabira.

ESTREIAS

THE CHOSEN – OS ESCOLHIDOS: TEMPO-RADA 4 – EPISÓDIOS 7 E 8. Drama/religioso. 2h42. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dom., seg. e qua.: dub.: 17h10. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: qui., sex. e dom. a qua.: dub.: 14h15. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 20h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 20h.

OS ESTRANHOS – CAPÍTULO 1 (*The Strangers – Chapter 1*). Suspense. 1h31. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 13h40, 18h20; leg.: 16h15, 20h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: qui. a seg. e qua.: 19h30, 22h; ter.: 19h30. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 18h55, 20h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 18h55, 20h45. **Patos:** MULTICINE PATOS 3: dub.: qui. a seg. e qua.: 19h, 21h05; ter.: 21h10.

A FILHA DO PALHAÇO. Drama. 1h44. 16 anos. **João Pessoa:** CINE BANGUÊ: qua.: 19h. Próximas semanas: sab. 08/06: 15h; seg. 10/06: 19h; qui. 13/06: 19h; dom. 16/06: 19h; sab. 22/06: 19h.

IMACULADA. Terror. 1h29. 18 anos. **João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 4: leg.: 15h45, 18h, 20h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 14h45, 17h, 19h15, 21h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 14h15, 16h30, 18h45, 21h. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 17h10. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: qui. a seg. e qua.: dub.: 21h. CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 17h10. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 19h40, 21h25.

AS LINHAS DA MINHA MÃO. Documentário. 1h20. 14 anos. **João Pessoa:** CINE BANGUÊ: sab.: 17h. Próximas semanas: qui. 06/06: 17h; dom. 09/06: 17h; sab. 15/06: 15h; seg. 17/06: 19h.

MEU SANGUE FERVE POR VOCÊ. Romance/drama. 1h37. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dom., seg. e qua.: 15h, 19h40. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: qui., sex. e dom. a qua.: 17h30, 20h. CINESERCLA TAMBIA 3: 18h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: 18h.

RE-ESTREIA

AHORADA ESTRELA. Drama. 1h36. 12 anos. **João Pessoa:** CINE BANGUÊ: sab.: 19h. Próximas semanas: dom. 09/06: 19h; qui. 13/06: 17h; qua. 19/06: 19h; dom. 23/06: 15h; seg. 24/06: 19h; dom. 30/06: 17h.

ESPECIAL

HARRY POTTER E O PRISIONEIRO DE AZKABAN. Aventura. 2h22. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: ter.: dub.: 14h30, 17h30; leg.: 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: ter.: dub.: 15h, 18h; leg.: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): ter.: dub.: 16h, 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): ter.: leg.: 19h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: ter.: dub.: 15h, 17h15, 20h30. CINESERCLA TAMBIA 6: ter.: dub.: 20h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: ter.: dub.: 20h40. CINESERCLA PARTAGE 3: ter.: leg.: 21h. **Patos:** CINE GUEDES 1: ter.: dub.: 15h, 18h20, 21h. CINE GUEDES 2: ter.: dub.: 17h05. MULTICINE PATOS 1: ter.: dub.: 21h. MULTICINE PATOS 3: ter.: dub.: 15h45.

FESTIVAL

FESTIVAL ROLIÚDE QUEER. Festival de curtas-metragens com temática queer, com 17 filmes em dois dias. Entrada franca.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: seg.: 9h30; ter.: 9h.

CONTINUAÇÃO

AMIGOS IMAGINÁRIOS. Comédia. 1h44. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 15h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 13h50, 16h30, 19h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 17h. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: qui. a dom.: 15h, 17h, 19h; seg. a qua.: 17h, 19h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: qui. a dom.: 15h, 17h, 19h; seg. a qua.: 17h, 19h. **Patos:** CINE GUEDES 2: qui. a seg. e qua.: dub.: 17h25.

BACK TO BLACK. Drama. 2h20. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 18h15.

LA CHIMERA. Aventura/comédia. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom. e seg.: 19h. Próximas semanas: sab. 08/06 e qua. 12/06: 19h.

DE REPENTE, MISS. Comédia. 1h33. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 21h20.

FURIOSA – UMA SAGA MAD MAX. Aventura/ficção científica. 2h28. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dom. a qua.: dub.: 15h, 18h; leg.: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: qui. a seg. e qua.: dub.: 14h30, 17h45, 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: 15h30, 18h45, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): qui. a seg. e qua.: leg.: 14h, 17h15, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 15h, 18h30, 21h30. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: qui. a seg. e qua.: 15h, 17h50, 20h40; ter.: 15h, 17h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: qui. a seg. e qua.: 15h, 17h50, 20h40; ter.: 15h, 17h50. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: qui. a seg. e qua.: 15h20, 18h10, 21h; ter.: 15h30, 21h. MULTICINE PATOS 1: dub.: qui. a seg. e qua.: 17h, 20h20; ter.: 16h40. MULTICINE PATOS 3: dub.: qui., sex. e dom.: 15h20; sab., seg. e qua.: 15h35. MULTICINE PATOS 4: ter.: dub.: 20h25.

GARFIELD – FORA DE CASA. Comédia/aventura/animação. 1h41. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 13h30, 16h, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 14h30. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 15h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 15h10. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 15h15. MULTICINE PATOS 4: dub.: 3D: qui., sab. e dom.: 14h45, 17h30; sex., seg. e qua.: 15h55; ter.: 15h20, 18h.

NADA SERÁ COMO ANTES – A MÚSICA DO CLUBE DA ESQUINA. Documentário. 1h18. 10 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: sab.: 15h; dom.: 17h. Próximas semanas: qui. 06/06: 19h; dom. 09/06: 15h.

PLANETA DOS MACACOS – O REINADO Ficção científica/aventura/drama. 2h25. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 13h45, 16h45, 19h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: qui. a seg. e qua.: 15h, 18h15, 21h30; ter.: 15h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: ter.: dub.: 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: qui. a seg. e qua.: 14h, 17h15, 20h30. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 15h, 17h45, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 15h, 17h45, 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: qui. a seg. e qua.: 18h30. MULTICINE PATOS 4: dub.: qui. a seg. e qua.: 19h40.

SEM CORAÇÃO. Drama. 1h31. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom.: 15h; ter.: 19h. Próximas semanas: sab. 08/06: 17h.

Serviço

• Funes [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Partage [83]3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira [Box] [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Edinaldo do Egipto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

Hildeberto
Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Osias e eu

Em breve artigo para o Jornal *A União*, publicado em meados dos anos 1970 do século passado, Osias Gomes me juntava a nomes já consagrados da poesia contemporânea da Paraíba, a exemplo de Jonar Moraes Souto, Vanildo Brito, Celso Otávio Novaes e Sérgio de Castro Pinto, entre outros. Devo a ele, portanto, à primeira referência pública ao meu nome como poeta, e o primeiro aporte crítico sobre meus textos, embora ainda fosse inédito em livro. De fato, minha estreia, com *A Geometria da Paixão*, data de 1986.

Em 1978, li seu romance, *Estertor*, publicado pela Editora Universitária em 1972. Narrativa de ficção científica e utopia social, na vertente de Aldous Huxley e George Orwell, porém, sem a perspectiva distópica e pessimista desses autores, uma vez que alicerçada em fundamentos teológicos de origem bíblica associados às categorias científicas, que terminam, dentro da fabulação, por sinalizar e garantir a redenção da humanidade.

Em 10 de dezembro de 1978, o *Correio das Artes*, à época sob a editoria de Jurandy Moura, veicula resenha crítica de minha autoria, analisando, em linhas gerais, a estrutura do romance. Mesmo reconhecendo a originalidade e o pioneirismo do tema, o domínio vernacular, a fluência verbal e a erudição do escritor, advogado e jornalista, fazo-lhe algumas restrições, principalmente pelo tom ensaístico e doutrinário característico do romance de tese, como pode ilustrar esta passagem do texto:

“Romance, será mesmo romance ou principalmente exposição novelesca de um sonho, de uma ideia, de uma visão - digamos assim atualíssima - de um tempo futuro, de um tempo que certamente está por vir? Sim, porque o texto não consubstancia quase nada de estrutura narrativa, nem mesmo um laivo de análise psicológica das personagens, criação substancialmente ficcional, enredo, trama, episódios etc.”

Em carta, de 13 de dezembro de 1978, a mim destinada, Osias Gomes me agradece o artigo e faz algumas ponderações acerca de seu romance, decerto válidas e necessárias no amplo espaço das concepções literárias.

Falando acerca da obra, afirma, logo no primeiro parágrafo da carta: “(...) Uma coisa não lhe pode ser negada, e foi a sua originalidade inventiva no escalão científico e no social, neste último como síntese e fundição das numerosas utopias que já pontuavam a curva do pensamento filosófico”.

Mais adiante, atento a meus senões apontados, revida, com elegância e maturidade, com estas palavras: “Vejo que entendeu profundamente a trama do meu livro, apesar das vozes em contrário no sentido de que lhe falta o atrativo dum enredo à moda clássica. Além disso foi escrito para bons entendedores, e um dos processos usados a fim de torná-lo menos vulgar cingiu-se em falar mais pelas entrelinhas do que pelo texto ostensivo. Acusaram-no ainda de demasiado absurdo em sua fantasia, mas qual é a fantasia a que falte o ingrediente atordoador do inverossímil?”.

Trago à tona estes fatos da vida literária local para registrar a presença relevante de um de seus atores fundamentais, circunscrito ao quadro das antigas gerações. Se incursionou isoladamente pelo campo singular da ficção científica em território paraibano, palmilhando os caminhos do romance, Osias Gomes foi também o jornalista histórico que fez de *A União* a plataforma incendiária das ideias liberais nos anos 1930, embora seu articulismo, constante e persistente até os últimos anos de vida, tenha contemplado temas e assuntos os mais variados, polígrafo e polímata que era e dos mais completos.

Acadêmico, Osias Gomes se notabiliza como orador e ensaísta, senhor de uma rica e multifacetada herança literária. Seus discursos e suas reflexões exegéticas podem ser conhecidos através das páginas que publicou, em especial, nas revistas da Academia Paraibana de Letras. A compilação destes textos dariam um volume de valor inestimável, sobretudo para o deleite das novas gerações estudiosas. Ao jurista de *Da Apreciação pelo Poder Judiciário do Mérito dos Inqueritos Administrativos* e de *Ação Rescisória*, entre outros estudos jurídicos, ao memorialista de *Baruque*, vem juntar-se o misto de teólogo e filósofo de *Paulo de Tarso* e o *Pensamento Moderno*, numa demonstração irrefutável de sua vasta e complexa organização intelectual.

De estilo inconfundível, dado ao cultivo do vocábulo raro e precioso, da frase eloquente e de exuberância intertextual, ditados decerto pela formação sólida e pelo incansável trato com os livros, Osias Gomes é desses nomes que se devem guardar no seletor aconchego da memória cultural. Foi esse homem notável que conheci na juventude e com o qual muito aprendi, lendo seus textos sempre lastreados por fecundo saber humanístico.

Colunista colaborador

MÚSICA

Sintonia fina cruzando trajetórias

Flávio Venturini e Ricardo Bacelar conversam com A União sobre o EP que lançaram nesta semana

Sheila Raposo
sheilamraposo@gmail.com

Em meados dos anos 1980, quando a banda carioca Hanoi Hanoi estourava com a música “Totalmente demais”, o cantor, compositor e pianista Flávio Venturini, advindo do Clube da Esquina e ainda integrante do grupo 14 Bis, já tinha gravado dois discos solo e contava com vários sucessos na carreira, iniciada na década anterior. Quase 40 anos depois, esses dois universos, que nunca haviam se tocado antes, esbarraram na mesma estrofe.

Desse encontro, veio o EP *Telepatia*, fruto da primeira colaboração entre Venturini e o multi-instrumentista, cantor e produtor cearense Ricardo Bacelar, que foi tecladista da banda Hanoi Hanoi. Lançado nas plataformas digitais, na última sexta-feira, o EP foi gravado no Jasmin Studio, em Fortaleza, e traz três canções, de ritmos variados, incluindo a inédita “Samba saudade”, parceria de Venturini e Bacelar, com a colaboração do letrista Murilo Antunes. O trabalho reúne ainda as canções “Telepatia”, parceria de Venturini e Jorge Vercillo, e “Lareira”, composta pelo mineiro em 1985 — e inédita, até então.

“Inicialmente, íamos fazer uma música juntos, gravar um pouquinho, trocar umas

ideias... Mas as coisas fluíram tão bem dentro do estúdio que acabamos fazendo três músicas. E aí veio a ideia do EP”, conta Bacelar.

Durante a temporada de criação e gravação de *Telepatia*, Venturini foi hóspede de Bacelar — o estúdio Jasmin é montado na casa do artista cearense. “Pela internet, eu acompanhava o trabalho que Ricardo vem fazendo com o seu selo, e achava muito bom. Até que um amigo em comum nos apresentou, numa ida minha à Fortaleza”, diz Venturini. E acrescenta: “Ricardo é um músico de muito bom gosto. Foi um projeto especial na minha carreira, que eu fiz com o maior carinho. Então, claro, existe a possibilidade de mais trabalhos pela frente, né?”, sugere.

Do outro lado, o artista cearense reforça o clima de sintonia entre os dois e explicita a sua admiração pelo mineiro: “Sempre ouvi Flávio Venturini, tanto no 14 Bis quanto na carreira solo. Tivemos agora a oportunidade de trabalhar juntos, uma experiência muito rica. Além de um grande artista, ele é uma pessoa muito leve, muito alto astral”, diz.

O projeto do EP contou ainda com a participação do guitarrista e produtor Torcuato Mariano, convidado por Venturini para dividir a produção com Ricardo Bacelar, com

Robertinho Marçal na bateria, Hoto Júnior, na percussão, e Nélcio Costa, no contrabaixo. Eles ainda gravaram um videoclipe para “Lareira”, que estreou no YouTube no mesmo dia do lançamento do EP.

Meio século

Venturini participou de momentos cruciais da história da música popular brasileira. Egresso do movimento Clube da Esquina, tocou na banda de rock rural O Terço e fundou o 14 Bis, grupo de rock brasileiro muito querido pelo público. Na carreira solo, acumulou sucessos, como “Espanhola”, “Nascente”, “Noites com Sol” e “Céu de Santo Amaro”, entre outros.

Mas ainda falta uma coisa: um álbum instrumental. “Esse disco virá em 2025, quando completo 50 anos de carreira. Será um bom momento, né? Além disso, estamos preparando um documentário e um livro, no qual eu conto a minha trajetória”, antecipa.



Imagem: Nicolas Gondim/ Jasmin Music

Flávio Venturini, egresso do Clube da Esquina, e Ricardo Bacelar, ex-tecladista do Hanoi Hanoi, se conheceram e a nova amizade já rendeu um EP



Através do QR Code acima, assista ao clipe da dupla

Livraria
A UNIÃO
Casa da literatura paraibana

A casa da literatura paraibana está também online!

Entre na Livraria A União e receba os melhores textos da Paraíba a um clique!

Acesse:



www.livrariaauniao.pb.gov.br/epc_livraria/loja/



marketing epc

POLO TURÍSTICO

Dez mil empregos serão gerados

Obras do projeto impulsionam a economia de João Pessoa e são exemplos de empreendimentos para todo o Brasil

Tiago Bernardino
tiago.bernardino@gmail.com

Com mais de 10 mil empregos gerados durante a construção, o Polo Cabo Branco, em João Pessoa, avança a economia e serve de exemplo de empreendimento de sucesso para todo o Brasil. Os investimentos chegam a R\$ 1,7 bilhão e o primeiro empreendimento estará pronto no próximo ano. O complexo turístico é de responsabilidade do Governo do Estado por meio da Companhia de Desenvolvimento da Paraíba (Cinep).

Atualmente cinco empreendimentos estão em construção, além das obras do Boulevard dos Ipês, uma via pública que ligará o Centro de Convenções até próximo à praia. O primeiro empreendimento a ser entregue será a primeira etapa do Acquaí, com previsão de entregar o parque aquático em dezembro de 2025. Estão ainda em construção o Ocean Palace Jampa Eco Beach Resort, o Amado Bio & Spa Hotel, o Tauá Resort e Convention João Pessoa e o Holanda's Gold Resort Club. Um novo empreendimento assinará convênio em breve, adiantou o presidente da Cinep, Rômulo Polari.

De acordo com Rômulo



Alguns empreendimentos já estão em fase de acabamento, com engenheiros e arquitetos cuidando dos detalhes



Trabalhadores executam os preparativos para as construções, cujos detalhes são conferidos na planta pelo governador



Polari, o Estado participa do Complexo oferecendo estímulos para os investimentos e na atração de empresas. “Concedemos incentivo locacional, ou seja, lotes a preço subsidiado, oferecemos a infraestrutura básica (pavimentação, água, gás, saneamento básico, energia e fibra óptica)”, explicou.

O complexo turístico também terá outros projetos previstos pelo Governo do Estado, como a Escola de Idiomas, Gastronomia e Hotelaria, a Vila dos Pescadores e o Espaço Paraíba. Rômulo Polari disse ainda que outro projeto do governo vai impactar diretamente não só o Polo Cabo Branco mas toda a costa litorânea da Paraíba, que é o Preamar (Programa Estratégico de Estruturas Artificiais Marinhas).

“Esse programa tem como objetivo impulsionar a gestão sustentável das áreas costeiras da Paraíba, integrando a conservação da biodiversidade marinha e costeira com a melhoria da qualidade de vida das comunidades locais. Isso será alcançado por meio de ações socioambientais centradas na utilização de recifes artificiais, criando áreas temáticas para o mergulho contemplativo e na restauração de ambientes coralíneos naturais”, contou.

Turismo em toda a PB terá incentivo com equipamento

Além dos novos equipamentos turísticos, o Polo Cabo Branco vai ampliar a oferta no número de leitos em João Pessoa. De acordo com os dados da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis da Paraíba (Abih-PB), os empreendimentos associados oferecem 6.649 leitos na capital. De acordo com Rômulo Polari, os resorts em construção vão oferecer mais de 11 mil novos leitos de hospedagem.

“O estado todo sentirá o impacto porque o turista que vier para o complexo turístico poderá conhe-

cer não só a capital como os diversos destinos do estado. Para isso teremos um espaço que apresentará o turismo e a cultura das regiões paraibanas, estimulando o turista a sair também do resort para outros locais. Temos tanta ciência dessa mudança que estamos em diálogo com o trade e entidades do segmento para que todo o estado se prepare para esse novo momento. Sem dúvidas é um projeto singular e por isso já é *case* de sucesso para todo o Brasil, fazendo parte dos projetos divulgados pelo Ministério do Tu-

rismo”, prevê o presidente da Cinep.

Segundo a secretária de Turismo e Desenvolvimento Econômico, Rosália Lucas, os empreendimentos vão movimentar a economia da Paraíba em diversos setores. “O Polo Cabo Branco será sem dúvida o maior complexo turístico do Nordeste, gerando um enorme impacto na cadeia produtiva por meio da geração de empregos diretos e indiretos nos setores de hospedagem, alimentação, transporte e entretenimento. Serão mais de 11 mil leitos nos empreendimen-

tos já confirmados que vão atrair turistas vindos de todos os lugares para conhecer o nosso estado”, disse.

Rosália Lucas também destaca a importância dos investimentos na infraestrutura necessária para garantir a viabilidade dos empreendimentos. “O governador João Azevêdo tem ampliado de forma estratégica os investimentos na promoção do destino e os benefícios que tem resultado na ampliação da malha aérea e oferta de voos para atender essa nova demanda”, finalizou.

Polo turístico

O polo é o projeto do Governo da Paraíba voltado para o desenvolvimento do maior complexo turístico planejado do Nordeste, que reunirá resorts, parque aquático, equipamentos de animação e estabelecimentos de comércio e serviços. Atualmente, o projeto já conta com o Centro de Convenções de João Pessoa, reconhecido e premiado nacionalmente. O projeto está inserido em uma área de 654 hectares, em uma região privilegiada de João

Pessoa e próximo a diversos pontos turísticos.

Ambientalmente sustentável, o Polo Cabo Branco está situado entre o mar do Litoral Sul paraibano e o verde da Mata Atlântica, sendo abraçado pelo Parque das Trilhas — a maior reserva ambiental de Mata Atlântica nativa inserida na malha urbana do Brasil —, composto por mais de 575 hectares. No local, foram instalados os batallhões da polícia ambiental e turística, além de uma unidade de conservação do parque.

Saiba Mais

Conheça os principais empreendimentos já em construção:

■ Ocean Palace Jampa Eco Beach Resort

Esse será o mais novo empreendimento do grupo potiguar A. Gaspar e A. G. Hotéis e Turismo. O Ocean Palace Jampa Eco Beach Resort é um projeto de alto padrão, luxo superior, cinco estrelas, *all inclusive* e nível internacional. O empreendimento terá mais de 43 mil m² de área construída, contemplando 405 apartamentos (sua maioria com vista para o mar) e variadas atividades de lazer, incluindo trilhas ecológicas e diversas opções gastronômicas. O projeto atende aos requisitos do Polo Turístico Cabo Branco também por ser um projeto sustentável, integrado ao verde e autossuficiente energeticamente, utilizando energia renovável em suas instalações.

■ Amado Bio & Spa Hotel

Projetado pelos arquitetos Bruno Ferraz e Augusto Magno, o Amado Bio & Spa Hotel é uma aposta da empresa pessoense XYZ Administradora de Hotéis com o objetivo de ressignificar padrões e comportamentos. Para tanto, integrará elementos do oceano, das falésias e da floresta onde o Polo Turístico está inserido. O Amado Bio & Spa Hotel será construído em uma área com quase 40 mil m² e sua estrutura terá capacidade para 240 unidades, sendo 82 construídas nos seis primeiros meses e as demais em até um ano.

■ Tauá Resort & Convention João Pessoa

Grande empreendimento do Grupo Tauá, o Tauá Resort & Convention João Pessoa contará com um grande resort e terá o primeiro parque aquático in-

door do Nordeste. Localizado em um terreno de 300 mil m², com 80 mil m² de área verde, o empreendimento oferecerá sete piscinas, incluindo uma dedicada ao público infantil, além de espaços de entretenimento, que reúnem o clube infantil, cinema, boliche, teatro e outras atividades de lazer; e uma área de convivio e descontração localizada junto à piscina principal e com uma praquina típica nordestina, com pequenas lojas, cafés, quiosques e apresentações. Além disso, os hóspedes poderão desfrutar de oito restaurantes com gastronomia variada, um espaço para cozinha regional, cinco bares, dois lounges, spa coberto, academia, centro de convenções e local para eventos.

■ Acquaí Parks & Resort

O Acquaí Park, projeto da empresa europeia Airy Hotels

& Leisure, tem a proposta de ser um dos maiores e mais ecológicos parques aquáticos do Brasil. Suas modernas atrações se mesclam com a natureza regional, proporcionando espaço para 7.700 visitantes simultaneamente, com a meta de atrair um milhão de turistas anualmente. O Acquaí Resort oferecerá 610 apartamentos de luxo, com acesso exclusivo ao parque aquático. O empreendimento também inclui o Acquaí Village, uma área comercial ao ar livre que atende tanto aos frequentadores do parque quanto ao público em geral, complementando o Boulevard dos Ipês, já em construção no Polo Turístico Cabo Branco.

■ Holanda's Gold Resort Club

O Holanda's Gold Resort Club, projeto do grupo Holanda, vem para integrar esporte,

lazer e contato com a natureza para toda família. O resort oferecerá inúmeras opções de entretenimento para os usuários, como restaurantes, bares, piscinas, pistas de boliche, salas de massagem, quadras de beach tennis, sala de arte circense, spa com piscina aquecida e muito mais. O empreendimento também integrará medidas sustentáveis para a preservação do meio ambiente, valorizando a experiência do usuário, como a captação de água da chuva para irrigação dos jardins, arquitetura que promove uma ventilação adequada, uso de energia solar e a classificação de boa parte das árvores nativas do local. O Holanda's Gold Resort Club será construído numa área de 57 mil m², com 30 mil m² de áreas comuns, lazer e esportes e oferecerá 984 leitos em 346 apartamentos.

■ Boulevard dos Ipês

A grande e principal avenida do Polo Turístico Cabo Branco, que ligará o Centro de Convenções até próximo ao mar. Inspirada no movimento armorial liderado pelo escritor paraibano Ariano Suassuna, será um dos maiores produtos turísticos do Nordeste. O Boulevard será cercado por mais de 200 ipês coloridos e outras plantas nativas ao longo dos 700 m de extensão por 33 m de largura. Em cerca de 20 mil m² de área construída, a via reunirá elementos culturais, tecnológicos e sustentáveis, além de projetos de urbanização, mobilidade urbana, paisagismo, escola de gastronomia, hotelaria e idiomática, museu, anfiteatro, playground, mirante, jardim sensorial, área de apoio ao ciclista, bicicletas e patinetes elétricos públicos e Vila dos Pescadores.

Memórias

A União

Beth Torres

Jornalista comprou a ideia de se reinventar para revolucionar o jornal

Primeiro estímulo foi para a equipe a quem entusiasmou e de quem conseguiu adesão para novas iniciativas que mudariam conceitos e a maneira com que o veículo passaria a lidar com os leitores e com a população paraibana

Luiz Carlos Sousa
luizjcp@gmail.com

Beth Torres chegou n'A União em meio à ideia de acabar com o impresso. Havia uma corrente que defendia o fim dessa plataforma, preferindo a versão on-line. Mas ela engajou-se num projeto editorial que trouxe muitas mudanças e, apaixonada pelo impresso, conseguiu motivar a equipe e criar novo projeto gráfico, investindo na criação de cursais, incentivando reportagens especiais e a distribuição do jornal em todo o estado. Ela diz que foram grandes desafios que marcaram sua gestão, que teve uma característica diferente: foi editora geral e diretora técnica ao mesmo tempo; planejava e executava o jornal e dirigia a gráfica. Teve dificuldades com equipamentos, sabia que o momento não era propício para compra de novas máquinas, mas foi aprendendo a lidar com o que tinha e a se reinventar. Confessou ao Memórias A União, que até hoje se mantém atenta ao que ocorre no jornal e não vê como um patrimônio dessa importância possa ser extinto.

Entrevista

Como foi que sua história profissional cruzou com A União?

É um prazer estar aqui n'A União, para conversar um pouquinho sobre esse tempo que eu vim para cá. Cheguei em 2011, no início do governo Ricardo Coutinho, atendendo a um convite dele e do então secretário Nonato Bandeira. Tinha trabalhado com Nonato em outras ocasiões, e ele fez esse convite. Eu fiquei muito feliz, porque eu cresci lendo jornalistas aqui de A União. É uma escola para muita gente.

Você não é paraibana?

Eu sou de Garanhuns, do interior de Pernambuco. Estou na Paraíba faz um bom tempo, já tenho 21 anos de formada em Jornalismo. A Paraíba é uma terra que amo, que eu abracei e escolhi como meu lar, e A União é uma escola.

Pernambucana de nascimento, paraibana por opção?

De coração e paraibana mesmo: tenho Título de Cidadã.

Nonato a convidou, e você veio para A União como editora e como diretora técnica, um acúmulo de cargos. Até você se virou nos 30?

Exatamente. Vim como diretora e vim também como editora, acumulei funções e cheguei n'A União num momento de muita turbulência. Foi uma transição de governo que não foi boa, que não foi legal.

Não foi aquela história do governo que sai e fez o sucessor?

Isso. A oposição ganhou, e Ricardo assumiu. Tinha um projeto diferente para o governo. Inclusive para a área de comunicação, na qual A União estava inserida. Havia uma pressão muito grande para acabar com o jornal impresso.

Em 1980, quando comecei n'A União, um economista muito importante, professor Ronald Queiroz, propôs o fim d'A União já em 80. Veja há quanto tempo essa ideia vem sendo alimentada...

Tinha uma pressão de algumas pessoas para o governo transformar o veículo em on-line. Cheguei no meio desse turbilhão, as pes-

Só para ilustrar, vou voltar na história. Quando eu comecei, olha só, o presidente de A União era Nathanael Alves, o diretor técnico em Gonzaga Rodrigues, o editor era Agnaldo Almeida. Amigo da Redação, todo dia estava lá, Martinho Moreira Franco, e ainda tínhamos Antônio Barreto Neto, Werneck Barreto, Tião Lucena, só fera e a gente se preocupando: quando é que eu vou ter o texto final?

No meio dessas feras. Martinho... ainda trabalhei com ele como colunista.

Parece que estou vendo ele ligando para você porque tinha descoberto que estava faltando uma virgula... Era um cuidado fora do comum, além de escrever muito bem, especialmente no que diz respeito a um texto bem-humorado. Uma figura nosso "Kid Moringueira".

Maravilhoso. E a gente teve também o editorial, que ficou por conta de Fernando Moura, e tínhamos um ombudsman, que era Agnaldo Almeida. Enfim, foi um tempo muito bom, de muito trabalho, muita experiência. A gente viu o que funcionava e o que não funcionava.

Fale um pouquinho mais do projeto porque você disse que, por exemplo, trouxe o caderno Mercado de Trabalho. Trouxe Política de volta... O que foi que motivou e direcionou você no caminho, por exemplo, de abrir esses cadernos?

Não sei por que A União tinha suspenso Política. Acho que por conta dessa questão de ser do governo, existia esse medo, por conta também do problema que teve com Cássio Cunha Lima, que resultou na cassação.

Uma das ações foi por causa d'A União?

Então, eu acho que tinha esse medo, esse receio muito grande. Então eles aboliram Política de A União.

Lembro de quando Tarcísio Burity assumiu o governo e disse uma frase que ficou famosa e até hoje está nos anais: "Não conheço democracia sem uma Imprensa Livre e independente". E, durante muito tempo, A União se apegou a essa frase e a usava como argumento para justificar o material. E, veja, anos depois o assunto voltou a ser debatido. Muita gente entende e muita gente não entende.

É um órgão do governo, feito com dinheiro público, então tem que prestar esse serviço à população, tem que informar. Informação é um bem muito precioso.

E dá certo. É um projeto de 131 anos dando certo. Tem uma primeira página aqui no cenário que traz, inclusive, o editorial dizendo a que se propõe A União.

Quando A União completou 118 anos, eu estava aqui. E a gente lançou o projeto gráfico, e o primeiro jornal saiu com um caderno especial de todos os fatos históricos que A União cobriu. Foi fantástico. Esse trabalho foi aos 118 anos,



Beth Torres destaca que a informação é um bem público muito precioso e que A União investe na qualidade do conteúdo

Acho interessante, porque Política sempre foi um dos carros-chefe de A União. Embora aquela política diferenciada.

E, por incrível que pareça, era uma coisa diferente, porque a gente trouxe algumas matérias que eram indigestas para o governo e todo mundo se chocou com isso, porque a orientação era fazer jornalismo e tinham matérias que não agradavam o governo, algumas pessoas não entendiam e reclamavam e todo mundo se chocou com isso. Mas a orientação era fazer jornalismo. "É um absurdo, não pode esse tipo de conteúdo", diziam, mas a gente tinha essa liberdade de fazer esses conteúdos, e eu achei muito interessante essa fase de A União.

José Américo de Almeida, não é qual quer outro nome, disse que A União foi a primeira escola dele. Você também considera que A União teve um papel de escola na sua formação?

Na faculdade, eu estudei também A União. Fiz parte de um projeto de pesquisa que abordava como a imprensa paraibana estava tratando a questão da seca, no Píbic, sob orientação do professor Luís Custódio. Fui bolsista, e um dos jornais foi A União. Esse projeto foi fantástico. E ter a oportunidade de vir para cá, de editar A União, para mim foi uma honra enorme. E eu, que sempre fui apaixonada por impresso, vim do impresso.

Que lição você destaca, algo que você teve uma ideia e que você viu que era possível e que se encontrou a solução para tornar aquela ideia em algo executável. Porque, às vezes, você quer fazer um caderno de oito páginas coloridas, mas a impressora não atende essa necessidade e, às vezes, você quer fazer um jornal, não no tamanho tabloide comum, mas num tamanho diferenciado, e a impressora também não atende porque a dobradeira... não sei o quê...

A gente sofreu muito com a gráfica porque tinha muitos problemas, quebrava. Uma luta. Às vezes, estava tudo certo, aí não vai sair o jornal. "Vamos sair", era uma luta. A gente tinha muita limitação com essa parte gráfica. Agora vocês têm menos, deu uma melhorada, mas

era muito impedimento. Uma das grandes dificuldades era essa parte gráfica mesmo, mas aqui não. Na Redação se usava um projeto muito antigo de diagramação, e a gente fez essa revolução, mudamos, as páginas ficaram mais bonitas, mais coloridas.

No mínimo, você diz: é um projeto que deu certo faz 131 anos.

Deu super certo. Eu sou apaixonada por impresso. Eu acho fantástico, e A União prestar um serviço de boa qualidade até hoje é um patrimônio, uma referência.

A gente não tem ideia de que fazer o jornal é maior do que o jornalismo, porque você precisa da gráfica...

A gente não sai preparado para enfrentar a gráfica. A gente não sabe nem o que é isso. Eu trabalhei no Jornal da Paraíba, e a gráfica era em Campina Grande. Então, tive pouco contato com a gráfica. E aqui em A União eu vivenciei isso no dia a dia.

Teve que pegar o peão pela unha? Exatamente.

Lembra-se de algum problema que, por exemplo, botou os dentes para ranger?

Teve na gráfica, pararam as máquinas, "não vai ter jornal". Foi bem desesperador, isso tarde da noite. Voltei para A União possessa. O jornal saiu, mas saiu bem atrasado, mas rodou.

Você foi editora e diretora técnica na gestão de Ramalho Leite?

Trabalhei com Ramalho, com quem aprendi muito. Espirituoso, conversa boa, um cara superinteligente, bem-humorado e apoiava muito a inovação. Ele tinha muito essa visão de mudar, de trazer coisa nova, e isso ajuda muito. Porque jornalista, geralmente, é mu-

to criativo do ponto de vista de querer experimentar.

E você tendo essa liberdade... Nonato Bandeira também é uma pessoa que incentivava muito, sempre gostou de impresso. Acho que esse projeto de A União acabou dando certo por conta disso: desse incentivo e dessas pessoas que tinham essa vontade, de até vender anúncio.

Você veio numa formação que acho interessante: editora e diretora. Uma executiva, porque a que "toca" o projeto é a editora, e, ao mesmo tempo, também foi diretora técnica, que tem preocupação com a gráfica, com a edição de livros, quer dizer, exige um conhecimento profundo de como a coisa funciona. Como foi que você "dançou" esse samba?

Foi corrido, um período muito acelerado. Eu vivia aqui em A União, porque tinha muita demanda, muita coisa e, como te disse, a gráfica tinha muitos problemas, o equipamento era muito antigo, obsoleto, e a gente sofria muito com isso. E também outra atribuição é cuidar de folha de pessoal, cuidar de contratação.

Você também cuidava disso?

Também. Tinha o setor administrativo, mas tinha que fazer triagem antes das contratações.

Tem que passar pelo editor?

Era muita coisa e n'A União teve um projeto, não sei como está agora, de cursais. Então, foram criadas algumas cursais, e eu viajava muito. Tinha uma em Campina Grande — lá a gente tinha uma Redação. E tinha também acho que em Itaporanga, em Cajazeiras. E eu sempre tinha que viajar para dar esse suporte.

Imagino a briga com a legalidade, porque, para contratar sem concurso...

Era este um grande problema: a forma de contratação. À época, Lu-



"A equipe foi muito legal. Foi fácil de montar porque havia muita gente boa já trabalhando aqui"

zemar Martins estava no governo e nos orientou como fazer, e a gente conseguiu regularizar muita coisa e até regularizar algumas questões da Redação. Tinha muita gente com salários que não eram adequados, diferenciados, na mesma função. Então a gente conseguiu. Foi uma parte desafiadora porque é uma coisa que eu nunca tinha lidado, essa parte mais de gestão.

Você levou quanto tempo para sentir que seu projeto estava dando certo?

Plenamente? Seis meses. E aprendendo dessa parte da gráfica, porque é fundamental para o jornal sair, então eu bati muito a cabeça, e uma pessoa, Paulo Sérgio, ajudou muito.

Até hoje é a referência de ligação da Redação com a Gráfica.

Tirei muito o juízo dele. E me deu verdadeiras aulas aqui.

Tem uma historinha muito interessante entre A União e Paulo Sérgio: quando inauguraram a Cottrell, que é a rotativa e está completando 50 anos, Paulo participou da inauguração sem nem trabalhar aqui. Veio por curiosidade.

Sério? Então estava escrito: vai trabalhar aí. A gente tinha um problema muito sério de computador para trabalhar em rede, era um desafio grande também.

Beth, e o projeto de cursais a que você já se referiu? Como é que você partiu para essa interiorização?

Era a ideia de o jornal chegar perto das pessoas, chegar para a população e a gente ter uma fonte, ter alguém que mandasse informação. Então, teve em Campina Grande, era a maior, tinha uma Redação, gerente e tinha repórter, então, era uma Redação maior que em Guarabira, Itaporanga, Cajazeiras. Nessas menores tinha uma pessoa só que ficava responsável por colher informações e também ficava com essa parte comercial e assim foi funcionando.

Há alguma notícia que lhe chamou a atenção nesse período que você passou à frente do jornal?

Uma chacina que houve no Rangel e a gente cobriu. A União voltou a fazer Policial também.

É a história do rapaz que matou a família vizinha toda?

Isso, com um facão. A equipe chegou aqui arrasada diante daquela cena, e isso me marcou. O fotógrafo contendo o que já tinha feito, acredito que foi Marcos Russo. Enfim, eles ficaram chocados. Lembro muito desse episódio, e o que me motivava muito, também, era a alegria das pessoas comentando sobre A União, que estava bonita, que tinha informação de qualidade, falando dos cadernos especiais, a gente tinha esse feedback muito positivo. E isso era muito bom, coisa que ocorre até hoje.

Que outra iniciativa você destacaria?

A gente voltou a viajar para fazer matérias especiais com Hilton Gouveia. Ele fazia matérias maravilhosas, sabia de tudo, e ele fez muito material, viajou muito, fez cadernos especiais.

E Hilton Gouveia era craque em fazer essas coisas.

Fez um caderno especial sobre a Turmalina, Paraíba, uma gema preciosa, caríssima, já denunciando alguns fatos que depois vieram à tona e ele já estava lá antenado. Olha a visão dele. A equipe era muito integrada. Foi um período muito legal. E eu ficava roendo, porque editar é bom, mas adoro ser repórter, trabalhar com matéria investigativa, com denúncia. Ficava me coçando: "Quero fazer matéria, quero ir para a rua".

Você teve alguma dificuldade que achou ser insuperável?

Aprendi muito a ser criativa, superar dificuldades. O que a gente planejou, conseguiu. Teve um projeto que houve dificuldade de fazer, o livro de Fernando Moura com alguns colaboradores sobre os 119 anos de A União. A gente lançou esse livro com muita dificuldade. Pensei que não ia sair no dia certo do lançamento, que era 2 de fevereiro. Mas saiu. Então, a gente aprendeu a trabalhar com essa necessidade e foi se reinventando e conseguiu. A questão de equipamento, eu sabia que não ia ser possível naquele período comprar. Então tinha que me virar com o que tinha mesmo. Reinventando, a gente conseguiu.

Durou quanto tempo seu período em A União?

Eu acho que eu saí em 2013 ou finalzinho de 2012. Eu não me recordo. Eu fiquei pouco tempo.

Mas saiu por livre espontânea pressão?

Foi um racha no governo. Foi aquele racha que houve com Agra e Ricardo Coutinho, e eu acabei saindo junto com Nonato Bandeira. E com outras pessoas do governo. Mas sempre fui muito grata pelo tempo que eu passei aqui.

Teve alguma dificuldade por não ser paraibana?

Nunca tive dificuldade de me integrar, reconhecer as pessoas. Eu estudei aqui, fiz o curso de Jornalismo na UFPB, sempre circulei bem, conversei com muita gente, tenho grandes amigos que são da área. E, aqui n'A União, eu acabei ampliando, conheci muita gente.

Ainda hoje você acompanha A União?

Acompanho. Eu gosto demais. Vejo a versão digital, baixo, até para olhar o que saiu, as novidades. A parte de cultura é muito legal. Então eu sempre estou olhando.

Como é? Com que olhar você avalia o patrimônio que A União representa?

É um patrimônio da Paraíba, é importantíssima, tem um legado enorme. A União cobriu os grandes fatos do Brasil, do mundo, da Paraíba. E tem que ser mantida. Tem que ser preservada. Continua levando informação, juntando gente para produzir informação para a população. Então é um bem enorme. É um orgulho da Paraíba a gente ver com as pessoas têm orgulho de A União.

Como é que você avalia a sua passagem?

Eu acho que foi uma passagem importante. Foi um momento difícil, mas foi uma transição que foi necessária e faz parte da história de A União. Mudar um projeto gráfico, estimular uma equipe que estava totalmente desmotivada...

Você, inclusive, veio no meio de uma ideia de acabar o impresso...

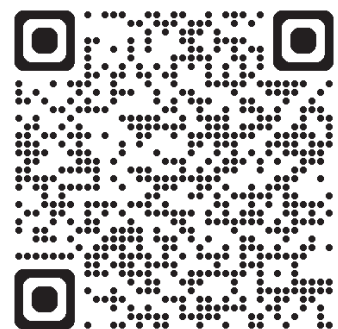
A ideia era acabar o impresso, porque eles achavam que era muito custo. Ficavam orientando, querendo transformar o jornal em on-line. As pessoas que estavam aqui estavam apavoradas.

É interessante que, apesar dessa ideia ter vencido em muitos estados, na Paraíba não venceu.

Não, não venceu. Acho que foi muito também pelo próprio Ramalho Leite, que segurou. Nonato também fez essa defesa, mas foi importante, porque eu cheguei muito nova aqui na editoria, pensei que ia ter mais dificuldade, mas não tive. Fui muito bem recebida, muito bem aceita. A equipe me abraçou mesmo e vestiu a camisa.

Algum tema que passou despercebido, alguma informação que eu não conseguia capturar e que você gostaria de acrescentar?

Falar um pouquinho d'A União, desse trabalho, de como foi importante para minha carreira passar por aqui. Eu só tenho lembranças boas de tudo que vivi aqui e muito me orgulho de fazer parte dessa história, de ter convivido com tanta gente bacana, tanta gente que admirava dentro do jornalismo. A União é realmente uma escola e foi muito importante para minha formação profissional e pessoal também.



Aponte a câmera do celular e confira a entrevista no YouTube



EDIÇÃO: Luiz Carlos Sousa
EDITORACÃO: Paulo Sérgio

INSCRIÇÕES DISPONÍVEIS

Alhandra e Santa Rita abrem vagas

Há oportunidades para candidatos de níveis fundamental, médio e superior. Remunerações chegam a R\$ 6 mil

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Para os concurseiros que estão em busca de novas oportunidades de trabalho dentro da Paraíba, há duas prefeituras com concursos públicos abertos que merecem sua atenção. A primeira é Alhandra, que está contratando 428 profissionais com formação nos níveis fundamental, médio, técnico e superior. Os cargos com mais vagas disponíveis são de auxiliar de serviços gerais (65), agente administrativo (35), gari (30), cozinheiro (20), motorista (15) e guarda municipal (10). Também há diversas oportunidades na área de saúde, para as funções de biomédico, médico, enfermeiro, nutricionista, dentista, psicólogo, psiquiatra e fitoterapeuta, entre outras. Já em Santa Rita, o processo é para o preenchimento de 40 vagas na Guarda Civil Municipal.

Oportunidades diversas

Dependendo do cargo, os profissionais que forem admitidos no concurso da Prefeitura de Alhandra tra-



Foto: João Pedrosa

Editais preveem que resultado dos certames sejam divulgados em novembro e dezembro

balharão de 30 a 40 horas semanais. A remuneração, por sua vez, poderá chegar a R\$ 6 mil para cargos de nível superior. De acordo com o edital, os interessados em participar do cer-

tame deverão se inscrever até o dia 30 de junho no site da EducapB (educapb.com.br), banca responsável pelo processo seletivo. A taxa de inscrição varia de R\$ 70 a R\$ 100. Além da prova objeti-

va, obrigatória para todos os candidatos, haverá ainda as etapas de avaliação de títulos, prova prática, teste de aptidão física, teste psicotécnico, exame médico, investigação social e curso

de formação. A quantidade de fases adicionais dependerá da escolaridade do cargo pretendido.

A prova objetiva será aplicada em duas datas distintas: no dia 25 de agosto, para os cargos de níveis básico e médio, e no dia 1º de setembro para os de nível superior. Devido à dimensão do concurso, a avaliação poderá conter de 30 a 40 questões, dependendo da escolaridade, sobre temas como Língua Portuguesa, Conhecimentos Gerais, Conhecimentos Específicos e Informática. O gabarito definitivo está previsto para 30 de setembro, enquanto o resultado do concurso deverá ser anunciado no dia 29 de novembro. As exceções são os cargos de agente de trânsito e guarda municipal, que seguem um calendário próprio devido à realização de prova prática e curso de formação.

Guarda Civil Municipal

Já na Prefeitura de Santa Rita, os candidatos têm até o dia 24 de junho para efetuar a inscrição no site do Instituto Avalia (www.avalia.org.br), mediante o pa-

gamento da taxa no valor de R\$ 87. Como o concurso é específico para a Guarda Civil Municipal, são exigidos alguns critérios: ter nível médio completo, idade mínima de 18 anos, carteira de habilitação nas categorias A e/ou B, altura mínima de 1,65m para homens e 1,55m para mulheres, entre outros requisitos. A jornada prevista é de cinco dias seguidos de trabalho por dois dias de descanso. Em caso de plantões de 12 horas, a escala prevê 36 horas de descanso. A remuneração pode chegar a R\$ 4.900, sendo composta por salário-base, gratificações funcional e de produtividade, além de qualificação acadêmica.

Segundo o edital, a avaliação consistirá na aplicação de uma prova objetiva no dia 14 de junho, com 100 questões relacionadas a conhecimentos gerais e específicos. Na sequência, o candidato passará por inspeção de saúde, exame toxicológico, avaliação psicológica, investigação social e curso de formação. O resultado deverá ser divulgado no dia 20 de dezembro.

Biomédico estuda microrganismos para tratar doenças

Ao combinar medicina e biologia, a Biomedicina vai a fundo no estudo dos microrganismos para diagnosticar e tratar doenças. A semelhança com a Medicina fica apenas no nome, uma vez que as áreas apresentam diferenças significativas em suas graduações e funções. Enquanto os médicos focam no atendimento direto ao paciente, diagnosticando e tratando doenças, os biomédicos se concentram principalmente na pesquisa científica e análise laboratorial. Aspectos como patógenos, genética, biotecnologia e bioquímica fazem parte do universo desses profissionais, que são responsáveis por investigar exames de sangue e biopsias em busca de anomalias e doenças.

São os biomédicos que desenvolvem e identificam agentes infecciosos a partir das análises genéticas e laboratoriais, contribuindo para a compreensão dos mecanismos biológicos das doenças. Suas descobertas são fundamentais para o desenvolvimento de vacinas, tratamentos e remédios, promovendo avanços significativos no campo da saúde — sobretudo em relação à prevenção. Não à toa, esses profissionais têm um perfil mais analítico, que valoriza a experimentação e a investigação. “Os biomédicos ajudam a Medicina a enfrentar desafios no diagnóstico das doenças, fornecendo informações valiosas e precisas na promoção da saúde pú-

■ Hospitais e empresas de diagnóstico por imagem são alguns dos locais que contratam biomédicos

blica”, resume Ertênia Paiva Oliveira, professora do curso de Biomedicina do Centro Universitário de João Pessoa (Unipê).

Os profissionais formados em Biomedicina podem atuar em laboratórios, hospitais, indústrias farmacêuticas, instituições de pesquisa, empresas de diagnóstico por imagem ou molecular e órgãos de saúde pública. Já quanto às especializações, a professora do Unipê explica que há diversas áreas em que podem se concentrar, como patologia clínica, microbiologia, hematologia, imunologia, reprodução humana assistida, diagnóstico por imagem, análise de DNA, biologia molecular e perícia criminal. Além disso, também podem optar pela biomedicina estética, que engloba tratamentos capilares, faciais, dermatológicos e oculares. “Ou seja, essas áreas demonstram uma versatilidade e importância desse profissional no conteúdo da saúde e da ciência”, complementa Ertênia.

Para a professora, os

principais desafios da profissão englobam desde questões técnicas e científicas até éticas, devido à complexidade e ao foco das pesquisas — que frequentemente envolvem seres humanos. “Os biomédicos enfrentam dilemas éticos e legais relacionados à privacidade do paciente, assim como o desafio da colaboração interdisciplinar, pois precisam ser capazes de se comunicar efetivamente com profissionais de diversas áreas”, observa.

Para preparar os futuros biomédicos, a formação “multidisciplinar” é bastante abrangente, visando proporcionar uma visão mais aprofundada das ciências biológicas e médicas. Os estudantes são apresentados a diversas áreas relacionadas à profissão, como Bioquímica, Anatomia, Fisiologia, Genética, Biotecnologia, Parasitologia, Microbiologia, Imunologia, Patologia e Farmacologia.

Concurso em Alhandra

No concurso da Prefeitura de Alhandra, há uma vaga para biomédico, com carga horária de 30 horas semanais e salário de R\$ 3 mil. Para participar, o candidato deve ter formação superior em Biomedicina e registro no respectivo conselho de classe. A prova para esse profissional será composta por 10 questões de Língua Portuguesa, 10 de Conhecimentos Gerais, cinco de Informática e 15 relacionadas à sua área de atuação.



Foto: Roberto Guedes

Profissionais atuam, principalmente, nas áreas de pesquisa e análise laboratorial

Selic

Fixado em 8 de maio de 2024

10,50%

Salário mínimo

R\$ 1.412

Dólar \$ Comercial

+0,79%

R\$ 5,249

Euro € Comercial

+1,25%

R\$ 5,696

Libra £ Esterlina

+1,13%

R\$ 6,692

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Abril/2024 0,38

Março/2024 0,16

Fevereiro/2024 0,83

Janeiro/2024 0,42

Dezembro/2023 0,56



MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO

Grandes marcas nacionais apostam na festa junina

Evento inclui 1,5 mil atrações e estima um público de três milhões de pessoas

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

Com 33 dias de festa, 1,5 mil atrações e um público estimado de três milhões de pessoas, a expectativa é de que a festa de São João de Campina Grande movimente mais de R\$ 600 milhões. Com esses números, o evento tem atraído grandes marcas, como a Natura, Energisa e Assaí, entre outras, que patrocinam a festa e realizam ações estratégicas no Parque do Povo para se aproximar dos clientes nordestinos.

Em entrevista exclusiva ao jornal **A União**, a gerente de marketing da Natura, Débora Gentil, contou que a região Nordeste é responsável por 50% do consumo de produtos de perfumaria e cosméticos do país e o maior mercado consumidor da marca. “De cada 10 lares no Nordeste, oito têm produtos Natura”, afirmou.

Débora explicou que na Vila Natura, que será montada no Parque do Povo, o público terá contato com diversos produtos da marca, serviço de maquiagem, além de participar de atividades lúdicas como a pescaria na área reservada ao perfume Kaiak. Com a ação, a marca espera aprofundar a relação com o público da região. “É uma conexão maior viver algo junto com o público”, disse. Sobre a escolha do estado para isso, a gerente afirmou: “a Paraíba tem um potencial incrível”.

Dois novos perfumes, inclusive, serão lançados durante o São João, o Conexão de Humor e o Festival de Humor. Este último foi desenvolvido pela perfumista da Natura após visitar vários festivais em busca de um cheiro que representasse a alegria desses eventos, conforme explicou Débora Gentil. “Acho que no pós-pandemia havia essa carência de alegria e coletividade”, comentou.

Já o diretor-presidente da Energisa Paraíba, Marcio Zidan, afirmou que o patrocínio da empresa reforça o compromisso com a cultura, a economia local e o desenvolvimento sustentável da região.

“Entendemos que o São João não é apenas uma celebração cultural; é também um motor econômico que atrai milhares de turistas, gerando emprego e renda para a comunidade, e apoiar essa festa é contribuir com tudo isso. Além disso, em parceria com a Prefeitura de Campina, desde 2022 temos investido, através do nosso Projeto de Eficientização Energética, na iluminação para as festividades juninas como nova iluminação do Parque do Povo, Açude Velho e nesse ano, o Açude Novo, trazendo benefícios para a população que ficará para além do São João”, disse.

O diretor regional do As-

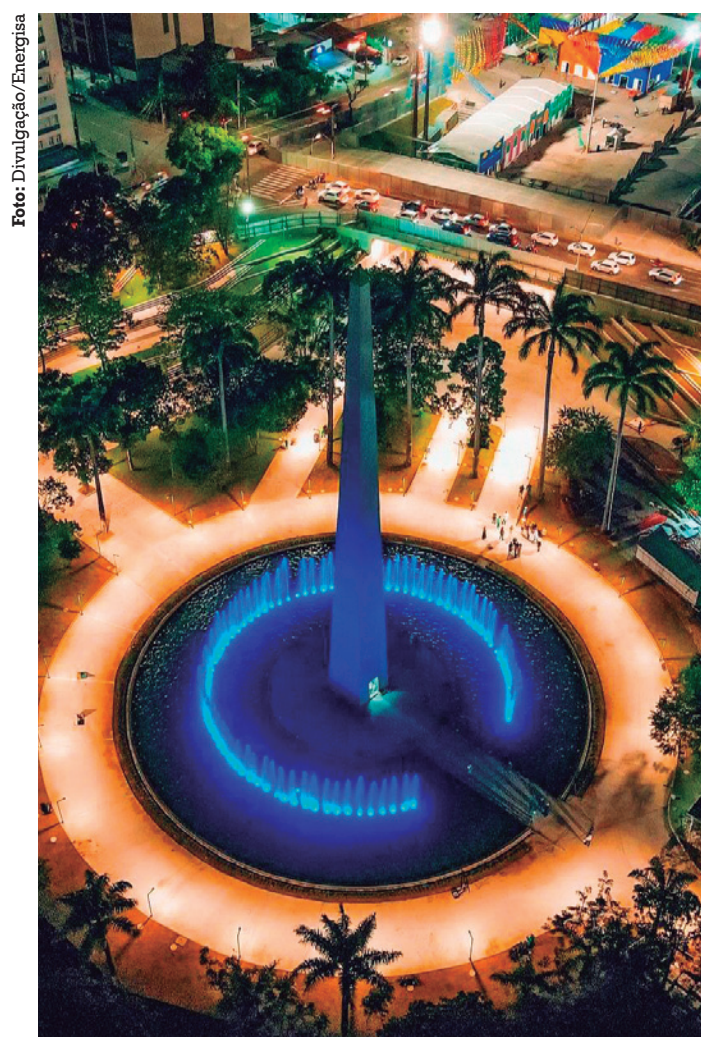


Foto: Divulgação/Energisa

Energisa apresentou nova iluminação do Parque do Açude Novo

saí Paraíba, João Miguel Gouveia, argumentou que o São João representa uma oportunidade única para a empresa se manter mais próxima dos paraibanos e dos nordestinos. “Ao apoiar e investir nesse evento, nós reforçamos o compromisso de aumentar nossa presença na região, especialmente no estado da Paraíba”, comentou.

“Além disso, temos a chance de nos aproximar significativamente de nossos principais públicos: transformadores, abastecedores e consumidor final, que estarão presentes no São João de Campina Grande e têm no evento uma oportunidade de, tanto celebrar com amigos e familiares, no caso do cliente final, quanto de aumentar as suas vendas, para o micro e pequeno empreendedor”, completou.

Ele contou que a empresa preparou diversas ações para a festa. “Teremos barrquinhas do Assaí com um divertido jogo de roleta, onde o

cliente poderá ganhar brindes e vales-compras. Além disso, contaremos com um painel de fotos ‘instagramável’, que também estará disponível durante os casamentos coletivos. Todos os casais que participarem da cerimônia, receberão um cartão-presente do Assaí de R\$ 300 para compras em nossas lojas”, contou.

Maior do Mundo

A festa de São João em Campina Grande, conhecida como o maior São João do mundo, acontece de 29 de maio a 30 de junho, totalizando 33 dias de festa no Parque do Povo. Além disso, também há seis dias extras de festa no município de Galante, começando um fim de semana antes e terminando dois dias depois das datas do Parque do Povo, somando, assim, 39 dias de festa na região.

Cerca de 500 atrações se apresentam no Palco Principal, além das que passam pelo Palco Cultural, Distritos, Ilhas



Foto: Arquivo pessoal

“É uma conexão maior viver algo junto com o público. A Paraíba tem um potencial incrível”

Débora Gentil

de Forró e Pátio de Eventos, num total 1.500 apresentações e mais de mil horas de show.

No ano passado, a festa teve 2,5 milhões de visitas ao Parque do Povo. Para 2024, a expectativa é de um aumento em torno de 20%, ou seja, três milhões de visitas. Cerca de 20% do público é formado por turistas.

O evento movimentou mais de R\$ 500 milhões na economia, mas a expectativa também é de crescimento de 20% neste ano, o que equivale a R\$ 100 milhões a mais. Os dados são da Arte Produções de Eventos Artísticos e Locações LTDA, empresa responsável pela gestão da festa.

O crescimento esperado se dá, principalmente, pela expansão da área do evento. O Parque do Povo passará dos atuais 31.595 m², para cerca de 40 mil m² + 15 mil m² da primeira etapa do novo Parque Evaldo Cruz (Açude Novo), totalizando 55 mil m².



Foto: Divulgação/Natura

A Natura espera aprofundar a relação com o público e diz que o estado tem grande potencial

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaboferraz3@gmail.com | Colaborador

Economia, o PIB e a geração “nem-nem”

A inclusão de jovens “nem-nem” (aqueles que não estudam nem trabalham) no mercado de trabalho poderia gerar um crescimento significativo na economia brasileira, chegando a R\$ 46,3 bilhões, segundo um estudo feito pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), mencionado em reportagem pelo Estadão. Esse cenário destaca tanto a importância econômica quanto o impacto social de integrar esses jovens à força de trabalho.

Atualmente, a alta taxa de jovens “nem-nem” (jovens de 18 a 24 anos) representa uma perda potencial de produtividade e desenvolvimento econômico. Com a inclusão desses jovens no mercado de trabalho, não só se aumentaria a força de trabalho disponível, mas também se potencializaria o consumo e a geração de renda, resultando em um impacto positivo de quase 0,5% no Produto Interno Bruto (PIB). A análise mostra que, se essas pessoas fossem inseridas no mercado de trabalho, haveria um incremento considerável na produção e no consumo, impulsionando o crescimento econômico geral do país.

A principal dificuldade para a inclusão desses jovens está na falta de qualificação e oportunidades. Investir em educação e programas de capacitação é crucial para que eles adquiram as habilidades necessárias para competir no mercado de trabalho. Além disso, políticas públicas que incentivem a contratação de jovens, como subsídios e programas de estágio, podem ser eficazes. A reforma educacional, aliada a um esforço coordenado para conectar a educação com as demandas do mercado, pode proporcionar um caminho para reduzir o número de “nem-nem”.

A ausência de inclusão desses jovens no mercado de trabalho não só afeta a economia, mas também o futuro deles. Jovens sem emprego ou educação são mais suscetíveis a problemas sociais, como a criminalidade e a dependência de programas assistenciais, o que pode gerar um ciclo de pobreza e exclusão social. Ao proporcionar oportunidades educacionais e de emprego, cria-se um ambiente mais inclusivo e justo, onde esses jovens podem se desenvolver e contribuir positivamente para a sociedade.

Além do impacto econômico direto, a inclusão dos “nem-nem” pode trazer benefícios sociais significativos. A redução da desigualdade e a melhora nas condições de vida são resultados esperados dessa inclusão. Programas que incentivem o empreendedorismo juvenil e a inovação também podem ser fundamentais para transformar esse cenário, promovendo uma geração mais autônoma e preparada para os desafios futuros.

Investir na inclusão dos jovens “nem-nem” é não apenas uma necessidade econômica, mas também uma obrigação social. Os ganhos potenciais são enormes, tanto em termos de crescimento econômico quanto de melhorias sociais. Políticas públicas eficazes, aliadas a investimentos em educação e capacitação, são essenciais para transformar esse cenário e garantir um futuro mais próspero para esses jovens e para o Brasil como um todo. A integração desses jovens no mercado de trabalho pode, portanto, ser vista como uma estratégia fundamental para o desenvolvimento sustentável do país.

Além dos jovens que não estudam nem trabalham, há um número significativo daqueles que nem sequer procuram mais emprego, conhecidos como “desalentados”. Esses jovens representam uma preocupação ainda maior, pois estão fora do sistema educacional e do mercado de trabalho e não estão buscando se inserir neles.

O desalento é um fenômeno preocupante no Brasil, especialmente entre os jovens. Segundo dados do IBGE, milhões de brasileiros se encontram nessa situação, muitos deles jovens que, devido à falta de oportunidades, desistiram de procurar emprego. O desalento pode ser causado por diversos fatores, incluindo a falta de qualificação, a baixa oferta de empregos e a percepção de que não há chances de conseguir uma vaga adequada.

PAGAMENTO FALSO

Como se proteger do golpe do link

Recebeu uma mensagem com endereço de pagamento? Cuidado, pode ser fraude. Saiba como não ser enganado

Cada vez mais comuns, os aplicativos de bancos e pagamentos on-line, acabam multiplicando também os golpes. Na hora de pagar as despesas e compras é preciso atenção com o golpe do *link* de pagamento. Saiba como funciona essa fraude e como se proteger dela.

Como o nome já indica, esse tipo de golpe pega as vítimas justamente quando elas acreditam que devem cumprir uma obrigação financeira, inclusive de pagamentos recorrentes.

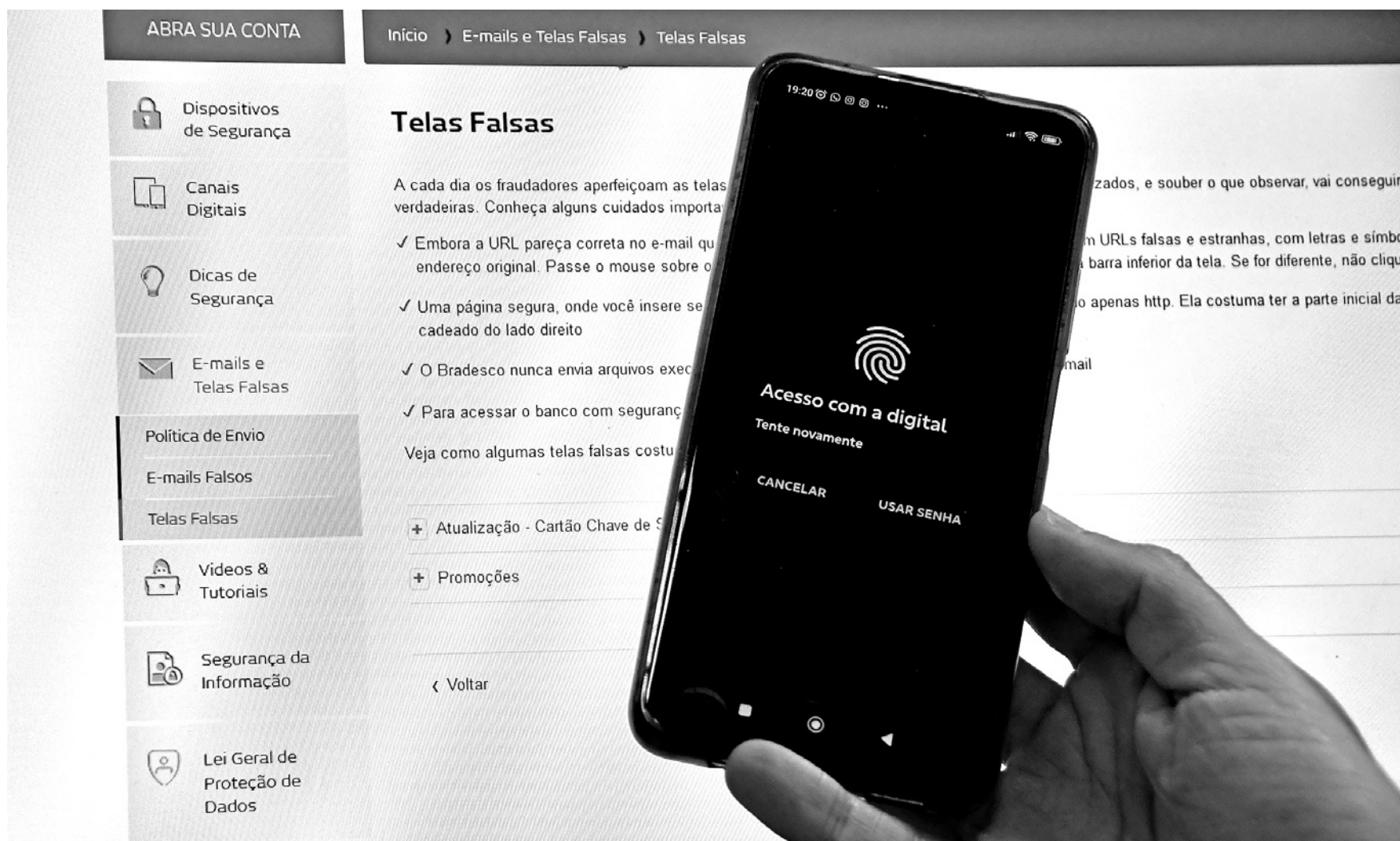
Isso porque o *link* de pagamento é uma forma de cobrança on-line bastante comum. Basta que o vendedor ou empresa gere uma cobrança em um *site* confiável e compartilhe o endereço dessa cobrança com o consumidor.

A ferramenta substitui métodos tradicionais, como máquinas de cartão ou dinheiro físico, e pode ser enviada por meio de mensagens, *e-mails* ou redes sociais.

Essa ferramenta que golpistas usam como isca. Eles entram em contato com as vítimas, através de um dos meios citados acima e pedem que elas façam o pagamento no *link* enviado.

O *site*, porém, pode direcionar a pessoa para uma forma de ataque virtual que rouba dados, inclusive bancários. Ou, mesmo os *links* que de fato sejam de pagamento, serão usados apenas para conseguir o dinheiro da vítima.

■ O golpe pega as vítimas justamente quando elas acreditam que devem cumprir uma obrigação financeira



Algumas das formas de conferir se uma página é segura são: observar o endereço eletrônico, usar programas de antivírus e verificar o símbolo de conexão segura

Como Saber se um Link de Pagamento é Seguro

Recebeu um *link* para fazer o pagamento? Nessa hora, alerta ligado! Algumas ações a tomar são:

■ **Faça tudo com calma:**

Primeiro, confira se a compra foi de fato efetuada por você ou por alguém a sua volta. Se sim, confirme se já não foi paga de outra forma ou por outra pessoa antes.

■ **Cheque a URL que foi enviada:**

Uma das formas de conferir se um *site* é seguro é observar a URL, ou seja, o endereço do *site*. Confira se é a oficial daquela marca ou da instituição financeira que vai receber o pagamento. Por exemplo, se você fez uma compra na marca de roupas "Moda D", confira se o *link* é do *site* oficial com o nome da marca. Se o *site* tiver alguma variação disso, por exemplo "Modda D", é sinal de que aquele pode ser um *site* perigoso.

■ **Confirme se o endereço do site tem a sigla HTTPS no início:**

"HTTPS" vem do termo em inglês *Hypertext Transfer Protocol Secure*, que significa Protocolo de Transferência de Hipertexto Seguro.

Ele deve aparecer no início da URL para mostrar que o *site* tem certificado SSL e comprovar que os dados compartilhados entre você e o *site* não podem ser interceptados. Ou seja, as informações são criptografadas.

■ **Fique atento a erros ortográficos ou na imagem de perfil do contato:**

Se tiver recebido o *link* de pagamento por um contato estranho em redes como o WhatsApp ou outro aplicativo de mensagem, observe a comunicação desse perfil.

As mensagens estão escritas corretamente?

O número do perfil é o oficial que a marca divulga em seu *site* e redes sociais? E a foto que está sendo utilizada? Tudo isso são pistas para ligar o alerta.

■ **Use programas de verificação e antivírus:**

É possível encontrar diferentes empresas oferecendo serviços de verificação de segurança para usuários da internet. Vale a pena ter algum deles como proteção.

■ **Procure o símbolo de conexão segura:**

Dependendo do navegador que a pessoa usar, um símbolo diferente pode aparecer, mas o cadeado costuma ser o mais frequente.

Esse símbolo fica na frente da URL. Clicando nele, o internauta pode ver a mensagem informando se essa é uma conexão segura.

■ **Confira os dados da empresa:**

Clicou no *link*? Se possível, confira se constam o nome e CNPJ da empresa que será beneficiária do pagamento.

O que fazer se cair no golpe?

Além dos prejuízos financeiros, esse tipo de situação também desestabiliza emocionalmente muitas pessoas. Afinal, ser vítima de um golpe e perder dinheiro conquistado com trabalho é no mínimo frustrante.

■ **Se tiver acontecido, as dicas são:**

Troque senhas e acessos de todas as contas que puder com agilidade.

Baixe ou atualize sistemas antivírus do computador, celular ou outro dispositivo de onde tiver acessado o *link* do criminoso.

Salve todas as informações e provas que conseguir.

Abra um boletim de ocorrência.

Faça contato com sua instituição bancária para tentar cancelar o pagamento, ou as possíveis movimentações feitas em seu nome.

CRÉDITO

Programa destinará R\$ 3,4 bilhões para modernizar indústrias

Agência Sebrae

Cerca de R\$ 3,4 bilhões em créditos serão destinados à compra de máquinas, equipamentos, aparelhos e instrumentos novos para as indústrias brasileiras. Os recursos integram o programa Depreciação Acelerada, que foi sancionado na última terça-feira (28), pelo presidente da República, Luiz Inácio

Lula da Silva. A iniciativa tem potencial para alavancar investimentos de R\$ 20 bilhões, com reflexos no Produto Interno Bruto (PIB) e na geração de empregos. A ação impacta diretamente os pequenos negócios da indústria, que são 94% das empresas do setor.

A depreciação acelerada é um mecanismo que funciona como antecipação de recei-

ta para as empresas. Toda vez que adquire um bem de capital, o empresário pode abater seu valor nas declarações futuras de Imposto de Renda de Pessoa Jurídica (IRPJ) e de Contribuição Social Sobre o Lucro Líquido (CSLL).

Com a depreciação acelerada, o abatimento das máquinas adquiridas em 2024 poderá ser feito em apenas duas etapas - 50% no primei-

ro ano, 50% no segundo. Os setores a serem inicialmente beneficiados pela medida serão definidos por decreto presidencial nas próximas semanas.

Brasil Mais Produtivo

Outra iniciativa que vem sendo desempenhada para levar mais competitividade e promover uma transformação digital é o novo Brasil Mais Produtivo, que está alinhado às estratégias do plano Nova Indústria Brasil. O programa é coordenado pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), em parceria com Sebrae, Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI), Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) e Associação Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial (Embrapii).

Lançado em novembro do ano passado, o Brasil Mais

Produtivo destina R\$ 2 bilhões para o engajamento de 200 mil empresas até 2027, com atendimento direto do Sebrae e do Senai a 93,1 mil. A

porta de entrada para a iniciativa, disponível para empresas industriais de qualquer lugar do país, é a Plataforma de Produtividade.



Brasil Mais Produtivo destina R\$ 2 bilhões para o engajamento de 200 mil empresas até 2027

EDITAL RETIFICAÇÃO DE ÁREA
LUIZ HENRIQUE XAVIER GOMES, Titular do Registro de Imóveis da Sede e Comarca de Guarabira-PB, Estado da Paraíba, na forma da lei.

FAZ SABER aos que o presente edital virem e interessar possa que, foi apresentado pela Jefferson Viana da Silva Filho, o requerimento datado de 22/05/2024, solicitando a **intimação por edital** dos confrontantes nos termos do Art. 942 do Código de Normas da Paraíba, e de acordo com o §2º do artigo 213 da Lei 6.015/73, para que, em havendo interesse, manifeste-se expressamente no **prazo de quinze (15) dias corridos**, sob pena de, exaurido o mesmo sem resposta, presumir-se a anuência ao pedido formulado de **retificação do registro para retificação de área do imóvel** matriculado no Cartório de Registro de Imóveis de Guarabira-PB sob o nº 9839, Livro 02, medindo 8,7391 hectares (art. 213, II, §4º da Lei 6.015/73). Assim, procedo à INTIMAÇÃO de V.S.ªs, para que dirijam-se a este **Cartório de Registro de Imóveis de Guarabira-PB, situado na Rua Otacilio Lira Cabral, n.º 58, Área Branca, Guarabira-PB**, e-mail: cartorioibpb@gmail.com, tel.: (83) 99337-4039, que funciona de segunda a sexta-feira das 09:00 horas às 17:00 horas, onde deverá manifeste-se expressamente sobre o processo de retificação, no **prazo improrrogável de quinze (15) dias corridos**, contado a partir da data de publicação deste edital. Nesta oportunidade, ficam V.S.ªs cientificadas de que o não havendo manifestação no prazo ora estipulado, presumir-se a anuência ao pedido formulado (art. 213, II, §4º da Lei 6.015/73). Guarabira-PB, 24/05/2024. SELO DIGITAL DE FISCALIZAÇÃO: AET14740-CWB9 (Normal - Tipo B); Emolumentos=R\$ 64,55; FARPEN = R\$ 3,14; FEPJ = R\$ 12,91; ISSQN: R\$ 3,22; Total = R\$ 83,82. Confira a autenticidade em <https://selodigital.tpb.jus.br>. FRANCISCO ILMOMAR NASCIMENTO COSTA Tabelião e Oficial Substituto

INFRAESTRUTURA

Estado aplica R\$ 10 mi em pesquisas

Recursos são destinados a 10 Centros de Infraestrutura Científica e Tecnológica de Caráter Multiusuário da UEPB

Helda Suene
Fapesq/PB

O Governo da Paraíba investe R\$ 10 milhões para desenvolvimento de pesquisas em diversas frentes de atuação científica, de 10 Centros Estaduais de Infraestrutura Científica e Tecnológica de Caráter Multiusuário (Ceictm) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Trata-se de iniciativa por meio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secities) e editais da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq), com o objetivo de apoiar financeiramente projetos que contribuirão significativamente para o desenvolvimento científico, tecnológico e da inovação da Paraíba.

A meta é fomentar e fortalecer os Centros Estaduais de Infraestrutura Científica e Tecnológica de Caráter Multiusuário na UEPB já estabelecidos, em áreas prioritárias para desenvolvimento da Paraíba, e induzir a organização de novos centros no estado, por meio de melhoria da infraestrutura necessária ao seu desenvolvimento, a fim de que possam atuar como centros estaduais multiusuários em seus campos correlatos e, em decorrência, que possam contribuir

para a promoção e melhoria de produtos e serviços prestados à população da Paraíba.

De acordo com o secretário de Estado de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Claudio Furtado, os investimentos nesses laboratórios são importantes principalmente porque além de desenvolver pesquisa altamente qualificada, é possível prestar serviço à população. “É o caso das tecnologias na área de saúde em que recursos foram aportados, por exemplo, para o Núcleo de Tecnologias Estratégicas em Saúde (Nutes) UEPB, ou seja, você está investindo recursos em pesquisa de alto nível, mas também está dando retorno para que você possa gerar desenvolvimento”, disse.

O presidente da Fapesq, Rangel Junior, acentua que esse investimento é resultado de uma decisão de acreditar e investir na ciência. “Para qualquer gestor público, não basta prometer ou declarar compromisso com determinada área ou setor da vida em sociedade. É preciso que isso seja traduzido em investimento”. Segundo ele, a Fapesq vai buscar nos próximos anos mais investimentos do Governo do Estado para as pesquisas.

Dinheiro está na previsão orçamentária até 2025

Os Centros Multiusuários já receberam os recursos totais, com previsão de execução até dezembro de 2025. Cada centro multiusuário recebeu entre R\$ 148 mil e R\$ 2 milhões, de acordo com o orçamento de cada proposta apresentada. O valor total foi dividido em dois editais de R\$ 5 milhões cada, que contemplaram várias áreas da pesquisa.

Entre elas: Referência em Saúde da Paraíba; Nanotecnologia; Análise e Caracterização Químico-Biológica da UEPB; Pesquisa e Análise de Água, Alimentos, Resíduos e Biodiversidade para atendimento de serviços, pesquisa e inovação tecnológica na Paraíba; Inovação e empreendedorismo para atendimento à comunidade e fortalecimento do ecossistema de inovação paraibano; Estudo do Comércio Internacional e Exportações Paraibanas; Capacitação em Tecnologias Assistivas para o Idoso (CCTAI), entre outros.

A Central Multiusuária de Análise e Caracterização Químico-Biológica (CM-AC-QuimBio), que funciona no Campus V, em João Pessoa, recebeu recentemente, por meio do edital Fapesq, um microscópio acoplado a Infravermelho e Raman, o primeiro laboratório da América Latina a receber tal equipamento, que permitirá a ampliação de serviços prestados à comunidade acadêmica da UEPB e de setores interessada

De acordo com Francisco Jaime, pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da UEPB e vice-coordenador da CM-AC-QuimBio, em pouco tempo, essa Central Multiusuária se tornará uma referência nacional e trará grandes impactos para a pesquisa, inovação e desenvolvimento de produtos de todo estado da Paraíba e na Região Nordeste. Pesquisadores poderão utilizar essa ferramenta para o estudo de contaminantes, com destaque para a identificação de micropásticos, além da caracterização molecular para setores da saúde, química, eletrônica e afins. No local, são atendidos pesquisadores, empresas e indústrias interessadas em realizar análises químicas e biológicas. O projeto tem como foco de contribuição potencial as áreas prioritárias: Saúde, Desenvolvimento Regional Sustentável e Arranjos Produtivos Locais, elencadas pelo Governo do Estado da Paraíba.

■ Cada centro multiusuário recebeu entre R\$ 148 mil e R\$ 2 milhões, de acordo com o orçamento das propostas apresentadas



Estrutura do laboratório onde está sendo desenvolvido o trabalho da pesquisadora Flávia Carolina Alonso, do CCT/Nupea/UEPB

Nupea, Extrabes e LeaQ são parceiros

A pesquisadora Flávia Carolina Alonso, do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Alimentos do CCT (Nupea/UEPB), diz que o edital foi muito importante para os centros multiusuários da UEPB. Três grupos de pesquisa trabalharam em conjunto no Centro Integrado Multiusuário de Pesquisa e Análise de Água, Alimentos, Resíduos e Biodiversidade: o Núcleo de Pesquisa Especial em Alimentos (Nupea), a Estação Experimental de Tratamentos Biológicos e Esgotos Sanitários (Extrabes) e o Laboratório de Ecologia Aquática (LeaQ).

“Foi possível adquirir vários equipamentos de alto valor financeiro. Após os equipamentos serem instalados, foi possível publicar mais de 15 artigos científicos em pesquisas de alto fator de impacto, resultantes das graduações de Biologia, Farmácia, Química, Saneamento Ambiental, e pós-graduações em Ciências, Tecnologia Ambiental, Ecologia e Conservação, e Ciências Farmacêuticas. Essas pesquisas fortalece-

ram as parcerias em todos os grupos e instituições envolvidas nacionais e internacionais”.

O Centro de Pesquisa em Análise Preditiva, Geoprocessamento e Data Science, outro apoiado pela Secities/Fapesq, tem o potencial de contribuir para o bem-estar social, utilizando suas pesquisas para abordar questões como saúde pública, segurança e planejamento urbano. Com o apoio financeiro, o Centro pode desenvolver projetos que diretamente melhoram a qualidade de vida dos paraibanos. Para o coordenador do projeto, Ricardo Alves de Olinda, o apoio financeiro do Estado é um marco significativo para o avanço tecnológico e científico na região. Esse investimento não apenas fortalece a infraestrutura de pesquisa local, mas também sinaliza um compromisso com o desenvolvimento sustentável e a inovação.

De suma importância, outro Centro Multiusuário busca consolidar a infraestrutura já existente no Núcleo de Tecnologias Estratégicas em Saúde (Nutes) da

“

Após os equipamentos serem instalados, foi possível publicar mais de 15 artigos científicos

Flávia Carolina Alonso

UEPB e, simultaneamente, estruturar um Laboratório-Célula Multiusuário (LCM) no Hospital de Emergência e Trauma Dom Luiz Gonzaga Fernandes (HETDLGF) por meio da aquisição de equipamentos de tecnologia 3D aplicados à saúde. Essa estrutura, juntamente com uma equipe técnico-científica multidisciplinar, possibilita o processamento de imagens médico-odontológicas de Ultrassonografia (US), To-

mografia Computadorizada (TC), Ressonância Magnética (RM) e a impressão tridimensional de biomodelos para planejamento cirúrgico na área de Cirurgia e Traumatologia Bucomaxilofacial, Ortopedia, Cirurgia Torácica e Neurocirurgia.

Os pesquisadores utilizam casos de traumas complexos que trouxeram benefícios na terapêutica cirúrgica desses pacientes. De acordo com a coordenadora do projeto, Kátia Galdino, as imagens médico-odontológicas provenientes desses casos estão sendo tratadas e modeladas em softwares específicos por uma equipe multidisciplinar (cirurgiões-dentistas, radiologistas, analistas de sistema, designers gráficos, engenheiros eletrônicos e engenheiros mecânicos). O projeto busca inserir a Paraíba no contexto nacional e internacional em novas tecnologias aplicadas à saúde, visando a incorporação e uso dessas tecnologias na cadeia SUS de alta complexidade nos Hospitais de Emergência e Trauma do Estado da Paraíba.



Pesquisadores buscam consolidar a infraestrutura já existente no Núcleo de Tecnologias Estratégicas em Saúde da UEPB



De acordo com o inventário divulgado pelo Instituto Brasileiro de Mineração, 59% dos gases emitidos pela atividade econômica são provenientes da queima de combustível dos transportes usados nas operações

AQUECIMENTO GLOBAL

Mineração lança CO₂ na atmosfera

Extração de recursos minerais no Brasil liberou 12,8 milhões de toneladas de dióxido de carbono no período de um ano

Da Redação
Com Agência Brasil

A exploração de recursos minerais no Brasil está diretamente ligada à história do país. A atividade econômica consiste na extração de minérios presentes no subsolo. De acordo com o último inventário divulgado pelo Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram), o desenvolvimento dessa atividade no país lançou 12,8 milhões de toneladas de dióxido de carbono,

um dos gases responsáveis pelo aquecimento global na atmosfera em 2022.

O índice é equivalente a apenas 0,55% das emissões de gases do efeito estufa emitidos pelo Brasil, calculado em 2,3 bilhões de toneladas. “Mas não estamos satisfeitos com isso. Nosso objetivo é chegar até 2030 ou 2040, isso ainda não estabelecido, a zero carbono”, disse Raul Jungmann, presidente do Ibram.

O presidente sugere ao setor estratégias de descarbonização

para reduzir esses percentuais, como a substituição dos combustíveis fósseis por uma frota composta por equipamentos de mineração, além do uso de hidrogênio verde em caminhões, uma vez que 7,6 milhões de toneladas (59%) dos gases são oriundos da queima de combustível dos meios de transportes usados nas operações.

Esses dados, contudo, são relativos ao desenvolvimento da atividade de forma regulamentada. A extração mineral clan-

destina pode causar mais danos ao meio ambiente, a exemplo do comprometimento da qualidade do solo. O decreto nº 9.406, de 12 de junho de 2018, regulamenta o exercício da exploração mineral, para garantir segurança e recuperação do ambiente degradado.

Licença ambiental

No fim de abril deste ano, as atividades de uma mineradora no município de São Miguel de Taipu, localizado na região de

Sapé, foram interditadas, por não possuir a licença ambiental de operação. Pode parecer apenas uma questão puramente burocrática, porém, é o documento que garante o desenvolvimento seguro da atividade.

Por isso, o descumprimento das obrigações referentes ao licenciamento previsto por lei pode resultar em sanções como a aplicação de multas diárias, apreensão de minérios e de equipamentos, suspensão temporária, total ou parcial das atividades de mineração, reparação ou indenização dos danos decorrentes das atividades clandestinas.

O engenheiro florestal Itaragil Venâncio Marinho, da Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer), explica que os riscos atribuídos à extração clandestina de minérios pode, inclusive, comprometer o ecossistema e afetar a biodiversidade local.

O desemprego legal da atividade econômica também pode causar alguns danos ao meio ambiente. O engenheiro florestal explica que é possível conter e minimizar esses impactos. Para isso, é necessário que

as mineradoras atendam às diretrizes necessárias para um planejamento ambiental responsável.

“A legislação ambiental traz uma série de parâmetros para justamente diminuir os riscos que a atividade promove e evitar possíveis tragédias, como a que vivenciamos em Minas Gerais [tragédias em Mariana e em Brumadinho]”, explica.

Ao seguir os ritos processuais de licenciamento ambiental e regulamentação da atividade, os empreendimentos se comprometem a apresentar todas as garantias possíveis para prevenir a ocorrência de danos na área onde estão autorizados a operar. No entanto, no caso dos garimpos ilegais, não há esse controle, muito menos alguma garantia de que os riscos ficarão restritos àquele território, prejudicando o ecossistema como um todo.

“Na nossa realidade de Brasil e de Paraíba, são poucos os empreendedores que cumprem o que determina a legislação ambiental”, complementa o especialista, citando que, por esse motivo, deve-se intensificar as ações de monitoramento e fiscalização no estado.

“

A legislação ambiental traz uma série de parâmetros para diminuir os riscos que a atividade promove e evitar tragédias

Itaragil Marinho



Foto: Assessoria de imprensa/Empaer

Segundo o engenheiro florestal Itaragil Marinho, a extração ilegal compromete o ecossistema

Operação clandestina prejudica a qualidade da água e do solo

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Ao se estender tanto à superfície quanto ao subsolo, a mineração ilegal produz efeitos imediatos no meio ambiente, a depender das técnicas utilizadas na operação. Isso se manifesta na natureza de diversas formas, como bem explica o engenheiro florestal Itaragil Venâncio Marinho, da Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer).

Os resíduos resultantes da mineração podem contaminar rios, lençóis freáticos e o solo.

“Dependendo do que você esteja minerando, são aplicados alguns produtos químicos para causar uma reação no minério que deseja extrair”, esclarece.

Um exemplo disso é a extração de ouro, que envolve a aplicação de mercúrio, substância altamente poluente que não apenas contamina as águas, mas também compromete o solo, prejudicando a vegetação e os animais. Mas até mesmo as extrações mais simples, como de areia, podem causar sérios danos ao ecossistema, como a poluição de mananciais e o assoreamento de

rios, destruindo, inclusive, a geologia do ambiente.

E, nesse cenário de clandestinidade, até a qualidade do ar fica comprometida, devido à emissão descontrolada de poeira, que, além de afetar a vegetação circundante, pode causar problemas respiratórios na vizinhança. “Aqui na Paraíba, na região do Seridó, existem locais de extração de caulim (mineral argiloso), e ele é transportado em caminhão aberto, mesmo em época de seca. A população próxima sente a sujeira entrando em casa e, também, respira essa poeira”, conta.

Essa poluição também impacta a vegetação nativa, sufocando as árvores. “Essa nuvem de poeira impede que elas façam o processo natural de transpiração e de absorção do sol, cortando o ciclo fotossintético da planta, ou seja, você está matando aos poucos a vegetação nativa”, alerta Itaragil.

A extração mineral clandestina provoca um desmatamento lento e gradual, que danifica o habitat dos animais silvestres e os afasta de seu lar, gerando um descontrole da cadeia alimentar e um prejuízo significativo à biodiversidade.

Saiba Mais

Você sabia que todos os minerais que são extraídos na Paraíba e em todo o Brasil, legal ou ilegalmente, pertencem à União?

Esse é um princípio previsto no artigo 176 na Constituição Federal. Por isso, existem procedimentos para regularizar a exploração mineral, que variam de acordo com as formas de aproveitamento.

As autorizações e concessões são previstas para todas as substâncias minerais, já os regimes de licenciamento, de permissão de lavra garimpeira e de extração, dependem da substância mineral que será explorada.



Jogadores do Centro Sportivo Paraibano em ação em jogos de categorias de base no Estadual de 2024

Foto: Divulgação/CSP

JOSIVALDO ALVES

Dirigente mostra as dificuldades do CSP

Ele diz que já passou por vários perrengues e até chegou a vender um caminhão para pagar os salários dos jogadores

Danrley Pascoal
 danrleyp.c@gmail.com

Ser dirigente de um clube de futebol nunca foi e nunca será uma atividade tranquila. Quando se fala de gerir um clube de menor investimento, a situação é ainda mais complicada. Falta de dinheiro, montagem de elenco e captação de receitas são temas corriqueiros de quem trabalha nos bastidores e se esforça para fazer a coisa acontecer.

“Já passamos por vários tipos de apertos. Em 2014, por exemplo, tínhamos previsto receber uma cota da prefeitura. Acabou que não pagaram. Eu peguei e vendi meu caminhão e paguei os jogadores. Naquele ano, nós tínhamos um time muito forte que mesclava atletas da base e uma parte de jogadores um pouco badalados. A ideia era ser campeão, e montamos um elenco para isso. O prefeito tinha um compromisso com os clubes, mas depois não pôde cumprir. Não sei o motivo, mas, para não falhar com os jogadores, vendi um bem na época”.

Esse foi um relato de Josivaldo Alves, ex-presidente, um dos três donos do Centro Sportivo Paraibano, o CSP, e uma espécie de faz-tudo dentro do clube. Ele conversou com o Jornal A União e falou sobre como é o seu dia a dia e do trabalho realizado dentro do CSP, uma Sociedade

Anônima do Futebol (SAF). A equipe hoje integra a elite do futebol paraibano e participa das principais competições de base do estado.

“Aqui é o seguinte: se eu não entrar no campeonato para disputar o título, não vou disputar. Mas, se entrar para disputar e fizer contratações, o que eu combino eu vou honrar. Eu tenho que ter a receita do clube ou vou pegar receita própria para poder emprestar e depois lá na frente, se o clube tiver condições, me paga. Já passamos por alguns apertos por não ter recursos nos cofres do clube, precisei sanar as contas com recursos da conta pessoal. Até doações de parentes já aconteceu da gente receber”, explica Josivaldo.

Relação com o CSP

“Eu não queria ser presidente, mas o ex-presidente na época, quando o time ainda era amador, não tinha condição de fazer a profissionalização. Havia uma taxa para pagar caso o clube desejasse jogar a segunda divisão. Então, ele me colocou como presidente e desde então trabalhei e trabalho na profissionalização do clube. Isso tudo ocorreu em 2007”, conta o dirigente, que é comerciante há mais de 30 anos e trabalha com venda de temperos, dos mais variados tipos, e ervas para chás, camomila, canela e erva-doce, por exemplo.

Atualmente, Josivaldo é um dos três donos da SAF do CSP. Diferentemente do que muitas pessoas pensam, ele não é o atual presidente. Hoje Rayza Alves é quem ocupa o cargo. Ele comandou o clube entre 2007 e 2011. Depois do mandato, passou por outras áreas do clube, como, por exemplo, o Conselho Deliberativo, onde foi presidente. Neste momento, é o homem forte do futebol e o técnico da equipe profissional.

“Eu participo diretamente de todas as contratações, sou eu quem contrata. Se alguém apresentar algum jogador, tem que passar por mim. Quando é um dos sócios que traz o atleta, nesse caso a gente acata o pedido, mas a permanência dele dentro

da equipe dependerá do rendimento em campo”, ressalta Josivaldo.

“Eu sou treinador da equipe desde 2016. A gente faz um pouco de tudo aqui. Sabe como é time pequeno, nos viramos. Já jogamos Copa do Brasil Sub-17 e Sub-20, Copa São Paulo de Futebol Júnior, algumas edições da primeira divisão do Estadual e até a segunda divisão. Faz algum tempo que estou nesse meio”, complementa o dirigente.

Montagem de elenco

O momento mais complicado dentro de um clube é quando inicia o trabalho de escolha dos atletas que comporão o elenco profissional. A falta de recursos não pos-

sibilita margem de erro, por isso entender e enxergar o mercado é essencial. Josivaldo fala da sua experiência e do que já vivenciou.

“Na montagem do elenco profissional, a principal dificuldade é que você, sendo de um time de menor porte, não consegue captar jogadores mais badalados porque eles preferem os clubes de maior torcida. Diante disso, é preciso que você tenha um olho bom. Temos de tentar pegar os jogadores que tenham qualidade, mas é evidente que os atletas badalados os clubes maiores e que têm o poder aquisitivo maior é quem contrata. Então, a maior dificuldade que encontramos é ter que, com o orçamento menor, conse-

guir fazer equipes que compitam de igual pra igual com as grandes. Essa é a nossa maior dificuldade”, explica.

Expectativa para o futuro

Em 2024, o CSP participou, pela 13ª vez, de uma edição da primeira divisão do Campeonato Paraibano. A equipe brigou até a última rodada por vaga nas semifinais, tendo somado um ponto a menos que o Sousa, o atual campeão, e encerrando sua participação na quinta colocação.

Além disso, o Tigre tem realizado um grande trabalho nas divisões de base. O CSP é o atual campeão do Estadual Sub-17; o título permitiu que o clube disputasse a Copa do Brasil da categoria. O trabalho com jovens promessas é uma das fontes de receitas e o que faz o clube crescer ainda mais no cenário estadual.

“Os patrocínios são poucos. Então, basicamente, o CSP sobrevive de venda de jogador, mas vender jogador todo dia não é tão fácil. Na minha opinião, os clubes do Nordeste sofrem bastante com isso. A gente depende da venda de jogadores para ter receita. Essa é uma maneira de poder ter um clube forte. Então temos que criar receita para poder ter esse futuro. Neste momento, estamos buscando vender atletas, além de estar criando outras soluções para fortalecer o clube”, diz Josivaldo.

“

Precisei sanar as contas com recursos da conta pessoal. Até doações de parentes já aconteceu da gente receber

Josivaldo Alves



Foto: Divulgação/CSP

Josivaldo diz que a maior dificuldade é na formação do elenco, para captar jogadores dentro da realidade financeira

COPA AMÉRICA

Conmebol convoca 11 árbitros do Brasil

País lidera as indicações na competição continental que, pela primeira vez, terá grande representação feminina

A arbitragem brasileira é recordista na Copa América. A Conmebol anunciou a lista de árbitros que vão trabalhar na competição continental, que começa no dia 20, nos Estados Unidos. Onze brasileiros foram convocados. Pela primeira vez na história, mulheres vão trabalhar na competição continental de seleções mais antiga do mundo.

A árbitra Edina Alves e a assistente Neuza Back estão no grupo de oito mulheres escaladas pela Conmebol. Na última Copa do Mundo Feminina, ela se tornou a primeira árbitra brasileira a atuar em oito partidas de Mundiais entre homens e mulheres, superando o recorde de Carlos Simon, que havia apitado sete jogos em três Copas do Mundo (2002, 2006 e 2010).

Além de Edina, Wilton Sampaio e Raphael Claus também foram escalados pela Conmebol para atuar na Copa América. A lista da Conmebol conta com 101 árbitros designados para atuar na competição. A Colômbia ficou em segundo lugar, com 10 árbitros escalados.

O Brasil também terá como representantes no quadro de arbitragem os assistentes Danilo Manis, Rodrigo Correa, Bruno Boschilia, Bruno Pires e Neuza Back.



Edina Alves em ação durante jogo pela Copa do Brasil; abaixo, Raphael Claus (C) no seu jogo 200 pelo Brasileiro



Daniel Nobre, Pablo Gonçalves e Rodolpho Toski serão os árbitros auxiliares de vídeo (VAR). Na lista a Colômbia teve 10 árbitros escalados, seguido da Argentina, com nove.

“Essa convocação para a Copa América demonstra claramente a evolução da arbitragem brasileira e a representatividade que temos no mundo. Indica também que o caminho do desenvolvimento está sendo correto”, afirmou o presidente da Comissão de Arbitragem da CBF, Wilson Seneme.

Recordista

Em abril, a Fifa escalou sete árbitros brasileiros para os Jogos Olímpicos de Paris. Dos 89 profissionais indicados, o Brasil é o país com mais árbitros convocados pela Fifa.

Ramon Abatti Abel e Edina Alves estão entre os relacionados para apitar os Jogos de Paris. Quatro assistentes brasileiros também foram confirmados nas Olimpíadas: Neuza Inês Back, de Santa Catarina, Guilherme Dias Camilo, de Minas Gerais, Rafael Alves, do Rio Grande do Sul, Fabrini Bevilacqua, de São Paulo. No VAR, o Brasil estará representado por Daiane Muniz, de São Paulo.

PARIS 2024

COB define a logística para os atletas durante os Jogos Olímpicos

A quase dois meses dos Jogos Olímpicos de Paris 2024, o Comitê Olímpico do Brasil (COB) afina os detalhes do planejamento e entra na fase de execução para proporcionar aos atletas toda estrutura necessária para que alcancem os melhores resultados de suas carreiras na França, a partir do dia 26 de julho. Para isso, além da Vila Olímpica, onde a maior parte da delegação ficará hospedada, o COB oferecerá serviços de alta performance em outros seis locais onde haverá pre-

sença de atletas brasileiros.

O COB montará estruturas próprias em Vaires sur Marne (canoagem e remo), Marseille (vela), Lille (handebol e basquete, caso se classifique) e Chateauroux (tiro esportivo), além da Vila Olímpica e de Saint-Ouen. Cada local terá serviços específicos de acordo com as características das modalidades.

O Taiti, sede das competições de surfe, a mais de 12 mil quilômetros da capital francesa, também terá uma base exclusiva de apoio aos

atletas do Time Brasil.

“Estamos construindo resultados cada vez mais consistentes em Jogos Olímpicos nas últimas edições. E o papel do COB é oferecer a melhor estrutura possível para que os atletas tenham as melhores performances de suas vidas nesta competição. Nossas bases de apoio são sempre grandes diferenciais que trazem tranquilidade e conforto aos atletas. Entendemos que tudo aquilo que poderia ser feito para oferecer o melhor em termos de preparação

aos nossos atletas está sendo feito”, afirmou Rogério Sampaio, diretor-geral do COB e chefe da Missão Brasileira nos Jogos Olímpicos de Paris.

A apenas 600 metros da Vila Olímpica, a base de Saint-Ouen será o principal ponto de apoio para os atletas. No local, o COB terá três instalações à disposição. Cada uma delas oferecerá serviços de apoio complementares à performance do atleta no período dos Jogos. O judô vai ser a primeira delegação do Brasil a passar

pela base, no dia 16 de julho.

“O COB faz um trabalho em conjunto com as confederações. Estamos em contato constante com as equipes, treinadores e gestores das modalidades para afinar os detalhes que podem fazer a diferença no resultado final. Estamos nos ajustes finais para executar uma grande operação e estamos muito otimistas que será bem-sucedida”, declarou Ney Wilson, diretor de Alto Rendimento do COB e sub-chefe de missão em Paris 2024.

■ O judô vai ser a primeira delegação do Brasil a passar pela base de Saint-Ouen, principal ponto de apoio dos atletas

JOGOS DA JUVENTUDE

Voluntários podem se inscrever para evento em João Pessoa

Com a proximidade dos Jogos da Juventude 2024, o Comitê Olímpico do Brasil abriu as inscrições para o programa de voluntários da edição deste ano, que será realizada em João Pessoa, na Paraíba. Os interessados podem preencher o formulário e entrar no processo seletivo para ser voluntário no maior evento multiesportivo do Brasil para jovens de até 17 anos. Este ano os Jogos da Juventude acontecerão de 13 a 28 de novembro e o sucesso da competição passa pelas mãos de muitos envolvidos, sobretudo os que compõem o programa de voluntariado. Fundamentais em megaeventos como Jogos Olímpicos e Pan-americanos, os voluntários são peça-chave nos Jogos da Juventude e atuam em diversas áreas do evento: creche, secretaria, área

médica, cerimonial, almoxarifado, transporte, comunicação, centro de convivência, alimentação, locais de competição, dentre outros.

Além de trabalharem integrados com o Comitê Organizador dos Jogos da Juventude, os voluntários possuem alguns benefícios e facilitadores durante o programa. Todos têm garantidos uniformes, ajuda de custo para deslocamento interno, alimentação (almoço e jantar) e recebem um certificado com declaração de horas trabalhadas e atividades desenvolvidas. As inscrições vão até o dia 31 de julho de 2024.

Para efetivar a inscrição no Programa de Voluntários dos Jogos da Juventude 2024 basta clicar no link: <https://pt.surveymonkey.com/r/HNPXNMT> e preencher os dados requisitados.



Os voluntários têm um papel muito importante na realização dos Jogos e poderão se inscrever até 31 de julho

BRASILEIRÃO

Clássico carioca é o destaque da rodada

Vasco e Flamengo, em situações distintas na tabela, se enfrentam no complemento da 7ª rodada, hoje, no Maracanã

Vasco e Flamengo se enfrentam neste domingo, às 16h, no Maracanã, em jogo da 7ª rodada do Brasileirão Série A. O Cruzmaltino, quando a rodada foi aberta, ontem, apontava o time na 13ª colocação com seis pontos, e o Rubro-negro na 3ª posição, com 11. O Vasco chega para essa partida com duas vitórias, um empate e duas derrotas nos últimos cinco jogos. Do outro lado, o Flamengo vem de uma série de quatro vitórias e uma derrota.

O Vasco chega embalado para buscar a terceira vitória, resultado que o faria encostar no pelotão de frente do campeonato. O Cruzmaltino confia na dobradinha talentosa de Payet e o oportunismo do centroavante Vegetti. Na defesa, os destaques são Lucas Piton e Léo Jardim, mais uma vez herói em disputa de pênaltis na Copa do Brasil.

Classificado às oitavas da Libertadores após mais uma boa atuação, o Flamengo vem com a confiança em alta para quem sabe terminar a rodada na liderança. Ayrton Lucas, com lesão muscular, será substituído por Viña. No meio, Pulgar e Allan disputam uma vaga. Pedro, com 20 gols na temporada, tenta marcar pelo quinto jogo consecutivo. Flamengo e Vasco da Gama

protagonizam um dos maiores clássicos do futebol brasileiro. Depois de um período de empates consecutivos, os últimos anos foram marcados pela supremacia dos rubro-negros, que têm um retrospecto de muitas vitórias de 2019 até hoje. No encontro mais recente, empate sem gols das equipes no Maracanã, pelo Campeonato Carioca de 2024. Até hoje, as duas equipes já se enfrentaram 402 vezes, com 158 vitórias do Flamengo contra 132 do Vasco, além de 112 empates. O Rubro-Negro já balançou as redes 547 vezes, enquanto o Cruzmaltino comemorou 514 tentos.

Levando em conta apenas os jogos pelo Brasileirão (considerando a unificação dos torneios), há mais equilíbrio: o Flamengo venceu o Vasco 25 vezes contra 19 do Cruzmaltino, e foram registrados ainda outros 23 empates.

Escalações prováveis

Vasco: Léo Jardim; João Victor (Pumita Rodriguez), Maicon, Léo e Lucas Piton; Galdames, Sforza e Payet; Adson, Vegetti e David.

Flamengo: Rossi; Varela, Léo Ortiz, David Luiz e Viña; Allan (Pulgar) e De La Cruz; Gerson, De Arrascaeta e Everton Cebolinha; Pedro.

Foto: Leandro Amorim/Vasco



Pelo Campeonato Carioca deste ano, Flamengo e Vasco empataram sem gols no Maracanã

Jogos de hoje

■ **BRASILEIRÃO**

16h

Atlético-MG x Bahia

(Globo e Premiere)

Vasco x Flamengo

(Globo e Premiere)

Criciúma x Palmeiras

(Globo e Premiere)

18h30

São Paulo x Cruzeiro

(SporTV e Premiere)

Fortaleza x Athletico-PR

(Premiere)

■ **SÉRIE B**

16h

Ponte Preta x CRB

Chapecoense x Vila Nova

18h30

Ituano x Avaí

■ **SÉRIE C**

16h30

São Bernardo x Ypiranga-RS

19h

Caxias x Figueirense

ABC x Floresta

COPA LIBERTADORES

Sorteio define, amanhã, os confrontos das oitavas de final

Agência Estado

As rodadas da fase de grupos da Copa Libertadores se encerraram esta semana - exceção do grupo do Grêmio -, e a próxima etapa é o mata-mata. As oitavas de final prometem confrontos pesados: Flamengo e Botafogo estão no pote 2 e podem enfrentar times como Atlético-MG, São Paulo, River Plate, Fluminense e Palmeiras.

Por falar nisso, a equipe comandada por Abel Ferreira chegou aos 14 pontos e perdeu a chance de ter a melhor campanha das seis rodadas iniciais. O posto ficou com o River Plate, com 16 pontos. Com isso, os argentinos têm a vantagem de poder decidir todos os jogos de mata-mata em casa, até uma possível final.

O segundo colocado na classificação geral é o Atlético-MG, que fez 15 pontos, seguido pelo Palmeiras. Vale lembrar que algumas equipes do Grupo C (Grêmio, Huachipato e Estudiantes) têm jogos a disputar. O clube gaúcho teve partidas adiadas por causa das enchentes que atingiram o Rio Grande do Sul, e os dois duelos restantes foram remarcados para 4 e 8 de junho. A Conmebol definiu como primeiro critério de desempate o saldo de gols, e o segundo é gols marcados.

Como será o sorteio

Os times que avançaram estarão divididos em dois potes: o primeiro será composto por equipes classificadas na primeira colocação de seus respectivos grupos, enquanto

o outro terá os vice-líderes das chaves. Os duelos serão definidos por sorteio: um time do pote 1 vai enfrentar uma equipe do pote 2.

O sorteio para a definição dos confrontos das oitavas será no dia 3 de junho, nesta segunda-feira, em Luque, no Paraguai, a partir de 13h (horário de Brasília). O evento também define o chaveamento da Libertadores até a grande decisão, marcada para o dia 30 de novembro, em Buenos Aires, na Argentina.

Os jogos do mata-mata da Libertadores estão marcados para começar apenas no próximo semestre, no dia 13 de agosto. Os embates serão em ida e volta, e as equipes do pote 1 têm a vantagem de fazer a segunda partida em casa.

Foto: Divulgação/River Plate



O River Plate, da Argentina, conseguiu 16 pontos nos seis jogos e ficou com a melhor campanha na fase classificatória, enquanto o Atlético Mineiro ficou em segundo

Classificação geral

- River Plate** - 16 pontos (saldo de gols: 9)
- Atlético-MG** - 15 pontos (SG: 8)
- Palmeiras** - 14 pontos (SG: 9)
- Fluminense** - 14 pontos (SG: 4)
- São Paulo** - 13 pontos (SG: 7)
- Boliviar** - 13 pontos (SG: 4)
- Talleres** - 13 pontos (SG: 4)
- Peñarol** - 12 pontos (SG: 7)
- Flamengo** - 10 pontos (SG: 7)
- Junior Barranquilla** - 10 pontos (SG: 3)
- Nacional-URU** - 10 pontos (SG: 1)
- Botafogo** - 10 pontos (SG: 1)
- The Strongest** - 10 pontos (SG: 2)
- Huachipato** - 8 pontos (SG: -1) - ainda tem um jogo a disputar
- San Lorenzo** - 8 pontos (SG: 0)
- Colo-Colo** - 6 pontos (SG: -1)

Sorteio

■ **POTE 1**

- Fluminense** - 1º do Grupo A
- São Paulo** - 1º do Grupo B
- 1º do Grupo C
- Junior Barranquilla** - 1º do Grupo D
- Boliviar** - 1º do Grupo E
- Palmeiras** - 1º do Grupo F
- Atlético-MG** - 1º do Grupo G
- River Plate** - 1º do Grupo H

■ **POTE 2**

- Colo-Colo** - 2º do Grupo A
- Talleres** - 2º do Grupo B
- 2º do Grupo C
- Botafogo** - 2º do Grupo D
- Flamengo** - 2º do Grupo E
- San Lorenzo** - 2º do Grupo F
- Peñarol** - 2º do Grupo G
- Nacional-URU** - 2º do Grupo H

BRASILEIRO

Sousa e Atlético-CE jogam no Marizão

Time paraibano busca a segunda vitória na Série D contra equipe do Ceará para melhorar sua posição no Grupo A3

Danrley Pascoal
danrley.p@gmail.com

Sousa e Atlético-CE duelam, hoje, pela sexta rodada do Campeonato Brasileiro Série D. O jogo acontece no Estádio Marizão, às 16h. O confronto será o quinto encontro entre as equipes em partidas válidas pela quarta divisão. O Dino buscará a sua segunda vitória no torneio, onde, como mandante, ainda não sofreu gols.

Na última rodada, o Sousa perdeu a oportunidade de se reabilitar na Série D, diante do seu torcedor. O time vinha de uma traumática derrota contra o Santa Cruz-RN e um triunfo colocaria a equipe no G4 do Grupo A3. Com o empate em 0 a 0 contra o América-RN, o Dino viu a distância para o quarto colocado aumentar para três pontos. Agora, contra o Atlético-CE, novamente em casa, um resultado positivo recoloca o clube na briga por uma vaga no mata-mata.



Jogadores do Sousa treinando no Marizão para ajustar o setor de criação e, assim, melhorar o setor ofensivo que, em cinco partidas, fez somente um gol

Seca de gols

Para vencer, o time do Serão precisa voltar a marcar gols, já que, das cinco partidas que disputou, deixou de marcar gols em quatro. O único tento da equipe foi marcado em cobrança de pênalti do atacante Diego Ceará. Ou seja, além de quase não marcar, só balançou as redes de um lance oriundo de bola parada, reflexo da dificuldade de criar apresentada ao longo da temporada.

A falta de gols é um problema existente desde quando a equipe era treinada por Paulo Schardong. O Dino não fez gols em sete dos 10 jogos disputados após a semifinal do Campeonato Paraibano, quando venceu o Treze por 2 a 1, no dia 31 de março, no Marizão. Essa foi a última vez que o time marcou mais de um gol. Desde então, ganhou apenas uma partida, contra o Potiguar, por 1 a 0, o seu único triunfo na Série C.

Em meio a uma maratona de jogos, o técnico Leandro Sena teve sua primeira semana cheia para preparar sua equipe. Desde que se apresentou, no dia 15 de maio, o treinador precisou ajustar o time para a Copa do Brasil e paralelamente para a Série D. Com a eliminação no torneio mata-mata, a partir de agora, o Dino só tem a quarta divisão para disputar, competição que sempre foi o principal objetivo da diretoria

sousense.

O adversário

O Atlético-CE é o lanterna do Grupo A3 da Série D: em cinco partidas, o time cearense perdeu quatro e ganhou uma. A única vitória da equipe no torneio foi na quarta rodada, diante do Maracanã-CE, por 1 a 0. Além disso, tem apenas dois gols marcados, sendo o segundo pior ataque, à frente apenas do Sousa, que fez so-

mente um gol na competição.

Nos quatro confrontos entre os clubes, a equipe do estado do Ceará venceu apenas um, sendo que nos últimos dois encontros, que ocorreram em 2023, ambos acabaram com vitória do Dino por 2 a 1. O único triunfo do Atlético-CE aconteceu em 2021, quando subiu para a Série C. Naquele ano, perdeu no Marizão por 2 a 1 e venceu por 2 a 0 no Estádio Domingão, Horizonte-CE.

O clube cearense vem de um rebaixamento no Estadual deste ano. Nos cinco jogos da primeira fase do torneio, somou apenas dois pontos, perdeu três partidas e empatou duas. Com essa campanha, teve que disputar o quadrangular do descenso, onde acabou ficando na penúltima colocação. Em seis confrontos, conquistou dois triunfos, além de acumular três derrotas e um empate, somando sete pontos.

SÉRIE C

Botafogo busca, amanhã, a liderança contra o Athletic-MG

Danrley Pascoal
danrley.p@gmail.com

O Botafogo entra em campo amanhã pela sétima rodada do Campeonato Brasileiro Série C para enfrentar o Athletic Club-MG, no Estádio Almeida, às 20h, em duelo de invictos. Esse será o primeiro confronto entre as equipes na história. Os mineiros estrearam na terceira divisão em 2024, tendo vencido todos os jogos que disputaram até aqui.

O confronto coloca duas das melhores equipes da Série C frente a frente. O Belo e o Athletic iniciaram a rodada sete como terceiro colocado e líder, respectivamente. Além disso, o time paraibano chega para o duelo como a sexta melhor campanha em aproveitamento entre clubes invictos em todas as divisões nacionais.

Até o momento, o Botafogo venceu quatro jogos e empatou um; o desempenho é traduzido num aproveitamento de 86%. Entre as 20 equipes que disputam a terceira divisão, apenas o seu adversário desta segunda-feira (3) tem campanha melhor, com 100% de aproveitamento.

Mesmo com um jogo a menos, a atual campanha do Belo já superou o desempenho de 2023 nas seis rodadas iniciais. No

ano passado, o Alvinegro da Estrela Vermelha somou 12 pontos nas seis primeiras partidas da terceira divisão. Foram três triunfos e três empates e, assim como neste ano, obteve uma invencibilidade que só perderia na oitava rodada. Nesta edição já foram 13 pontos conquistados

Outro fator destacável é a campanha fora de casa: nos três primeiros jogos que fez longe do Almeida em 2023, venceu dois e empatou um; enquanto em 2024 foram três vitórias. Na estreia, o Botafogo venceu o Floresta-CE por 2 a 1; depois conquistou um grande triunfo contra o Volta Redonda-RJ, por 3 a 1; e, na última rodada, ganhou do Sampaio Corrêa-MA pelo placar de 1 a 0.

Os 100% de aproveitamento só não vieram devido ao tropeço em casa contra o Caxias-RS, quando empatou em 0 a 0. Naquela oportunidade, o time da Paraíba fazia sua estreia em casa pela competição nacional. Na rodada seguinte, o clube somou seus primeiros três pontos no Estádio Almeida, contra o Remo-PA, após vencer por 1 a 0. Depois de uma sequência de dois jogos atuando fora da Paraíba, o Botafogo busca seu segundo triunfo diante do seu torcedor nesta edi-



Técnico Piza sabe que terá uma missão complicada no jogo de amanhã contra a equipe que lidera a Série C do Brasileiro

ção da Série C, agora, contra os mineiros de São João del Rei.

O adversário

O Athletic Club-MG disputa, em 2024, sua primeira edição de Campeonato Brasileiro Série C, algo semelhante ao que ocorreu no ano passado, quando estreou na quarta divisão e, ao fim da temporada, conquistou o acesso. Neste ano, pela terceira divisão, venceu os cinco jogos que disputou: contra Caxias

Adversário

O time mineiro disputa sua primeira edição de Série C e está com 100% de aproveitamento e melhor campanha entre todas as divisões do Campeonato Brasileiro

-RS (F), Remo-PA (C), CSA -AL (C), ABC-RN (F) e Aparecidense-GO (C). O time não atuou na última rodada, pois seu jogo contra o São José-RS foi adiado por conta das chuvas que assolaram o Rio Grande do Sul no início de maio. Logo, os mineiros tiveram uma longa preparação para o confronto de amanhã: ao todo, serão 14 dias.

Na edição do Campeonato Mineiro de 2024, a equipe teve uma campanha irregular, em que não

conseguiu chegar às semifinais. Em oito jogos, conquistou quatro vitórias, perdeu três e empatou um. Na disputa de um torneio entre os clubes que não avançaram para a fase seguinte ou não disputaram o triangular de descenso, o Athletic Club-MG sagrou-se campeão. A equipe sustenta uma invencibilidade que dura oito jogos, tendo vencido os últimos sete jogos que disputou, seja por Estadual ou Campeonato Brasileiro.

HISTÓRIA

Uma negociata que pôs fim ao Brasil-holandês

Conheça o passo a passo de como e porque os holandeses venderam o Nordeste brasileiro a Portugal no século 17

Ademilson José
Especial para A União

É bem verdade que houve duas batalhas no Monte dos Guararapes, mas ao contrário do que conta nossa história oficial, os holandeses jamais foram expulsos do Brasil. E para chegarmos a essa conclusão, basta um mínimo de leitura dos principais pesquisadores do assunto, entre os quais, o diplomata pernambucano Evaldo Cabral de Mello, autor de um livro que já diz tudo, *O Negócio do Brasil*.

Frutos da divisão que marcava a vida da população naquele momento, as duas batalhas serviram somente de tira-teima entre os potiguara que tinham, de um lado, Filipe Camarão, do Rio Grande do Norte (líder dos que pretendiam a volta do comando português), e, do outro, o paraibano Pedro Poti (que apostava na colonização holandesa como melhor opção).

É bom partir do ponto de vista indígena porque, além de verdadeiros donos do negócio, eles ao menos eram sinceros e honestos em suas posições. O que não ocorria entre os invasores portugueses que, liderados por João Fernandes Vieira, inventaram de se livrar dos holandeses somente para não pagar os vultosos e generosos empréstimos que haviam conseguido na fase áurea de Maurício de Nassau.

Estimulados pelo calote idealizado por Fernandes Vieira, os donos de engenhos ataçaram o clima de revolta

entre a população, o que os escribas portugueses e a historiografia tradicional acabaram denominando e consagrando como Insurreição Pernambucana. Culminou com as Batalhas dos Guararapes (1648 e 1649) mas, antes disso, também já havia contribuído para a queda de Nassau (1644), fato depois do qual, o Brasil-holandês só cambaleou até acabar em 1654 de forma oficial.

O sangue derramou e foi desse processo que Filipe Camarão saiu como herói e Pedro Poti, como preso, sendo torturado e morto. No caso, como verdadeiro primeiro mártir da história do Brasil. O problema é que, como quem conta a história é o vencedor, Poti também ganhou a omissão. O que nem chega a ser nada demais porque, bem analisada, pior do que a dele é a omissão de que a tal “expulsão dos holandeses” não passou de uma grande farsa, talvez a maior de todas do nosso Brasil colonial.

Mas para entender melhor essa história, voltemos ao início da União Ibérica, em 1580, quando a Espanha passou a mandar em Portugal e, conseqüentemente, no Brasil. É que, ferida no ano seguinte (1581) com a independência da Holanda, que era sua colônia, a Espanha já entrou rompendo uma parceria que os holandeses tinham com Portugal no refinamento do açúcar que os lusos exploravam no Brasil.

Em represália, a Holanda reage e decide invadir o Brasil para, aqui, travar a “guerra do açúcar” com sua rival, a Espanha. Para isso, criou a

Companhia das Índias Ocidentais (1621) e começou invadindo Salvador (1624), onde só conseguiu passar um ano. Como a guarda ao norte do litoral era mais frágil, insistiu e ocupou Pernambuco, estabelecendo o que ficou chamado de Brasil-holandês (1630-1654).

O problema é que a União Ibérica só durou até 1640 e, como isso, trouxe seu fogo amigo (Portugal) de volta ao comando da grande Colônia das Américas. A Holanda, naturalmente, perdeu aquele interesse todo em gastos e guerras no Brasil. Passou a priorizar e a apostar, no caso, em uma boa negociação. Retomar ou compensar os gastos e/ou investimentos que tinha feito no Brasil.

Assim, passou a controlar despesas e a se demorar no envio de tropas, clima que só contribuiu para eclodir e a fazer correr solto os estopins da insurreição. Atiçada pelo bloco dos caloteiros, proprietários de engenhos, a revolta tomou vulto, juntou gente e, com isso, começou a transformar a paz e a economia da então rica Recife em um verdadeiro sinal de marco zero para o Brasil-holandês.

Os brasileiros de André Vidal de Negreiros, os negros de Henrique Dias, os potiguara de Filipe Camarão e os portugueses de João Fernandes Vieira e do rei D. João IV entraram de corpo e alma na guerra. Graças à bravura dos potiguara de Pedro Poti, os holandeses não baixaram todas as armas, mas a Coroa e a Companhia das Índias Ocidentais só pensavam nas negociações.

Foi em um dos intervalos daquela confusão toda que, para devolver o Nordeste e deixar o Brasil quieto, a Holanda deu o preço. Cobrou e os portugueses se comprometeram em pagar 10 mil cruzados (em moeda da época); o controle de duas possessões territoriais na Índia (Cranganor e Cochim); e mais o monopólio do comércio do sal de Setúbal, uma matéria-prima que era utilizada na produção de pescados em larga escala.

O pagamento não foi feito em ouro, mas – segundo o escritor Cabral de Mello, para que todos pudessem ter noção do que aquilo representava – um observador financeiro da época fez a correspondência para 63 toneladas de metal, que sempre foi o mais precioso.

Isso era tanto, que o pagamento não se deu assim tão fácil. Basta dizer que, para receber, entre outros tipos de pressão, os holandeses chegaram a bloquear o Rio Tejo.

■
Apostando na colonização holandesa como melhor opção estava o paraibano Pedro Poti

E como todo português que se prese não vive sem um bom fado e sem o grande Tejo, pagou-se o montante.

Bom para negros

“Não há mal que não traga um bem”. O ditado popular pode não ser tão antigo, mas serve muito bem para explicar o que aconteceu com a vida dos negros escravizados no Nordeste brasileiro, quando explodiram as revoltas e as guerras que puseram fim ao Brasil-holandês.

É que, como um dos principais envolvidos eram justamente os donos de engenhos, que tinham interesse em calotear impostos e empréstimos, os capangas e capatazes deles acabavam desviados para outras tarefas, principalmente para as tarefas de aumentar e formar tropas, e isso só facilitava a fuga de negros dos engenhos. Elas passaram a ser constantes e aos montes.

Nos buchichos da labuta nos engenhos, eles espalhavam informações sobre a direção que deveriam tomar e, assim, as fugas eram sempre coesas e em uma rota só. No rumo da Serra da Barriga, área situada ao sul de Pernambuco – que depois passou a pertencer ao estado de Alagoas, que estava se formando –, acabou se consolidando o conhecido Quilombo dos Palmares.

Tais fugas se tornaram mais constantes também porque, nos engenhos que não havia facilidade, muitos negros criavam estratégias. Por exemplo, simulavam brigas entre si sobre as confusões estabelecidas pela própria Insurreição Pernambucana, e, quando os capangas iam apartar, eram atacados e trucidados pelos negros, que se reagrupavam unidos. Aí, com mulheres e crianças, ganhavam as matas na direção da Serra da Barriga.

Segundo o escritor gaúcho Eduardo Bueno (o Peninha), autor de *Brasil – Uma História*, entre outros livros, os conflitos do final do Brasil-holandês terminaram se

constituindo em um dos fatores que mais contribuíram para o crescimento do quilombo, que perdurou até 1595 e que teve como líder maior o Zumbi dos Palmares.

Ruim para indígenas

O que teve de positivo para unir negros que fugiram dos engenhos e se livraram da escravidão, a Insurreição Pernambucana teve de negativo para dividir os potiguara do Litoral de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte e, de resto, os indígenas de todo o Brasil-holandês, cujo território já ia das praias de Sergipe aos confins do Maranhão.

Enquanto uma parte deles, os liderados por Filipe Camarão, concordava em conviver com os portugueses e em rezar no catecismo da Igreja Católica, a outra parte não admitia sequer olhar para um jesuíta de Portugal. Como os holandeses haviam adotado um processo de educação e evangelização muito forte, muitos potiguaras se tornaram tão calvinistas que preferiam morrer (como fez Poti) a mudar de religião.

Esse posicionamento chegou a tal ponto que, para fugir do jugo católico-lusitano, liderados por Antônio Paraopabas (da Baía da Traição), mais de dois mil indígenas abandonaram o Litoral, caminharam quase 800 quilômetros e foram se refugiando na Serra da Ibiapaba, no Sertão do Ceará.

Paraopabas (que morreu em 1657, em Amsterdã) chegou a fazer duas viagens à Holanda buscando apoio para esses indígenas reformados e abandonados pelos holandeses no Brasil. Nem a Companhia das Índias Ocidentais, nem o governo holandês atendeu aos apelos dele, a não ser concedendo uma pensão para a mulher (Paulina) que, com duas filhas, não mais voltou a viver no Brasil.

Quanto ao resto dos potiguaras que continuaram na Serra da Ibiapaba, a última notícia que se tem deles é que,

até mesmo por conta do posicionamento religioso que pesava demais, devem ter sido dizimados durante a Guerra dos Bárbaros – nome dado aos conflitos da colonização católico-portuguesa pelo interior do Brasil.

Pior para o Brasil

Esse negócio de escolher colonizador nunca fez sentido, mas, pensando bem, não foi mesmo um bom negócio terminar com Portugal. Nem precisamos fazer levantamento minucioso e análises profundas para se chegar a essa conclusão. Está claro na própria história oficial.

Enquanto os portugueses chegaram somente com ocupação, escravidão e objetivo de lucro, os holandeses também chegaram com objetivo de lucro, mas com certo controle na escravidão (para os indígenas, nenhuma) e com um projeto de civilização. Isso pelo menos da parte do alemão Maurício de Nassau, cujos motivos da saída não dá para serem separados das mudanças de rumo da Holanda, negociata ou negociação.

Isso, aliás, nem chega a ser algo de outro mundo. Até porque, como empresa e ainda mais eminentemente judia, o que a Companhia das Índias Ocidentais queria mesmo era lucro: quanto mais, melhor. O mesmo, em termos de moral, podendo se dizer da Holanda que, vendo a verdadeira inimiga (a Espanha) sair do ringue, achou que não tinha porque mais brigar tanto no Brasil.

Por falar nela de novo, já que chegou por acaso e sem tanta ambição, será que, para o Brasil, a Espanha é que seria a melhor opção? Não, chega desse tipo de questão. Até porque, apesar de já ter admitido que sim, o escritor Eduardo Bueno afirma em cheio quando, mesmo brincando, afirma que “toda colonização é nefasta porque o colonizador entra com a *carra* e o colonizado, com o resto da *cerveja*”.

Isso, claro, sem negociata ou negociação.



Ilustração: Tônio



Nos confrontos da Batalha dos Guararapes, Filipe Camarão foi o líder dos que apoiavam a volta do comando português

Ilustração: Tônio

Dorgival Terceiro Neto

Foi exercendo o papel de jornalista que o paraibano se fez historiador



Natural de Taperoá, Dorgival foi um narrador de fatos e um repórter a catar os acontecimentos políticos e sociais, os dramas do povo, quando não sendo ele mesmo o personagem da história

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Mais conhecido por suas passagens pelo Paço Municipal de João Pessoa e pelo Palácio da Redenção, primeiro como vice-governador e depois como governador, Dorgival Terceiro Neto nunca escondeu sua estada no jornalismo, ao qual creditava seu contato com o “universo” e o hábito de trabalhar à noite, adquirido na redação de **A União**.

Natural de Taperoá, o paraibano Dorgival nasceu em 12 de setembro de 1932. O segundo dos nove filhos do casal Melquiades Vilar e Eliza Vilar foi criado até os 12 anos na Fazenda Santa Maria, quando foi escolhido – porque o pai não tinha condições de custear a instrução dos demais – para fazer o curso ginásial na cidade de Patos, no Sertão. De lá, seguiu, em 1950, para a capital paraibana, onde pôde dar continuidade aos estudos. Para frequentar o Curso Clássico no Liceu Paraibano, passou a residir na Casa do Estudante da Paraíba, onde conheceu companheiros como Gonzaga Rodrigues e José Belarmino da Nóbrega, com quem dividiam o mesmo quarto. Três anos depois, Dorgival seria aprovado no vestibular para a Faculdade de Direito da Paraíba, formando-se em 1957.

Ainda na faculdade, foi contratado para trabalhar em **A União**, ingressando já como redator porque três jornalistas tinham deixado a redação recentemente. “Quem me levou para **A União** foi José Barbosa de Sousa Lima, colega da Casa do Estudante, e que, naquele tempo, era o redator-chefe do jornal. Foi ele quem me apresentou a Juarez e disse: ‘Esse rapaz até que es-

creve mais ou menos’. Então, Juarez disse: ‘Aproveite ele na redação que ora está desfalcada’”, recordou Dorgival, em sua última entrevista concedida ao jornalista Alexandre Nunes por ocasião das comemorações de seus 80 anos.

Para além do hábito de encerrar as reuniões noturnas no Cassino da Lagoa, no tempo em que foi prefeito – pois para lá se dirigia o pessoal dos jornais após o fechamento das redações –, Dorgival fazia questão de destacar a contribuição que a atividade jornalística deu para sua história. “**A União** foi minha única universidade e nunca deixei de reconhecer isso”, confessou ele, na mesma entrevista. “O que aprendi em **A União** valeu mais do que tudo que aprendi na universidade, porque o jornal me colocou em contato com o universo”.

O ex-governador ainda tinha na memória todas as dificuldades do processo de produção jornalística, inclusive de como as notícias eram recebidas das agências por meio do serviço de rádio e repassadas para os redatores, encarregados de analisar, traduzir e publicar.

Atribuía ao secretário de Redação a função de “cozinheiro do jornal, pois fazia os traçados com as matérias para o pessoal não se perder na paginação”. Já sobre o diretor, Juarez Batista, recordava do compromisso com a qualidade do jornal, muitas vezes traduzido em exigência: “O jornal tinha que ser muito bem-feito. Um redator não podia cometer um erro de ortografia. Já o revisor era multado quando não corrigia os erros”.

O jornalista e diácono José Nunes, que escreveu um livro sobre o taperoense, ainda inédito, conta que Dor-

gival permaneceu na redação de **A União** entre 1950 e 1960 e nos anos seguintes. Ele se destacava pela maneira rápida como produzia seus escritos. “Textos elegantes e rebuscados de muitas informações, de muita clareza gramatical, sem adjetivação. Ele escrevia com certa agilidade, datilografando na velocidade em que o pensamento se transformava em frases”, descreve José Nunes.

Outra característica referida por Nunes, a partir do testemunho dos amigos da época, era o espírito de justiça e destemor de Dorgival, pouco temendo as consequências. “Gostava do incisivo, dos resolutos, dos que vão de vontade firme, como se portava em diferentes situações”. Numa dessas, narrada pelo jornalista e também escritor Gonzaga Rodrigues, Dorgival não temeu redigir uma notícia sobre disputas políticas entre coronéis da cana-de-açúcar e do cangaço, que os demais repórteres se esquivavam para evitar maiores envolvimento.

Gonzaga não tem dúvidas de que a temporada do amigo em **A União** o forjou como escritor, creditando-o para ocupar um assento na Academia Paraibana de Letras (APL). “Aí, sob as rédeas do jornal (leia-se Juarez Batista) ele disciplinou a prosa, entornou-a em texto contido, civilizou a índole palradora, atenuando veios e destemperos. Mas sem jamais perder a paixão pelo aventuroso, pela fanfanha, por pelepas e heróis que vão de Antônio Menino, porteiro do jornal, a soldados intimoratos como Manuel Arruda de Assis”, escreve Gonzaga ao prefaciar a obra do confrade, “Gente de ontem, história de sempre”.

Severino Ramalho Leite, acadêmico da APL e, hoje, presidente da entidade, reforçou, em seu discurso de posse, o quanto seu antecessor na cadeira da Casa de Coriolano de Medeiros se realizou no jorna-



Para Dorgival, **A União** foi sua única universidade: “O jornal me colocou em contato com o universo”

lismo, tanto que buscava encontrar tempo, entre as audiências e petições do escritório de advocacia que mantinha, para escrever para jornais. “Quando estive à frente do **Jornal A União**, lhe abri espaço para artigos semanais, e os assuntos abordados eram acontecimentos pouco esclarecidos da nossa história, que ele fora em busca de detalhes, ocultos até então”, revelou. Um dos temas tratados foi a participação dos paraibanos na Guerra do Paraguai (foram mais de dois mil sacrificados), assim como um ex-governador da Província, coronel Frederico Carneiro Campos, que teria provocado a deflagra-

ção do conflito quando já estava presidindo a Província do Mato Grosso. Para Gonzaga Rodrigues, ser prefeito, vice-governador e governador foram “acidentes” de percurso na história de Dorgival, que fizeram bem à cidade de João Pessoa e à Paraíba, mas o afastaram de sua verdadeira vocação, na máquina de escrever e na militância jornalística. Esse percurso só seria retomado quando o advogado e professor de Direito deixou tais atividades para se dedicar à escrita, unindo jornalismo e história.

Nesse sentido, José Nunes ressalta que o modo de atuar do repórter Dorgival o

depois de ter referendadas tais competências e de ter se tornado membro do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, Dorgival preferia se definir como historiógrafo. Dentre os livros publicados está o já citado *Gente de ontem, história de sempre* (1991), além de *Paraíba de ontem, evocações de hoje* (1999), *Taperoá – Crônica para a sua história* (2002), e ainda *Noções preliminares de Direito Agrário* (1982).

Dorgival Terceiro Neto faleceu aos 80 anos, em 12 de abril de 2013, vítima de parada cardíaca, deixando viúva e três filhos. Foi sepultado em sua cidade natal, Taperoá, conforme desejo manifestado, inclusive, publicamente, por ocasião de seu discurso de posse na APL: “Ninguém procura o destino; percorrem-se caminhos que levam até ele. Menino do mato, nascido nas terras sáfaras de Taperoá, que foi meu berço e será meu túmulo, criei-me contemplando, a pouca distância das fraldas da Borborema, a pedra do pico, segundo ponto mais alto da Paraíba, com o feito de um polegar gigante apontando para o infinito. Mas minha admiração silenciosa para o alto, nunca me infundiu inveja e nem ambição para alcançar mais do que a vida me reservasse”.

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

Um “salvo-conduto” para a disseminação de notícias falsas

“Luis Inácio falou, Luis Inácio avisou / São 300 picaretas com anel de doutor”. Esse trecho da canção d’Os Paralamas do Sucesso me veio à mente quando li a notícia sobre a manutenção do veto do ex-presidente Jair Bolsonaro contra a criminalização de *fake news*. O veto do trecho que puniria a comunicação enganosa em massa foi mantido por 317 votos a 139, com quatro abstenções, em sessão conjunta do Congresso Nacional.

Com essa decisão, a maioria dos deputados e senadores demonstra que é a favor da difusão em massa de inverdades. Atualmente, a disseminação de *fake news* no Brasil já é criminalizada na instância eleitoral; ou seja, quando usada para prejudicar algum candidato. No entanto, faltava incluir tal tipificação em outra instância, a penal. Tal possibilidade foi rejeitada por mais de 300 políticos.

A manutenção do veto que criminalizava a propagação de *fake news* chama ainda mais a atenção quando se sabe que enfrentamos, em todo o mundo (e o Brasil não escapa disso), o fenômeno da desinformação. Claro, a produção de mentiras sempre existiu, não é algo novo. Porém, ganhou nova configuração em termos de alcance e velocidade, com reflexos diretos na política.

No contexto de pós-verdade, os pesquisadores Roberto Aparici Marino e David Garcia Marin conceituam *fake news* como “conteúdos inteiramente falsos e inventados, fabricados e propagados deliberadamente para enganar as pessoas com objetivos políticos e econômicos”. Para eles, várias estratégias são utilizadas com tal propósito, incluindo o



Em sessão conjunta do Congresso Nacional, o veto do trecho que puniria a disseminação da comunicação enganosa em massa foi mantido

que chamam de “política-cyborg”. Tal termo, conforme os autores, define a “difusão automatizada de conteúdos em redes sociais, mediante bots, especialmente no contexto de grandes eventos políticos e eleitorais”.

Cada vez mais frequente, a “política-cyborg” deve ser usada à exaustão no Brasil no segundo semestre de 2024, visto que estamos em ano eleitoral. A mentira, que dizem ter pernas curtas, acreditem: deve correr solta! Mas a maioria dos parlamentares que votaram pela manutenção do veto à criminalização de *fake news* não está nem um pouco

preocupada com boatos, mentiras, notícias falsas, desinformação.

A atitude de tais deputados e senadores aumenta a responsabilidade dos jornalistas em relação ao conteúdo que pretendem publicar. Com as redes sociais e sua imensa capacidade de disseminar informações, auxiliadas ou não por robôs, é preciso que os comunicadores atuem com cautela, apurem com precisão e reforcem seus princípios éticos no momento de decidir pela publicação dessa ou daquela matéria, para evitar a veiculação de notícias inverídicas.

Mais do que nunca, é urgente a necessidade de checar e conferir as informações, afinal há sempre um risco ao se confiar unicamente nas palavras, sem a consistência da marca dos pregos nas mãos, como exigido por São Tomé. Em tempos de inteligência artificial generativa, aliás, o cuidado deve ser redobrado. Afinal, quem vai garantir que a imagem de supostas cicatrizes não é produto de *fake news*? Os 317 deputados que deram uma espécie de “salvo-conduto” para a disseminação de notícias falsas é que não vão.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Os conjuntos vocais – XIX

Trio Nordestino – Apesar de outros conjuntos, grupos ou trios – como queriam – haverem surgido no Nordeste, seguramente foi o Trio Nordestino o que permaneceu mais fiel às tradições da chamada música nordestina, o mais puro forró, por assim dizer...

Foi Dominginhos (sanfona), que, até então tinha a alcunha de Neném, Zito Borborema (vocal e pandeiro) e Miudinho (João Batista de Lima Filho – zabumba) que, em 1957, formaram o embrião do Trio Nordestino. Viajaram por várias partes do Brasil, mas foi na Feira Nordestina, que se realizava no bairro de Bangu, no Rio de Janeiro, que eles chamaram a atenção. O medo de viajar de avião juntou-se ao matrimônio de Dominginhos, impedindo-o de proporcionar ao trio maiores voos pelo país. Em sendo assim, “passaram o bastão” para aqueles que viriam a formar um novo conjunto a que Luiz Gonzaga chamava de “Os Rouxin(h)ós da Bahia”, numa alusão – quem sabe? – à Patativa do Norte, no caso o predecessor Augusto Calheiros, mas que, por sugestão da então esposa de Gonzaga, Helena, adotou o nome com que se consagraram no universo da MPB.

Foi assim que, em 1958, firmou-se o Trio Nordestino, como o conhecemos e que se compunha dos baianos Lindú (Lindolfo Mendes Barbosa – vocal e sanfona), Cobrinha (José Pedro Cerqueira – triângulo) e Coroné (Evaldo dos Santos Lima – zabumba). Começaram fazendo apresentações em casas noturnas de Salvador, quando conheceram o músico, compositor, radicalista e humorista Gordurinha



Com zabumba, triângulo e sanfona, trio permaneceu mais fiel às tradições da música nordestina

(Waldeck Artur de Macedo) que os levou ao Rio, apresentando-os às gravadoras Odeon e RCA que, no entanto, não tiveram interesse no seu estilo musical. Buscando o seu intento, o radicalista levou-os à Copacabana gravadora pela qual, após teste dirigido pelo compositor

Nazareno de Brito, foram contratados e, em pouco mais de uma semana, gravaram as doze músicas que comporiam seu primeiro álbum (LP). Foi o sucesso obtido pela música “Chupando gelo” (Edésio Deda), um coco autêntico da música forrozeira nordestina, com

boa dosagem de duplo sentido e irreverência, bem ao gosto da época, que alavancou a carreira do trio, fazendo-os gravar 11 álbuns (LPs), um por ano, pela Copacabana, após o que migraram para a poderosa gravadora CBS, em 1967.

Com a formação rítmica e harmônica de zabumba, triângulo e sanfona, a que acrescentavam, eventualmente, uma segunda sanfona e uma bateria, no sentido de enriquecer o ritmo, o Trio Nordestino seguiu a trilha do sucesso que sempre esteve presente.

Já na CBS, em 1970, conseguiram a proeza de, com um disco de autêntico forró, alcançarem o segundo lugar em vendas, naquela gravadora, cujo primeiro lugar pertencia a Roberto Carlos. Foi a gravação do álbum que continha a criação de Antônio Barros/J. Luna “Procurando tu”, de que foi vendido mais de um milhão de cópias, levando o trio às paradas de sucesso das mais diversas regiões e atingindo os mais diferentes segmentos de ouvintes em todo o país. Outro grande sucesso da época foi “Petroliña/Juazeiro” (Jorge de Alinhô).

Com a morte de Lindú, adveio uma segunda formação com a entrada de Genaro (José Egenaldo), amigo de Luiz Gonzaga, que, posteriormente, cedeu o lugar para Beto Souza, afilhado daquele.

Uma terceira formação ainda aconteceu, quando o Trio Nordestino passou a assim se formar: Coroné, Beto do Acordaço e Luiz Mário, filho de Lindú.

O último remanescente, Coroné, faleceu em 2005, quando, então, definitivamente, mais nada restava da formação original.

TECNOLOGIA

Assistente de voz pode ter uma versão mais eficiente

Novidade da Alexa, da Amazon, deve exigir uma assinatura mensal adicional

Guilherme Guerra
Agência Estado

A assistente de voz Alexa, da Amazon, pode ganhar uma versão mais inteligente e mais eficiente em conversas, com melhor fluidez e entendimento de contexto nos diálogos. Mas a novidade deve exigir uma assinatura mensal adicional dos usuários, segundo disseram fontes internas da companhia de tecnologia americano CNBC, que publicou reportagem sobre o tema no último dia 22.

O objetivo é colocar a Alexa, que está embutida em caixas de som inteligentes como Echo Dot e foi lançada em 2014, no mesmo nível de produtos de rivais, como o ChatGPT, da OpenAI, ou o Gemini, do Google. Graças à tecnologia de inteligência artificial generativa e de modelos amplos de linguagem (LLM, na sigla em inglês), esses robôs conseguem receber comandos, entender contextos e gerar conteúdos, tornando-os próprios para interação com o usuário. A Amazon pretende utilizar o LLM próprio, batizado de Titan, para turbinar a IA.

O plano é cobrar uma mensalidade adicional dos usuários, afirma o canal CNBC. Essa assinatura não estaria incluída no plano Prime, que dá acesso a serviços de streaming de filmes e TV, música, livros e de entregas rápidas no site da companhia. O preço ainda não foi definido pela Amazon.

Um dos motivos para a assinatura mensal é bancar os custos de operar uma "Alexa mais inteligente". Isso porque, para o serviço

rodar na nuvem, a companhia precisa instalar mais centrais de dados, utilizar mais unidades de processamento gráfico (GPUs) e rodar a tecnologia em mais supercomputadores - operação que, no momento, é mais custosa para as empresas de tecnologia. A OpenAI, por exemplo, cobra US\$ 20 ao mês para usar os recursos de ponta do ChatGPT.

Segundo relataram as fontes ao canal CNBC, a Alexa sempre foi uma prioridade de Jeff Bezos, fundador e CEO da Amazon até 2021. Desde então, o presidente executivo é Andy Jassy, que operou um corte de custos na empresa durante a pandemia da Covid e demitiu milhares de funcionários, o que levou a companhia a despriorizar investimentos na Alexa.

Recentemente, a Amazon investiu US\$ 2,75 bilhões na startup Anthropic, fundada em 2021 por ex-funcionários da OpenAI e tida como um dos nomes alternativos no mercado de inteligência artificial. A parceria visa a fi-

nanciar as operações da startup, bem como compartilhar a tecnologia entre as duas companhias, em modelo similar à cooperação entre Microsoft e OpenAI.

A Amazon não comentou aos pedidos de resposta do canal CNBC.

A discussão de uma nova Alexa acontece em meio a uma corrida da inteligência artificial entre as grandes empresas de tecnologia. Ameaçadas pela ascensão da OpenAI, cujo ChatGPT ganhou

uma versão mais eficiente na semana passada, tanto a solução da Amazon quanto a Siri, da Apple, se veem "datadas" e inúteis se comparadas aos novos serviços. Agora, essas companhias correm para melhorar suas assistentes.

A Apple planeja inserir IA nos serviços e sistemas operacionais da marca, incluindo a própria Siri, a assistente de voz da marca. As novidades devem ser anunciadas em evento marcado para 10 de junho.



Objetivo é colocar a Alexa, que está embutida em caixas de som inteligentes como Echo Dot, no mesmo nível de produtos de rivais, como o ChatGPT

Foto: Divulgação/Amazon



Foto: Divulgação/Neuralink

Eita!!!!

Implante cerebral em humanos

A empresa Neuralink, do bilionário Elon Musk, dono da Tesla e do X, ex-Twitter, realizou um implante cerebral inserido no seu primeiro paciente humano, Noland Arbaugh (foto acima); Porém, o projeto teve problemas e 85% dos fios instalados se soltaram, segundo *The New York Times*. De acordo com o *blog* da Neuralink, para contornar o problema, foram feitas modificações no algoritmo de gravação para que o chip fosse mais sensível aos sinais mentais de Arbaugh, sendo capazes de traduzir esses sinais em movimentos do cursor que movimentam as interfaces, tais como um jogo de computador. Apesar disso, a empresa já teve o aval do órgão federal norte-americano Food and Drug Administration (FDA) para fazer o implante no segundo humano.

Sigilo sobre a criação da empresa

A Neuralink Corp. foi registrada em julho de 2016, na Califórnia, como uma empresa de "pesquisa médica". A informação de que se tratava de implantes cerebrais só veio à tona após uma reportagem de março de 2017, no *The Wall Street Journal*.

Teste foi em porca e macaco jogou Atari

O primeiro teste da nova tecnologia ocorreu em 2020 em animais. A escolha para o que foi chamado "prova de conceito" foi a porca Gertrude. O chip implantado no cérebro da porca era capaz de prever com precisão o seu posicionamento quando ela caminhava em uma esteira ou quando farejava em busca de comida. Em um anúncio posterior, em abril de 2021, um outro teste em animais havia sido feito, desta vez um implante de um neurotransmissor no cérebro de um macaco. O vídeo mostrava o símio jogando, apenas com a mente, o *Pong*, jogo eletrônico de tênis de mesa lançado pela Atari em 1972. Os testes foram alvo de críticas do comitê de responsabilidade médica dos EUA, que a acusava de maus-tratos contra os animais, o que Musk negou.

Um chip chamado "telepatia"

O chip implantando no primeiro humano chama-se Telepathy ("telepatia", em português). Entre outras coisas, o chip poderá acionar o Spotify e permitir que a pessoa ouça diretamente no seu cérebro a música, tornando obsoleto até os ouvidos. Para "costurar" o emaranhando de mais de mil fios finos (eletrodos) no cérebro e ligá-lo ao chip Telepathy, foi necessário criar um robô específico, semelhante a uma máquina de costura.

Na busca de novos candidatos

Segundo o *blog* da Neuralink, neste primeiro momento os testes em humanos estão voltados para pessoas com tetraplegia. O site da empresa deixou um cadastro aberto para interessados em participar da pesquisa.

(Com informações da Agência Estado)



Imagem: Pixabay

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: semelhante (1) = tal + altere (2) = mude. Solução: livro básico do Judaísmo (3), = Talmude. Charada de hoje: Na mesma embarcação (2), conduziam o mamífero (2) e a pedra do altar (2) para sacramentá-los em forma de um desenho rupestre (6).

Tiras

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

O Conde



Zé Meiota



9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 - orelha do Centauro; 2 - língua da cobra; 3 - tangara; 4 - rã; 5 - galdo; 6 - rã; 7 - manchas do Centauro; 8 - folha; 9 - galdo.